

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
BRUNA DEL CHIARO NIEBLE**

**FESTAS DE CASAMENTO E HOSPITALIDADE:
PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS**

**São Paulo
2010**

BRUNA DEL CHIARO NIEBLE

**FESTAS DE CASAMENTO E HOSPITALIDADE:
PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS**

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Dimensões Conceituais e Epistemológicas da Hospitalidade e do Turismo da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles

**São Paulo
2010**

BRUNA DEL CHIARO NIEBLE

**FESTAS DE CASAMENTO E HOSPITALIDADE:
PERMANÊNCIAS E MUDANÇAS**

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Dimensões Conceituais e Epistemológicas da Hospitalidade e do Turismo da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles

Aprovado em

Nome do orientador

Nome do convidado

Nome do convidado

DEDICATÓRIA

Aos 40 anos de casados dos meus pais. Pais especiais que me ensinaram a caminhar e a seguir com coragem e determinação. Pais que me deram um modelo de união e amor mesmo frente aos problemas da vida.

Ao Thiago, com quem pretendo trilhar um caminho repleto de bons frutos e felicidade...

Aos entrevistados, que me cederam um pouquinho de sua vida, suas lembranças, suas lágrimas e seu tempo...

AGRADECIMENTOS

À Professora *Maria do Rosário Rolfsen Salles*, um obrigada especial por acreditar, apoiar e dedicar-se junto a mim neste trabalho repleto de idas e vindas.

Muito obrigada à banca de qualificação composta também pelos professores *Marielys Siqueria Bueno* e *Luiz Octávio de Lima Camargo* assim como a professora *Sênia Regina Bastos* pelos ótimos conselhos e críticas construtivas que renderam páginas deste trabalho.

Obrigada aos meus *amigos e família* que puderam compreender minha ausência diante da realização deste trabalho e pelo apoio de sempre com suas palavras e incentivo.

“O tempo da nossa história se acelera vertiginosamente. É um tempo marcado pelas mudanças, transformações e destruições, que contrasta com outros tempos: os tempos das permanências, da continuação e da memória.” (MATOS, 2002)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Símbolos encontrados nos casamentos.....	34
Quadro 2 Os tempos/ espaços da hospitalidade humana.....	42
Quadro 3 Cardápio das entrevistadas década de 1960.....	57
Quadro 4 “ <i>Check List</i> ” de preparativos para a festa de casamento	64
Quadro 5 Porcentagem de dinheiro gasto na festa de casamento.....	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Número de casamentos por ano no Brasil.....	30
Gráfico 2 Casamentos no Brasil entre 1998 e 2008.....	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Brinde de casamento em casa, 1969.....	46
Figura 2- Presentes de casamento, 1970.....	51
Figura 3- Casamento em casa 1967.....	53
Figura 4- Noiva e noivo cortando o bolo em casa, 1969.....	56
Figura 5- Casamento em casa, 1970.....	58
Figura 6- Casamento em casa, 1963.....	59
Figura 7- Casamento civil em casa, 1969.....	60
Figura 8- Noivos e padrinhos brindando em Buffet, 2005.....	63
Figura 9- Noivos na pista de dança em Buffet, 2005.....	65
Figura 10- Mesa de convidados casamento Buffet, 2010.....	71
Figura 11- Bolo de casamento em Buffet 2009.....	74
Figura 12- Mesa de petiscos, casamento em Buffet 2010.....	76
Figura 13- Festa de casamento em Buffet 2010.....	81
Figura 14- Noivinhos do topo de bolo do casamento da autora, 2010.....	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. FAMÍLIA E CASAMENTO	18
1.1 A Família na História: Breves considerações sobre os estudos.....	20
1.2 Considerações sobre os estudos da família no Brasil	22
1.3 Casamento hoje no Brasil.....	27
2. COMENSALIDADE E FESTA	32
2.1 Sobre festa de casamento.....	33
2.2 Festa: Alimentação e mudança.....	36
2.3 Festa de casamento e hospitalidade.....	40
3. CASAR-SE NA DÉCADA DE 1960 CASAR-SE DEPOIS DE 2000	45
3.1 Casar-se na década de 1960	46
3.1.1 O receber na década de 1960.....	51
3.1.2 O alimentar na década de 1960.....	55
3.1.3 O entreter na década de 1960.....	59
3.2 Casar-se depois de 2000	62
3.2.1 O receber depois de 2000.....	71
3.2.2 O alimentar depois de 2000.....	73
3.2.3 O entreter e depois de 2000.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	88
ANEXO A: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	92
ANEXO B: TERMOS DE CESSÃO DE IMAGEM	94
ANEXO C: ENTREVISTAS	98

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é refletir sobre o significado e as transformações nas formas de receber em festas de casamento, ao longo das décadas de 1960 e na atualidade em que as recepções em casa, cederam lugar a recepções em *buffets* e espaços especializados, sem perder, contudo, o caráter de recepção em família. Assim procurou-se estudar as permanências e mudanças no caráter da recepção, como forma de conagração entre famílias e convidados que se expressa como ritual de passagem na formação de um novo núcleo familiar. Nesse contexto, a alimentação aparece como parte importante da comemoração e se apresenta como um elemento fundamental na recepção, que se apresenta como uma forma de sedimentar novas e antigas relações renovadas no momento da nova união, fazendo da comensalidade, mesmo diante das mudanças na alimentação nos últimos tempos, expressão de parte significativa da sociabilidade entre famílias e convidados. A pesquisa consistiu num primeiro momento, num levantamento bibliográfico sobre o tema, que considerou as principais mudanças no caráter dessa festa no âmbito familiar, e serviu de fundamento ao referencial teórico, assim como, consistiu, num segundo momento, numa pesquisa de caráter qualitativo, com a realização de entrevistas com pessoas que se casaram e realizaram uma festa, no período estudado. A década de 1960 foi considerada como um marco de mudanças significativas em diversos aspectos da vida social e familiar, que, do ponto de vista da recepção de casamento, se expressam nas diferenças na maneira de receber, alimentar e entreter convidados ao longo do tempo. O estudo, de natureza qualitativa objetiva evidenciar as persistências e mudanças mais significativas que simbolizam esse rito de passagem à luz da teoria da hospitalidade que pode iluminar aspectos importantes da sociabilidade entre anfitriões e convidados e as formas de recepções em festas de casamento. Os resultados apontam para uma mudança em certos aspectos importantes da recepção, organização e profissionalização da festa e da recepção, observando-se, contudo, que o significado de confraternização entre famílias, anfitriões e convidados, se mantém como parte do ritual da festa de casamento.

Palavras-chave: Festa de casamento. Hospitalidade. Ritual. Alimentação. Família.

ABSTRACT

The aim of this paper is to reflect on the meaning and transformations in the ways of entertaining at wedding receptions throughout the 1960s until today, where the receptions at home have given way to buffets and receptions in specialized areas without lose the character of a family reception. So we tried to study the continuities and changes in the character of the reception as a way of reconciliation between families and guests that is expressed as a rite of passage in the formation of a new family. in this context, the power appears as an important part of the celebration and introduced himself as a key element in the reception, which is presented as a way to settle old and new relationships renewed when the new union, making the edibility, expression of a significant part of the sociability between families and guests. the research consisted at first, a bibliography on the topic, which saw major changes in the character of this feast in the family, and served as the theoretical foundation, and consisted in a second step, a qualitative research study, with interviews with people who married and held a feast in the period studied. The 1960s was considered a milestone of significant changes in various aspects of social and family life, from the point of view of the wedding reception, express themselves on the differences in the way they receive, feed and entertain guests over time. The study was qualitative aims to highlight the most significant changes and continuities that symbolize this rite of passage in light of the theory of hospitality that can illuminate important aspects of sociability between hosts and guests and receptions in the forms of wedding parties. The results indicate a change in some important aspects of reception, organization and professionalization of the party and reception. However, the meaning of fellowship between families hosts and guests is maintained as part of the ritual of the wedding party.

Keywords: Wedding party. Hospitality. Ritual. Food. Family

INTRODUÇÃO

As festas de casamento e os rituais que as acompanham são um importante objeto de estudo para a teoria da hospitalidade. Realmente, a associação entre festas de casamento e hospitalidade, remete para o significado da festa, do acolhimento e da recepção, para a consolidação de uma nova união que envolve famílias diferentes, ao sentido das relações pessoais e da intimidade e, portanto, da dimensão pessoal à dimensão pública que é simbolizada pela festa. Além disso, a festa simboliza a reafirmação de relações, quer seja no estreitamento e reafirmação de relações, quer seja na sedimentação de diferenças já existentes e que, por ocasião da festa, podem se manifestar. A festa representa assim a possibilidade de sociabilidade no âmbito das relações familiares, entre amigos e vizinhos, além do estreitamento de relações políticas, econômicas, etc., ao mesmo tempo em que possibilita também a reafirmação das diferenças e da hostilidade.

A festa de casamento se apresenta como um ritual de passagem, a formação de um novo casal e uma satisfação à sociedade. Assim como nos rituais antigos, em que a celebração então simbolizava a entrega da mulher ao seu marido, a celebração do casamento é um momento que simboliza um dos marcos mais importantes nas transformações das relações em família. O casamento simboliza a passagem para a vida adulta, a festa é a anunciação desta passagem.

Tratando-se de um tema muito próximo ao meu universo de trabalho, que é a alimentação e gastronomia, a reflexão sobre o significado das festas de casamento sempre acompanhou a observação do ponto de vista profissional e despertou a curiosidade em entender as visíveis mudanças nas formas de receber que tem evidenciado o crescimento de serviços especializados na organização das festas e recepções. Além disso, a alimentação desempenha um papel significativo no conjunto dos elementos que compõem a recepção e é uma parte importante do ritual, remetendo à idéia da comensalidade e que através dela, se pode estreitar relações, aproximar os convidados e representar a possibilidade de encontro de famílias, amigos, parentes, consolidando a formação de um novo núcleo familiar.

A idéia inicial deste trabalho era a partir de informações sobre o que se servia em casamentos da década de 1960 e do que se serve nos casamentos atualmente, traçar as diferenças no campo da alimentação e comensalidade, comparando o sentido da alimentação nestas festas antes e atualmente. No entanto, a complexidade das mudanças que envolvem o tema da família e do casamento em geral, e no Brasil, em particular, impôs uma reflexão mais

aprofundada nas transformações na maneira de receber, alimentar e entreter convidados, no contexto dos fundamentos sociais dessas relações.

Assim, tratando-se de um Mestrado em Hospitalidade, optou-se por focar o objetivo da pesquisa que deu origem a esta dissertação, na questão do universo de relações que compõem o ritual em torno das festas de casamento, entendendo o ritual como o símbolo de um momento de passagem à vida adulta e à constituição de uma nova família. O tema se faz significativo, uma vez que festa de casamento, recepção, partilha de alimentos e entretenimento, estão fortemente ligados à hospitalidade e presentes no contexto do cotidiano das famílias, refletindo em transformações sociais mais amplas.

O conceito de ritual é importante, na medida em que auxilia a compreender a festa de casamento como uma ritualização que simboliza a passagem de um estágio a outro na vida de um novo casal, ou seja, é um rito de passagem à vida adulta. Assim, os rituais têm funções determinadas num dado contexto social. O seu significado na década de 1960, certamente não é o mesmo do que ele significa na atualidade, embora se preservem características básicas ao longo do tempo.

A pesquisa que embasou este trabalho tem por objetivo entender as permanências e mudanças no ritual das festas de casamento na década de 1960 e na atualidade, caracterizando-se como uma pesquisa de caráter qualitativo, onde foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com pessoas (um homem e 5 mulheres) que se casaram na década de 1960 e após o ano 2000. Considerou-se segundo Bauer e Gaskell (2002), que a entrevista individual consiste em uma conversação com o entrevistado sendo o uso do gravador um recurso necessário. Na entrevista individual, o entrevistador necessita de um tópico guia que permeia os problemas centrais da pesquisa, nunca se esquecendo de levar em consideração a abertura e a descontração na hora da entrevista.

Assim, tendo como foco a família e os significados do casamento e da festa objetivou-se entender, segundo Camargo (2004), os tempos da hospitalidade: o receber, o alimentar, o entreter e o hospedar, privilegiando-se, no caso das festas, os três primeiros.

A seleção dos entrevistados deu-se por indicação, a critério do pesquisador e segundo os interesses da pesquisa. As hipóteses que orientaram o trabalho apontam para as transformações sociais que acabaram por refletir na estrutura das famílias na atualidade, que mudaram de caráter ao longo dos anos, e além disso, determinaram tamanhos menores de famílias, onde se observam mudanças nos papéis desempenhados por homens e mulheres, marcados principalmente pela emancipação feminina.

Considerou-se que a família passou por diversos momentos ao longo das décadas e, como diz DIAS, (2006), pode-se observar que diferentemente do modelo em vigor até as primeiras décadas do século XX, quando as decisões sobre a escolha do cônjuge ainda se baseavam em escolhas por interesse familiar, as uniões foram se pautando pelas escolhas individuais, assim como deu-se a redução no número de filhos e demais componentes, até a constituição da família conjugal moderna. A década de 60 costuma ser apontada como um marco nas transformações no caráter da família, em função de uma série de fatores como a participação mais evidente da mulher no mercado de trabalho e a emancipação feminina, que resultaram em novas organizações familiares e imprimiram cada vez mais o caráter de escolha individual dos parceiros na constituição das famílias, compostas hoje por prole reduzida, modelos alternativos, pais divorciados etc. Essa situação, contudo, não significou ao que parece, o enfraquecimento da instituição familiar ou o decréscimo do número de casamentos, embora seja real o aumento do número de divórcios como será apresentado mais adiante.

A opção pelas entrevistas semi-estruturadas e pelos depoimentos ajudou a esclarecer significados da cerimônia e da festa de casamento e sua permanência. Optou-se por trabalhar apenas com a festa, não importando se houve ou não a cerimônia religiosa. Utilizou-se também algumas imagens com o intuito de ilustrar o trabalho. As imagens foram cedidas por pessoas que se casaram nos últimos 50 anos e ressaltam com clareza as diferenças na maneira de receber em festas de casamento durante este período.

As mudanças sofridas nas últimas décadas, nas maneiras de receber e no caráter das festas de casamento mostram que, embora persistam como uma forma de confraternização entre famílias e amigos, as festas de casamento deixaram de ser uma atividade que se passa no âmbito doméstico apenas, e com a participação de toda a família, para ceder lugar a formas diferenciadas de recepção, como montagem de um “espetáculo”, ainda que conservando de alguma maneira, o caráter de conagração entre famílias e convidados.

O que também chama a atenção nesse processo é a velocidade das mudanças em tão curto espaço de tempo. Carvalho (2004), por exemplo, relata que há cinquenta anos, festas de casamentos na cidade de São Paulo que eram realizadas em casa com a participação da família em geral, cederam lugar a uma praticidade “comprada” em bufês e salões. Ainda para esse autor, a mudança do estilo de vida da mulher e a sua entrada no mercado de trabalho, sobretudo a partir da década de 1960, foram fatores decisivos para mudanças significativas nas práticas alimentares que acabaram refletindo no cotidiano das famílias e conseqüentemente, nas formas de receber.

Essa dissertação está estruturada em três capítulos, assim organizados: no primeiro capítulo, intitulado Família e casamento, concentrou-se na fundamentação teórica e histórica sobre família e família brasileira, utilizando-se autores contemporâneos que constituem a referência para os estudos sobre a família. Para discorrer sobre a família brasileira e casamentos no Brasil, utilizou-se igualmente autores cuja abordagem permite a compreensão dos fundamentos da família patriarcal no Brasil. Levou-se em consideração também o sentido legal do matrimônio e as mudanças introduzidas a partir da separação entre Igreja e estado instituída pela República.

O segundo capítulo, intitulado Comensalidade e festa, aborda o tema casamento, alimentação, festas e hospitalidade. Tratou-se neste capítulo a questão da hospitalidade em festas. Raffestin (1997), Godbout (1997), Mauss (1974), Grassi (2004) e Camargo (2004), são alguns dos autores utilizados para explicar a relação festa de casamento e hospitalidade.

Ainda no segundo capítulo, discorreu-se sobre alimentação e festa. Sabe-se que a partilha de alimentos em comemorações não é algo recente. Strong (2004), Cascudo, Kelly (2005) dentre outros são autores que descrevem exemplos de comemorações e rituais onde se serviam comidas e bebidas em abundância. Além da presença da comida em festas e ritos, discorreu-se também sobre as transformações ocorridas na alimentação do homem nos últimos anos.

O capítulo 3 intitulado Casar-se em meados de 1960 e após 2000 é destinado a apresentar os resultados da pesquisa e à análise das entrevistas. O capítulo foi dividido em três partes onde se analisou as entrevistas segundo as categorias do receber, entreter e alimentar em festas de casamento na década de 1960 e em festas de casamento depois do ano de 2000. Realizou-se então, a comparação entre o envolvimento familiar e pessoal nas festas de casamento da década de 1960 e o atual, bem como a seleção dos convidados, a dimensão atribuída à festa, o local da festa, a alimentação, a relação anfitrião e convidados, o peso da celebração e outros critérios que podem ser conferidos ao longo do capítulo.

Assim, objetivou-se mostrar as características da festa de casamento para as famílias na década de 1960, que implicavam em envolvimento familiar, na preparação “doméstica” da celebração que se estendia à confecção do vestido, na preparação dos salgadinhos, docinhos e bolo. Casar-se em 1960 atribuía ao ritual um peso de iniciação sexual, entrada para a vida a dois e entrega da mulher ao marido, através de outro rito nem sempre realizado nos dias atuais: o noivado. Todo esse envolvimento e o próprio “peso” do casamento foi aos poucos sendo modificado como mostra Del Priore (2005), com a emancipação feminina. Casar-se e

ter uma festa de casamento no ano de 2000 não é mais requisito para morar junto. Entretanto, casar-se e realizar a festa de casamento ainda possui um significado forte frente à sociedade e à família como será observado nos capítulo 3, no entanto, deixa de ser pré-requisito para o início de uma vida conjugal.

CAPÍTULO 1 – FAMÍLIA E CASAMENTO

A relação entre família e casamento implica uma análise cuidadosa das mudanças e permanências nessas instituições ao longo da história, sobretudo no Brasil.

A passagem do século XIX ao século XX, no Brasil, é marcada por transformações que se delineiam nos horizontes da sociedade brasileira desde meados do século XIX, particularmente a partir de 1850, com as perspectivas de reestruturação das relações de trabalho a partir do anúncio das discussões sobre o fim da escravidão, o que, no entanto, só viria a acontecer de fato em 1888, às vésperas da proclamação da República. Nesse espaço de tempo, sinalizam-se mudanças importantes e que terão repercussão na dinâmica das relações familiares. São importantes, por exemplo, os debates sobre a República e a Abolição com a introdução de novas formas de relações de trabalho, até a efetiva complexificação dos espaços urbanos e das relações que anunciam a introdução de novos valores impostos pela ordem burguesa em ascensão, o que forçará a modernização e a higienização do país, segundo padrões europeus, civilizados, à moda parisiense e segundo preceitos franceses.

No início do século XIX, a vida urbana, praticamente inexistia no Brasil, que podia ser caracterizado então, como um enorme país rural, com um estilo de vida profundamente marcado pela aristocracia portuguesa, pelo cotidiano das grandes propriedades rurais e pelo sistema escravista que impunha um modelo de família, a família patriarcal brasileira em que o poder cabia ao “*pater familias*” ao redor do qual gravitavam membros da família, escravos, agregados, ao estilo casa grande e senzala, embora com diferenças entre as regiões brasileiras segundo os tamanhos das propriedades, onde muitas vezes não imperava a grande propriedade e os estilos mais aristocráticos de vida. Perto do século XIX, a cidade é um apêndice da área rural, reflete a estratificação rural, pequena população fixa, alguns artesãos, mas também um grande número de pessoas sem ocupações definidas. Durante todo o século XIX, o desenvolvimento do capitalismo e da vida urbana, a ascensão de uma burguesia proveniente da aristocracia agrária, apontavam para o surgimento de uma “nova mentalidade” propiciada pelas novas alternativas de convivência social que “reorganizava as vivências familiares e domésticas do tempo e por que não, a sensibilidade e novas formas de pensar o amor” (D’INCAO, 2004, p. 223). Desenvolve-se uma “nova mulher nas relações da chamada família burguesa, marcada pela valorização da intimidade e da maternidade”.

Ao iniciar-se o século XX, introduzem-se novos valores numa sociedade ainda com resquícios escravocratas baseada na exploração agrária. Sobretudo depois da República, a

modernização das cidades como o Rio de Janeiro, impõe um padrão europeu de civilização e europeização, materializado nas reformas urbanas do Prefeito Pereira Passos. As distinções entre as elites e os pobres, se acentuam, não se tolera mais a pobreza nos centros urbanos. A rua, “lugar público”, se opõe definitivamente ao espaço privado da família e da casa. As casas se redefinem e refletem a intimidade da família, os limites do convívio, a sala de visitas, os salões. A mulher de elite passa a frequentar espaços públicos como cafés, bailes e teatros, mas aprende a se comportar em público, convive de maneira educada. As alcovas representam o espaço do segredo, da individualidade e da privacidade. (D’ Incao, 2004, p. 229).

A emergência da família burguesa reforça no imaginário, a importância do amor familiar e do cuidado com o marido e os filhos, redefine o papel feminino e ao mesmo tempo, reserva à mulher novas e absorventes atividades no interior do espaço doméstico. Percebe-se o endosso desse papel por parte dos meios médicos, educativos e da imprensa, no sentido de “educar” a mulher para seu papel de guardiã do lar e da família. A Medicina, por exemplo, combatia severamente o ócio e sugeria que as mulheres se ocupassem ao máximo dos afazeres domésticos. Considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, esposa e mãe da família burguesa, deveria adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, construir descendência saudável e cuidar do comportamento da prole. (D’Incao, 2004. p.230).

É uma manifestação da sensibilidade romântica que impõe um ideal de amor como um estado da alma. Diz a autora acima mencionada que na Literatura Brasileira esse estado de alma aparece em primeiro lugar, nos romances de Joaquim Manoel de Macedo e José de Alencar em que os sentimentos novos apontam para a escolha do cônjuge que passa a ser vista como condição de felicidade, ainda que dentro do quadro de restrições da época, à distancia, sem grandes aproximações. (p. 234). No romance *A Moreninha* de Joaquim Manoel de Macedo (1844-45), introduz-se o “amor moderno” de maneira bastante clara e didática, o amor como um estado de alma e no romance *Senhora*, de José de Alencar, o amor é sempre vitorioso vence, sobretudo, os interesses econômicos no casamento.

Entretanto, há profundas diferenças entre os comportamentos das mulheres da elite e das classes populares, para as quais as exigências eram impossíveis de ser cumpridas: as mulheres pobres precisavam trabalhar. “Das camadas populares se esperava uma força de trabalho adequada e disciplinada. Especificamente sobre as mulheres, recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem”. (Soibet, 2004, p. 362). A autora enfatiza que a organização familiar dos populares assumia uma multiplicidade de formas, sendo inúmeras as

famílias chefiadas por mulheres. No entanto, a implantação dos moldes da família burguesa entre os trabalhadores era encarada como essencial, visto que no regime capitalista que se instaurava com a supressão do escravismo, no custo de reprodução da força de trabalho era considerado como certa a contribuição invisível não remunerada do trabalho doméstico das mulheres. Além disso, ainda segundo a autora, a concepção de honra e de casamento das mulheres pobres, era considerada perigosa para a moralidade da nova sociedade. Considerava-se a fragilidade, o recato, a subordinação da sexualidade à vocação maternal, em oposição ao homem que conjugava à sua força física, uma natureza autoritária, empreendedora, racional, e uma sexualidade sem freios. Para as mulheres a sexualidade era impedida antes do casamento e depois restringida ao âmbito desse casamento.

Este capítulo tem como objetivo relacionar a família ao casamento, responsável por marcar a passagem à vida adulta e à formação de um novo "núcleo". Para tanto, utilizou-se vários autores e teorias com base na família, na família brasileira, no casamento, bem como em pesquisas da atualidade encontradas em revistas e jornais. Como se observou, ressalvadas as contribuições diferentes que os trabalhos acadêmicos e jornalísticos podem ter, optou-se por utilizar esses diferentes tipos de fontes, os trabalhos não acadêmicos, podendo trazer informações muito pertinentes também, sobre o funcionamento do “mercado de casamentos”, que se observa hoje em dia.

1.1 A Família na História: Breves considerações sobre os estudos

A família como objeto de estudos históricos é relativamente recente. Referindo-se a essa trajetória, Almeida, 2001, lembra que antes do século XX, no século XIX, alguns autores como Jacob Bachofen na 2ª metade do século XIX, que publicou em 1861, *O direito materno* e o historiador americano Charles Morgan, com o livro *A sociedade antiga*, editado em 1887, e também, mais conhecido, F. Engels, que se utilizou dos estudos de Morgan e de Karl Marx, para escrever *A origem da família, da propriedade e do Estado*, de 1884, se caracterizam por abordagens diversas, mas cujas contribuições se restringem à oposição entre tipos de família dos tempos primitivos à civilização. No caso, essa oposição tinha como parâmetro a sociedade contemporânea deles, o século XIX, segundo a qual, buscavam compreender o que teria precedido à família patriarcal do mundo ocidental cristão do *pater familias* e da propriedade. Com a mentalidade anticlerical de então, do pensamento progressista e positivista do século,

diz a autora mencionada, demonstraram que a família patriarcal era uma instituição historicamente determinada e não avançaram mais.

Para os objetivos deste trabalho, importa mostrar rapidamente, acompanhando levantamento de Almeida, 2001, as contribuições da *École des Annales*, criada por Marc Bloch e Lucien Febvre juntamente com a revista *Annales d'histoire économique et sociale*, fundada em 1929 em Strasbourg, França, cuja característica era uma análise multidisciplinar da família com as contribuições da Antropologia, Sociologia, a Geografia, a Psicologia. Lançam as bases da psico-história e mais tarde, conhecida como História das Mentalidades, em que se destacará Philippe Ariès, por exemplo.

Nos anos 50, com Fernand Braudel, há um relativo abandono da vertente mais histórica para uma quantitativa, que privilegiava as “permanências”, mais do que as mudanças.

Na década de 70, aparece uma 3ª. Geração dos *Annales*, que acentua a tendência à abolição do tempo histórico, ocupando-se mais daquilo que se repete. Desaparece o homem como sujeito da história e sua subjetividade, privilegiando-se também o estudo de documentos para mapeamento de mudanças de atitudes num tempo de longa duração. O historiador então almeja a objetividade científica e ampliam-se os objetos de estudo como a família, a sexualidade, o casamento, a mulher, a criança. São desse período, L. Flandrin, E. Shorter, entre outros, como o chamado Grupo de Cambridge. (Almeida, 2001, p. 3).

Destaca-se, entretanto, Philippe Ariès que em 1960, publica *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, com uma preocupação demográfica e histórica e cuja marca fica sendo o destaque para um ponto de inflexão na história do que se convencionou chamar de “mentalidades”, na passagem do Antigo regime para a mentalidade burguesa e moderna, situando portanto, historicamente, as mentalidades.

Philippe Ariès (1981), parte do princípio de que o sentimento de família está diretamente associado ao sentimento de classe. Para o autor, a família constituiu-se pelo afastamento e fechamento da burguesia no século XVIII, que acabou por refletir também em um fechamento ao convívio social, característico da sociabilidade do Antigo Regime. O autor afirma que uma nova mentalidade foi definitivamente desenvolvida entre os séculos XV e XVIII e que esse processo exprimiu uma mudança na sociabilidade, em que se esboça a criação de um espaço privado onde a velha sociabilidade medieval tornava-se incompatível com a nova ordem social emergente, sendo que a partir do século XVIII, observa-se uma nova modalidade mais intimista da família, que vai dar origem ao modelo de família burguesa. Dessa forma o desenvolvimento da sociedade burguesa e as transformações impostas pela

industrialização e urbanização crescentes, impõem novas maneiras de organização social baseadas na família e classes sociais. (Salles, 1983).

Assim, Ariès ainda preocupa-se com a evolução dos sentimentos, das mentalidades, afirmando que não há um enfraquecimento da família enquanto instituição em função do aumento do número de divórcios, mas o enfraquecimento da autoridade marital e a entrada da mulher no mercado de trabalho. A família se fortalece em novas bases, como instituição. Todas essas transformações tiveram por consequência, uma nova organização da vida quotidiana, a rua, o espaço público, por um lado, como o lugar dos negócios, da vida profissional, dos espetáculos, e a vida privada e a intimidade de outro.

Desde o século XVIII a família começa a tomar distância aos olhos da sociedade e remeter-se a uma zona de vida privada cada vez mais extensa. A organização da casa, da casa moderna que mantém a independência de cada cômodo, inaugura o “conforto” moderno, ao mesmo tempo em que se desenvolve a intimidade, uma das maiores transformações da vida quotidiana sob seio da burguesia e aristocracia. (SALLES, p. 173)

Além de P. Ariès, Elisabeth Badinter, segundo Almeida, 2001, 20 anos depois, escreve *A História do amor materno*, ressaltando aspectos como o instinto materno, inexistente no Antigo regime, como corolário do pensamento burguês na passagem do século XIX para o XX.

Matos (2002), afirma que a demarcação entre o público e privado foi traçada de maneiras diferentes, o que significa que houve momentos em que as atividades familiares e públicas se mesclaram e outros em que se diferenciaram. Para a autora as categorias de público e privado não devem ser usadas para qualquer época ou sociedade.

Roudinesco (2003) possui uma visão diferente sobre a formação do sentimento de família. Para a autora, não foi apenas a partir da sociedade, ou seja, da influência cultural que surgiu a família, mas também a partir de um sentido biológico que está ligado à própria natureza humana. A autora ainda relata que a família é decorrente de diversas origens. Podem ser estas origens a sucessão e descendência dos indivíduos, uma dinastia, uma casa, uma linhagem ou mesmo um conjunto de pessoas ligadas pelo casamento.

1.2 – Considerações sobre os estudos da família no Brasil

Todas as discussões levadas à efeito na Europa influenciaram os estudos sobre a

família no Brasil, além da retomada de clássicos como Gilberto Freyre. A discussão tem origem mais precisa na década de 80, com a retomada da obra *Casa Grande e Senzala* de G. Freyre, mas contestando o caráter patriarcal da família brasileira no Sudeste brasileiro, considerando-se o modelo exposto por Freyre, válido para o NE. Colonial. Ocorre que, segundo Almeida, 2001, Freyre não falava em modelo, mas em mentalidade, do ponto de vista histórico e nacional, compondo diferentes visões de mundo associadas às classes e grupos sociais, como um sistema de dominação e submissão, que caracteriza a intimidade da família patriarcal.

Almeida, (2001), entende a família brasileira a partir da retomada de Freyre, Ariès, Badinter e Flandrin, a partir dos quais é possível entender as bases da família e do casamento no Brasil baseado no Antigo Regime português que foi profundamente marcado pelo catolicismo da Contra-Reforma, pela presença marcante dos jesuítas e pelo clima de terror da Inquisição. Assim, “a bastardia, a prostituição e a mancebia eram instituições perfeitamente integradas no Antigo regime português no Brasil” e a mulher tornava-se cabeça do casal em caso de desaparecimento deste, segundo as Ordenações Filipinas. Assim, para entender a família nuclear moderna, é preciso entender as bases dessa família que G. Freyre chamou de patriarcal, assim como Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, mas cujas origens são bem brasileiras. Não houve uma Revolução burguesa nos moldes europeus no Brasil, que se opusesse aos proprietários rurais no Império e na República. A nova mentalidade sobre a família, no entanto, pôde chegar ao Brasil, assim como o ideal republicano, o higienismo, etc. E no Brasil a ideologia da família burguesa encontrou “uma sutil combinação da mentalidade católica da colonização portuguesa, amolecida pelos costumes frouxos vigentes abaixo do Equador, com a gestada pela existência da família patriarcal rural e escravista. Esse ‘desembarque’, deu lugar ao confronto e à acomodação entre o ‘moderno’, que chegava da Europa e a mentalidade típica do país”. (ALMEIDA, 2001, p. 7).

A história do século XIX no Brasil é riquíssimo de exemplos desse entrelaçamento de como a classe dominante rural assumiu aspectos dessa nova mentalidade mais como signo de modernidade e marca de prestígio, como um ‘adorno’, mais formal do que real, nunca levando às últimas conseqüências a radicalidade burguesa. (ALMEIDA, 2001, p. 7).

Mucambos (1996); Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (1936) evidenciaram a importância da família patriarcal para as relações sociais e a relação entre as mudanças econômicas e sociais e a estrutura familiar na constituição da sociedade brasileira.

Para Samara (2004), desde o início da colonização do Brasil, decorrente da estrutura econômica de base agrária, latifundiária e escravocrata, instalou-se uma sociedade do tipo paternalista, onde dentro da família havia um núcleo bem delimitado pelo dono da casa, sua mulher e a prole legítima. Esse núcleo era rodeado por uma “periferia” familiar composta por indivíduos como parentes, amigos, filhos ilegítimos, agregados, serviçais, afilhados e outros, ao qual se pode chamar de família extensa:

O chefe da família ou do grupo de parentes cuidava dos negócios e tinha, por princípio, preservar a linhagem e a honra familiar, procurando exercer sua autoridade sobre a mulher, filhos e demais dependentes sob a sua influência. (SAMARA, 2004. p.12)

Portanto, essa estrutura de camadas formada pelo núcleo e seus agregados, constituía também parte significativa da vida econômica, social e política que em muitas vezes, exercia poder também sobre o Estado. Ou seja, o chefe da família participava ativamente de questões políticas e religiosas. Para Leite (2001), a manutenção do modelo familiar durante muito tempo no Brasil, implicava na imposição e arranjos por parte da família, na escolha do cônjuge, enquanto que a livre escolha do seu parceiro era característica das camadas mais pobres da população, negros, pardos, etc., mantendo-se assim até o início do século XIX.

Outro fator importante colocado por Samara (2004) é o de que o celibato era comum nesta época, fazendo assim, com que pessoas que permaneciam sozinhas muitas vezes compartilhassem ou não suas casas com filhos ilegítimos e agregados. Aspectos relevantes como o concubinato também presente e comum na mesma época, resultavam de certa resistência ao matrimônio:

Por outro lado, uma parcela representativa da população preferia permanecer no celibato ou simplesmente aderir às uniões ilegítimas, apresentando certa resistência aos apelos da Igreja em sacramentar essas relações. Isso ocorria também entre as camadas mais pobres, onde a escolha do cônjuge obedecia a critérios bem menos seletivos e preconceituosos. (SAMARA, 2004. p. 44)

Dentro das mudanças ocorridas no período do Brasil Colônia, Império e a partir de 1889, com a República, pode-se dizer que mudanças ocorreram, mas, a mulher continuou com

uma posição submissa dentro do casamento ainda decorrente do modelo patriarcal gerado no Brasil Colônia. Essa questão das diferenças de poderes entre homens e mulheres, principalmente após o casamento gerou muita polêmica. Mesmo recentemente, enquanto se assistia a uma evolução na indústria e o rápido desenvolvimento do país as mulheres ainda deveriam cumprir com um estereótipo de submissão e obediência perante seu marido, sobretudo do ponto de vista da Legislação. Para Maluf e Mott (1998), próximo à criação do Código Civil de 1916, a mulher permanecia diante desta inferioridade mesmo tendo passado tanto tempo:

Vale lembrar que o código Civil de 1916 guardou certa distância da legislação de 1890. Nesta, era conferida ao marido, sem qualquer dissimulação, a chefia da sociedade conjugal, bem como a responsabilidade pública da família, além de caber a ele a completa manutenção dos seus, e a administração e o usufruto de todos os bens, inclusive dos que tivessem sido trazidos pela esposa no contrato de casamento. No código de 1916, a manutenção da família passou a ser responsabilidade dos cônjuges. Uma perversão jurídica, no entanto, perpetuava a submissão da esposa ao marido: o direito da mulher casada ao trabalho ia depender da autorização dele ou, em certos casos, do arbítrio do juiz. (MALUF e MOTT, 1998, p. 375-376.)

Segundo D'Incao (1989), no século XIX gerou-se a partir do engessamento nos arranjos matrimoniais e da submissão da mulher ao marido, um conflito que influenciava os mais velhos a manterem e exigirem uma estrutura que se podia denominar tradicional, versus os mais novos que já acreditavam no casamento por livre escolha de seus cônjuges. Isso significa que, enquanto os jovens lutavam pela escolha de seus parceiros, os mais velhos defendiam a união por escolha dos pais e da família. Leite (2001) segue com um ponto de vista similar ao de D'Incao (1989) afirmando que “A livre escolha do parceiro sexual aparece como aspiração desde o início do século XIX, mas era encarada então como estrangeirismo nefasto pelos poucos que se dignavam considerá-la.” (LEITE, 2001, p.58).

Além do casamento por livre escolha, outro grande conflito com a antiga estrutura eram os divórcios. Samara (2004), afirma que apenas hoje em dia o mesmo é reconhecido, não levando em consideração, que as pessoas já se divorciavam desde o período colonial por motivos parecidos com os encontrados atualmente:

Sabemos que no Brasil, a partir do século XVIII, casais provenientes de diversas camadas sociais se divorciavam, resolução que era entendida legalmente pela Igreja e pelo Estado como a separação de corpos e de bens,

não abrindo para os cônjuges possibilidades de novas núpcias. (SAMARA, 2004. p. 67-68).

No entanto, foi apenas em 1977, através de alterações constitucionais, que se admitiu a dissolução do casamento através do divórcio, que possibilitava uma nova união. (Rocha, 2003).

As últimas mudanças jurídicas em relação à família e ao casamento ocorreram no Brasil através da Constituição de 1988. Para Koerner (2003), a Constituição implicou em mudanças que refletiram nos direitos do brasileiro, sendo que as transformações ainda estão ocorrendo. Rocha (2003) ainda coloca que antes da promulgação da Constituição Federal de 1988 o casamento objetivava constituir a “família legítima”. No entanto, após a Constituição Federal, proibiu-se qualquer tipo de discriminação, sendo considerados novos objetivos para o casamento como descrito abaixo:

O Fim do casamento não pode ser resumido à constituição da família; ele visa realizar a felicidade humana entre duas pessoas. O casamento é o meio jurídico de criar as mais estreitas relações que duas pessoas do sexo oposto possam ter. De acordo com o art. 1511 do novo Código Civil, ‘o casamento estabelece comunhão plena de vida’. (ROCHA, 2003, p.31)

Atualmente, parte-se do pressuposto de que qualquer casal pode se casar legalmente não havendo nenhuma dívida com a Lei, com exceção de casais homossexuais ainda não protegidos, como observa Rocha (2003):

A família pode ser formada pelo casamento, pela união estável entre homem e mulher, pela procriação natural e artificial e pela adoção. O enquadramento das relações homossexuais no âmbito do Direito de Família é bastante discutível. Duas orientações controvertem. A Primeira considera conservadora, insiste em negar à relação homossexual abrigo no Direito de Família, localizando-a no campo do Direito das Obrigações ao classificá-la como pura sociedade de fato. Provada a existência de uma sociedade de fato, caberia apenas regular o destino dos bens adquiridos na constância da sociedade, por ocasião da sua dissolução. A segunda, considerada progressista, relega a segundo plano a diversidade de sexos e incluía relação homossexual no campo do Direito de Família. O novo Código Civil não incluiu no campo do Direito de Família as relações homossexuais. Perdeu a oportunidade de dar a tão controverso tema um tratamento adequado. (ROCHA, 2003. p.17-18).

Apesar do relacionamento homossexual não estar protegido pela lei, observa-se que diferente deste, os casais heterossexuais possuem atualmente o direito de casar-se e separar-se. Dias (2006) coloca que decorrente desta facilidade em unir-se e separar-se se encontram hoje em dia novas composições da família, ou seja, existem formas alternativas de organização familiar que foge àquele modelo “patriarcal” já discutido anteriormente. Em síntese, a autora afirma que a família patriarcal foi substituída pela família conjugal moderna. A autora diz que as famílias se encontram cada vez mais reduzidas em seu tamanho com uma tendência à nuclearização. Isso quer dizer que se encontram hoje em dia, famílias compostas apenas por pai, mãe e filhos ou até mesmo as consideradas “incompletas”, onde a mãe é a única responsável pela educação e criação dos filhos. Várias pesquisas atuais demonstram o crescimento do número de mulheres inseridas no mercado de trabalho e o papel da mulher como chefe de família. Em 2005, 30,6% das famílias brasileiras residentes em domicílios particulares eram chefiadas por mulheres (IBGE, 2006 p.163, gráfico 5.1). No trabalho de Bruschini (2007) sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, a autora afirma que entre 1992 e 2005 houve um crescimento significativo de mulheres no mercado de trabalho, apesar das condições nem sempre serem favoráveis ao sexo feminino. A autora também coloca a posição da mulher como desfavorável pelo fato de além de trabalhar fora, ainda lhes serem atribuídos afazeres domésticos e familiares. Além dessa família reduzida, dentro destas novas composições se encontram famílias de pais separados, onde cada pai se casa com outra pessoa, formando então outra família.

1.3. Casamento hoje no Brasil

Rocha (2003) afirma que o casamento sempre foi um instituto de importância social, fato que se confirma, uma vez que o mesmo ter sido incluído na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Na atualidade cada indivíduo brasileiro, possui a liberdade prevista em Lei, de escolher seu cônjuge e, sendo o mesmo do sexo oposto, quando não oficializada a união, há também uma proteção Legal que caracteriza uma união estável como Rocha mesmo (2003), afirma:

A união estável tem de preencher os requisitos objetivos e os subjetivos. Foram estabelecidos como requisitos objetivos a diversidade dos sexos, a inexistência de impedimento matrimonial, a vida em comum sob o mesmo teto, o período transcorrido na conveniência, notoriedade e fidelidade, e

como requisitos subjetivos, a conveniência *more uxório* e *affectio maritalis*. (p.141).

Para Del Priore (2005), as décadas de 30, 40 e 50 (do século XX), foram importantes para essas mudanças no casamento no Brasil. Ou seja, na década de 30 e 40 a urbanização e industrialização traziam novidades junto com a migração do campo para a cidade o que acabou por diluir as antigas redes de sociabilidade, fazendo com que as relações entre homem e mulher se democratizassem. O beijo surge nas telas de cinema bem como nas relações de namorados, significando também o estreitamento do contato físico.

Depois da segunda guerra mundial, com a ascensão da classe média o acesso ao lazer, informação e consumo aumentou, e com isto os jovens poderiam passar mais tempo juntos sem a guarda dos pais. Houve então uma aproximação não apenas verbal, mas também carnal levando em consideração as devidas restrições da época, o que significava que se mulher se entregasse (tivesse relações sexuais) ou permitisse intimidades, corria o risco de não casar e ficar então à margem desta sociedade. (DEL PRIORE 2005).

O noivado virou um compromisso formal com o casamento e sua finalidade era de preparar enxoval, a festa e a moradia. O ideal era usar véu, grinalda, e ser virgem para poder entrar na igreja de branco. O estereótipo da mulher que casava era a de “moça de família” sendo recriminadas as que bebiam “*cuba libre*” de noite nos “*Snack-bars*”. No Censo de 1960, 60,5% da população dizia-se casada no civil e no religioso. (DEL PRIORE, 2005).

Mesmo diante de tantas novidades, Machado (2003) observou em seu estudo sobre a mulher e o trabalho fabril que a mulher seguiu em desvantagem trabalhista e social durante muitos anos. A autora verificou que entre as décadas de 40 e 60, que muitas das mulheres que trabalhavam em fábricas, permaneciam no trabalho apenas até se casarem, demonstrando que o próprio mercado de trabalho se incumbia de expulsá-las por causa de seu estado civil. Assim, as mulheres serviam apenas solteiras e ganhavam salários muito baixos, uma vez que a sociedade justificava que o provedor de uma casa deveria ser o homem.

Esse modelo persistiu até a o final da década de 60 quando a independência feminina, diante do trabalho, o início da liberação sexual decorrente do surgimento da pílula anticoncepcional e a invasão da mídia (novelas, filmes e outros), que mostravam o amor e a paixão como temas principais, fez com que lentamente o sexo antes do casamento fosse visto não apenas como tema de novela, mas também da vida real, desvinculando-se assim da procriação e do próprio casamento. Apesar dessa lenta mudança, as revistas femininas ainda apostavam na figura da mãe e dona-de-casa, que agora enfrenta o desmoronamento da figura

de “rainha-do-lar”.

Segundo Vieira (2010), foi nesta mesma época que as fronteiras sexuais foram “borradas”. Ao mesmo tempo em que se assistia uma transição social e as décadas de 60 e 70 passavam um momento revolucionário em termos políticos, sociais, culturais e ideológicos, a censura ainda estava presente em meios de comunicação, principalmente quando os temas se referiam ao aborto, à contracepção, ao divórcio, etc. A autora ainda afirma que a nova facilidade de contracepção levou a uma diminuição significativa dos casamentos formais. Assistiu-se então, uma Revolução Sexual inserida na Revolução dos costumes. As mulheres passaram a se vestir de maneira mais liberal e reivindicar por igualdade salarial, de direitos e de decisões. Aos poucos, a noção de “atentado” aos bons costumes desaparece, a informação e educação sexual deixam de ser um tabu e proclama-se o direito ao prazer sexual.

Além de todas as questões referentes ao sexo e à emancipação feminina, as décadas de 1960 e 1970 também foram palco de movimentos estudantis, pelas ditaduras implantadas, por lutas sindicais e a individualidade caracterizada pelo final da década de 1960, onde movimentos feministas, *hippies* e outros tentavam subverter as regras impostas pela sociedade. Pode-se dizer então que nessa época aonde um “vendaval” de movimentos das minorias veio trazer uma nova visão principalmente aos jovens, também se observou outro tipo de revolução: A do consumo. Ou seja, houve uma massificação das informações pelos meios de comunicação, em especial a televisão. Contudo, dentre os movimentos destas décadas conturbadas, o que se destacou em relação ao casamento foi a liberação sexual devido ao uso de contraceptivos, a emancipação feminina e a nova imagem da mulher que passou de “dona-do-lar” a “nova mulher”.

Para a autora Del Priore (2005) decorrente de toda esta fase de transição feminina, a família deixa então para trás o patriarcalismo do século XIX e meados do século XX, para abrir espaço à individualidade e liberdade de direitos presentes nos dias atuais.

A mulher aos poucos vai conquistando sua independência sexual. Já na década de 80, mesmo com o aparecimento da AIDS, a mesma foi então marcada pela total desvinculação do sexo da procriação, principalmente decorrente dos avanços médicos como a pílula anticoncepcional, citada anteriormente. Vive-se então após esta década, uma realidade onde o casamento não é mais obrigatório e o divórcio não é mais vergonhoso.

Do ponto de vista da autora citada, percebe-se que realmente a estrutura familiar se modificou. Para exemplificar, observa-se como o crescimento do número de casamentos no Brasil nos últimos anos tem aumentado, apesar de todas as mudanças e da melhor aceitação

de outras formas de arranjos familiares. Ou seja, mesmo com o surgimento de diferentes formas de relacionamento e do divórcio estar presente, ainda se percebe como demonstrado abaixo que o número de casamentos no Brasil continua crescendo:

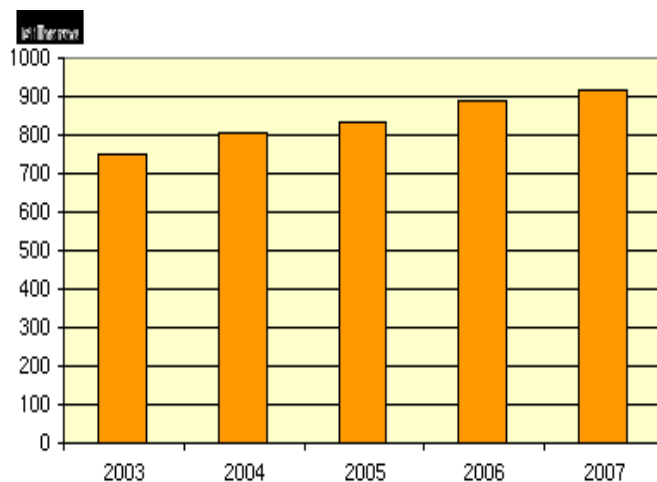


Gráfico 1 - Número de casamentos por ano no Brasil (em milhares)

FONTE: IBGE, 2008.

No entanto, esses números não diferenciam primeiro casamento de recasamentos, ou seja, com o divórcio as pessoas podem se casar legalmente novamente, fazendo então, parte desta estatística.

Segundo Martins e Mello (2009), cerca de 1 milhão de pessoas se casam todos os anos no Brasil e pouco mais de 250 mil se separam. Ou seja, embora um em cada quatro casamentos termine em divórcio, as pessoas não deixam de se casar. Dados do IBGE de amostragens anuais de 100 mil brasileiros demonstram que o número de casamentos cresceu 34,8% entre 1998 e 2008, superando ainda o número de divórcios que cresceu 33%. A diferença é pequena e precisa ser mais bem investigada.

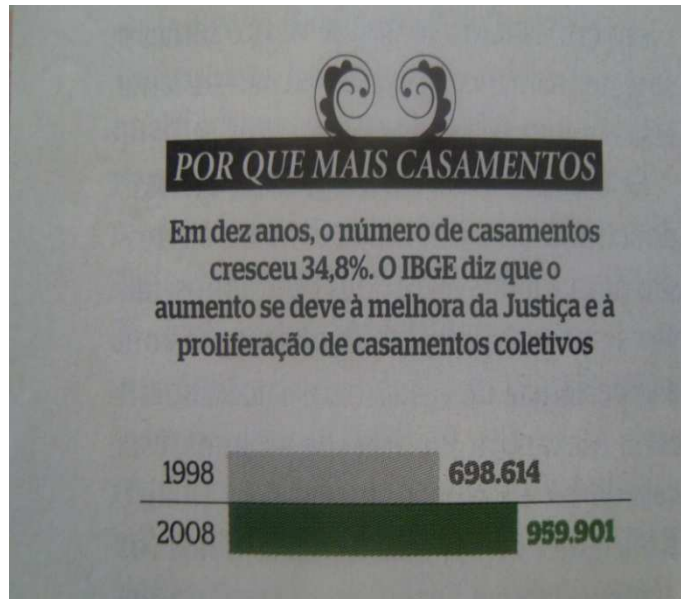


Gráfico 2 – Casamentos no Brasil entre 1988 e 2008

FONTE: Revista Época, 2010 / Dados do IBGE, 2008

Dentre tantas modificações dentro do casamento, uma pesquisa recente realizada pela sexóloga Eliana da Silva Monteiro apresenta resultados que evidenciam a persistência de alguns elementos tradicionais. A pesquisa realizada com 374 pessoas entre 18 e 40 anos prestes a se casar, demonstra que 71% dos casais são formados por pessoas da mesma raça além de que 70% só se casam com a aprovação dos pais e da família. Outras categorias da pesquisa que sugerem essa regressão é que 68% dos entrevistados irá se casar com parceiros que possuem a mesma religião. Para a pesquisadora, esses resultados podem sugerir resquícios de preconceitos inter-raciais em um país onde a variedade de raças e crenças é bem grande. (CARDILLO, 2010).

O que se pode perceber, então, é que mesmo considerando-se as mudanças evidentes apontadas acima, há determinados comportamentos que se referem à outra ordem de fatores, como as relações entre as raças, as religiões, etc.

CAPÍTULO 2 – COMENSALIDADE E FESTA

Neste capítulo procura-se relacionar as considerações anteriores sobre família e casamento à dimensão da festa, procurando entender seu significado, as permanências e etc., evidenciavam a ausência do amor na origem dos casamentos. A escolha de uma esposa mudanças assim como o peso da alimentação como uma dimensão importante da comensalidade. Procurou-se mostrar que no modelo de casamento marcado pelas relações familiares dentro de uma estrutura agrária e patriarcal, nos grupos de elite a mentalidade das relações familiares era profundamente marcada pelo ambiente rural. “Uma rede de solidariedades, deveres e obrigações mútuas se consolidavam. Casamentos por interesse, sem que os noivos jamais tenham se visto, entre parentes, para preservar a fortuna e a linhagem, “pura” era fundamental nos jogos de poder”. (DEL PRIORE, 2005, p. 158) Assim, o matrimônio aparece como um contrato social, caráter que conserva até nossos dias. A partir da idéia do amor romântico, na passagem dos séculos XIX ao XX, desenvolvida em grande parte, em função da urbanização e da emergência da família burguesa, introduz-se a escolha dos parceiros nas relações amorosas.

Del Priore, (2005), enfatiza a fenomenal ruptura ética na história das relações entre homens e mulheres que se processa a partir daí, o casamento de conveniência, passando a ser considerado vergonhoso e o amor não mais aparecendo como uma idéia romântica, mas o cimento de uma relação (p. 231). Talvez essa mudança seja fundamental também para os rituais de celebração do casamento, que encontrarão, nas décadas de 60, 70, 80, novas formas de organização até atingirem, nos dias de hoje, o caráter, ao mesmo tempo, de celebração familiar e de espetáculo.

Para tanto, contribuíram fundamentalmente, após a segunda guerra mundial, a industrialização, a imigração de europeus não-ibéricos e de diferentes religiões, a urbanização, que trouxe também a diminuição no tamanho das famílias. Amplia-se o “mercado conjugal” e as possibilidades de escolha entre os grupos mais abastados. Diz Del Priore (2005), que as normas de comportamento se tornam mais tolerantes, desde que se mantenham as aparências e o prestígio das boas famílias. Essas características imprimem um “lugar” bastante importante ao casamento, não havia felicidade possível fora dele e a procriação era o seu objetivo maior, a prole “legítima” era o único projeto saudável, seu cuidado a única meta. Não casar era um insucesso, sendo que era diferente ser solteira e casável, do que ser solteirona, rejeitada. (DEL PRIORE, 2005, p. 254).

Como vimos, para as classes populares, casamento eram uniões precoces, consensuais e concubinatos e havia intensa circulação de crianças bastardas nas casas de parentes e familiares. Entretanto, Diz Del Priore (2005), citando RAGO, com a crescente incorporação da mulher ao mercado de trabalho e à esfera pública, a questão do trabalho feminino era motivo de discussão juntamente com outros temas que envolviam as mulheres, como virgindade, casamento e prostituição. A educação era vista como um dos meios para incorporar as mulheres trabalhadoras à ideologia vigente.

Nesse sentido, o casamento impõe um ideal de mulher, uma identidade principal da mulher em nossa sociedade, como a “esposa- mãe”, ligando-a irremediavelmente à idéia do casamento. Configura-se em contraposição, a imagem da “outra”, figura ambígua, se considerarmos a prevalência da idéia do casamento monogâmico e a importância da fidelidade feminina para a legitimidade dos filhos e a partilha da herança. A respeito da “outra”, GOLDBERG, (1997) trabalha com depoimentos de mulheres de diferentes idades e extratos sociais a respeito da sua condição em relação à esposa “legítima”, evidenciando, em alguns casos, a persistência de um ideal de casamento não mais restrito à legitimação.

Enfim, são questões que estão na base da concepção do casamento como o concebemos até hoje e que conferem as características de permanência e de mudanças à celebração e ao ritual, que pretendemos mostrar.

2.1 Sobre festa de casamento

Apesar das mudanças ocorridas na estrutura familiar os casamentos continuam acontecendo no Brasil como visto nos dados do IBGE. Pode-se dizer que a procura pela festa de casamento, pela comensalidade como resgate da tradição familiar, celebração do rito de passagem, continua acontecendo. Ou seja, pode-se dizer que numa festa de casamento, há na maioria das vezes, o envolvimento da família em um rito considerado de passagem (para a vida adulta, para a formação de uma nova família, etc.), que conserva tradições passadas de geração para geração.

Segalen (2002), afirma que os ritos seriam o fruto da continuidade das gerações mais jovens aprendendo com os mais velhos. No entanto, a autora questiona o fato de que um ritual nem sempre é igual, ela afirma que o mesmo sofre mutações, apesar de alguns deles serem considerados "tradicional".

Leite, (2001), retrata assim o casamento:

Como um dos principais ritos de passagem, o casamento encontra-se em quase todas as sociedades e simboliza uma alteração irreversível da situação social do casal que, proveniente de duas famílias ou de dois ramos de famílias, une-se para formar uma terceira. Em grande parte, o casamento está mais ligado à passagem da moça donzela à esposa e anjo tutelar de nova linhagem. Em muitas sociedades o casamento corresponde à passagem à maturidade, à vida adulta da mulher. (Leite, 2001. p.111).

A autora ainda enfatiza que inúmeros ritos matrimoniais, entre os quais o vestido de noiva e o retrato, compreendem significados e interdições tendentes a fixar na memória a lembrança da cerimônia.

Assim, os retratos, a cor branca, o véu, o *buquê*, o bolo, a champanhe, aliança e outros símbolos encontrados nos casamentos, são descritos por vários autores como tradições que vieram, na maioria das vezes, de séculos atrás como, por exemplo, os colocados abaixo:

Símbolo	Origem
Noivado	Na antigüidade os casamentos eram arranjados entre as famílias. Uma festa (o suposto noivado) servia para formalizar o combinado e para que os noivos se conhecessem.
Anel de brilhante	No século XV, os diamantes eram chamados de “Pedra de Vênus”, que simbolizavam o amor do noivo pela noiva.
Chá de cozinha	Uma das versões da história do chá-de-cozinha delata que na Idade média, um moleiro se apaixonou por uma rica donzela. Por não ter sido aceito pelo pai da noiva e por não ter dinheiro, seus amigos ofereceram alguns móveis e utensílios para mobiliar a casa. No Brasil o chá de cozinha conquistou adeptos na década de 60.
Buquê	Na Grécia Antiga, os buquês eram de ramos de erva e alho para trazer bons fluidos. Já na Roma ele significava fertilidade e fidelidade.
Bolo	Os Romanos faziam um bolo de farinha, água e sal. Com o tempo, se acrescentou açúcar ao bolo. A partilha do bolo significa partilhar o futuro.

Quadro 1– Símbolos encontrados nos casamentos: permanências e mudanças

FONTE: COSTA, 2005. Elaboração: Autora

Leite (2001) diz que o casamento pode ser encontrado em quase todas as sociedades e que em muitas delas, o mesmo simboliza a passagem à maturidade, à vida adulta da mulher. A autora afirma que há vários ritos dentro do casamento, dentre eles o vestido de noiva, o retrato do casamento e outros que tendem a fixar na memória coletiva a lembrança da cerimônia. Para Leite (2001), os ritos ocorrem para que se torne público e legal um ato privado.

No entanto, tradições e costumes são diferentes segundo a religião ou etnia como no exemplo abaixo do vestido de noiva:

A cor branca do vestido da noiva tem sido uma constante que se destaca na foto, mesmo quando os outros símbolos se ausentam ou se alteram. O branco representa a pureza, a castidade, a dignidade e a submissão da jovem. Existem, contudo, entre os camponeses do Sul do Brasil retratos de noivas de preto. Encontrou-se documentação referente à noiva de preto, na cultura camponesa européia. Para o camponês o preto significa fertilidade, o húmus da terra, as cinzas fertilizantes em contraposição à brancura da morte e do gelo hibernal. (Leite, 2001. p. 112).

Outras tradições citadas por Leite (2001), também são vistas nos casamentos atuais, como por exemplo, o véu. Este pode ser curto, longo, cobrindo ou não o rosto da noiva. O véu significa a virgindade. Já os presentes e as flores se referem aos bens materiais enquanto a união é representada por beber numa mesma taça ou entrelaçar os braços durante o brinde.

Segalen (2002) ainda diz que a partir da década de 70 a vida familiar foi marcada por profundas transformações principalmente por uma privatização das etapas que pontuam o ciclo da vida familiar, levando assim à diminuição de celebrações como o batismo e os casamentos. Uma justificativa apontada anteriormente é de que a partir desta época o casamento não marca mais o início da vida sexual do casal. Isso quer dizer que na maioria das vezes a mulher já iniciou sua vida sexual e em alguns casos já reside com o parceiro. Questiona-se então, se o ritual passa a ser vazio e sem significado uma vez que não há mais a "entrega" da mulher. Pode-se considerar que casais que procuram uma celebração traduzem na mesma, o desejo de oficializar a união através de um rito simbolicamente forte, como aparecem nos depoimentos de algumas das entrevistadas. Se o casamento não celebra mais a passagem, no entanto, ele continua incluído na categoria dos ritos, pois oferece um espaço para a simbolização e permite sugerir uma tradição.

Discorrer sobre as relações sociais que ocorrem em uma festa de casamento é difícil

segundo Segalen (2002) principalmente pela pouca quantidade e qualidade de descrições ao longo dos anos. A autora afirma que os ritos matrimoniais podem ser considerados complexos pela quantidade de preparativos e envolvimento e ao mesmo tempo banais por causa da sua repetição. Existem relatos sobre casamentos ao longo dos anos, no entanto, poucos deles descrevem os grupos sociais, as épocas e em que circunstâncias o mesmo ocorreu. Em contrapartida a autora realizou um trabalho onde analisou as festas de casamento na região do Poitou na França entre os anos 30 e 60 e descobriu diversas diferenças em torno do ritual, mas, principalmente na comensalidade uma vez que as refeições durante as festas aumentaram e se tornaram mais complexas. Segalen ainda acrescenta que atualmente os casamentos são ricos em novos rituais e não celebram mais "passagens" por causa da modernização nas relações conjugais, no entanto, simbolizam a expressão de um compromisso entre o casal e suas respectivas famílias. A autora ainda compara as festas atuais à "criação de um espetáculo". Realmente, o processo, se observado da atualidade para trás, parece indicar a mercantilização da festa que ainda conserva seus traços tradicionais.

Ainda tomando como exemplo a pesquisa realizada pela autora, Segalen diz que a partir dos anos 60 as festas de casamento sofreram uma "dilatação do ritual" sendo sua organização muito mais complexa necessitando assim, de muito mais tempo de preparação. Além disso, a autora diz que depois dos anos 70 quem passa a estabelecer as "regras" da festa e da celebração do casamento são os noivos e não mais seus pais, escolhendo assim, quais os convidados, quem serão os organizadores do evento. Inicia-se também um espaço para grandes banquetes servidos à mesa, abrindo então, um lugar para a interação social o que era incomum antes desta época.

2.2 Festa: Alimentação e mudança

A alimentação é também uma linguagem. Ou seja, enquanto alimentar-se é um ato nutricional e biológico, comer é um ato social e cultural, pois envolve protocolos, costumes e condutas preestabelecidas. Pode-se dizer que a comensalidade reforça laços com a família e com os amigos, pois ela traduz o pertencer ao grupo.

Dentro do significado da palavra comensalidade encontra-se a partilha do alimento entre duas ou mais pessoas, o seu significado ultrapassa a mera necessidade de alimento e adquire um sentido mais amplo, remetendo assim, às relações entre as pessoas envolvidas. Pode-se dizer que em grande parte dos rituais e comemorações, se lança mão da alimentação.

Assim, alimentação é um aspecto relevante para este trabalho, pois, por mais simples que seja uma festa de casamento, sempre há a oferta de algum tipo de alimento. Ou seja, a alimentação entra nos campos doméstico ou comercial da hospitalidade dependendo do tipo de festa de casamento e cardápio oferecidos.

Observa-se que nem todo ato de hospitalidade exige ou possui algo de comensalidade, no entanto, no caso das festas de casamento, a comensalidade possui características de partilha e doação que fazem parte da hospitalidade. Além disso, o alimento oferecido na festa, representa uma dádiva que continua a desempenhar um papel de grande importância no relacionamento social entre anfitriões e convidados. Assim, mais do que função meramente nutritiva, o alimento tem função simbólica e sociológica considerável.

Fernandes (1997), por exemplo, coloca alguns pontos interessantes sobre a comensalidade sendo muitos deles cabíveis a situações como ritos de passagem e festas tradicionais. O autor afirma que a comensalidade aparece como expressão de poder e que a mesa pode ser considerada um lugar de ritualizações que indica e diferencia os homens uns dos outros. Fernandes também afirma que participar da partilha na mesa significa ser companheiro e que essa transação muitas vezes também pode simbolizar a porta de entrada em algum grupo social. Já se tratando do meio familiar, a comida exerce uma significativa função em festas familiares como, por exemplo, no Natal. Outros casos como os ritos de passagem, nascimentos, casamentos, dentre outros, a comida também possui um valor de congregação.

Carvalho (2004) sobre o mesmo assunto, afirma que os ritos e os hábitos à mesa indicam consensos alimentares. Para o autor, um indivíduo é ou não bem aceito à mesa, segundo seus gestos básicos de postura e respeito do ritual de comer. Rituais festivos como é o caso das festas de casamento, acompanhados da oferta de alimento, têm a característica de reforçar o grupo e também são maneiras de manifestar a identidade do mesmo. Por isso, em diversas sociedades as celebrações de rituais são acompanhadas por banquetes.

Althoff (1998) por outro lado, caracteriza a refeição também como um dos principais sinais para selar a paz ou fazer alianças. Casamentos, batizados são apenas alguns dos muitos exemplos de relações em que o laço social é sacramentado através de uma refeição. Para Joannés (1998) banquetes são servidos em festas, contratos e, sobretudo casamentos há milhares de anos e é nessas ocasiões em que a troca e a partilha da comida são submetidas à uma codificação exata:

Na Assíria do fim do terceiro milênio, o fato de untar a cabeça de uma moça livre ou organizar um banquete de núpcias bastava para legitimar um casamento. Um documento de contabilidade babilônico do princípio do segundo milênio mostra que, durante um casamento, o pai da noiva encarregava-se de distrair seus convidados e os do noivo, até que este partisse com sua mulher, depois de terem recebidos presentes, dentre os quais produtos alimentares durante a festa. A cerimônia em si comportava, entre outras coisas, uma troca simbólica de iguarias dispostas em uma mesa-bandeja, que eram consumidas, uma após a outra, pelas famílias da noiva e do noivo, criando assim um laço suplementar entre eles. (JOANNÈS, 1998, p.56).

Ou seja, banquetes extraordinários responsáveis por celebrar e festejar ocasiões especiais fazem parte da história. Strong (2004) cita alguns exemplos de banquetes espetaculares que aconteciam nas ruas de Roma II a.C. Para manter a paz entre ricos e as massas populares, realizava-se esses banquetes para aplacar e pacificar a população, assim, o ano romano pontuava-se por festas públicas. Mesmo com tantos banquetes abertos, nada se comparava às grandes comemorações dos Imperadores da época. Alguns Imperadores como Cláudio chegaram a convidar 600 pessoas de uma só vez para seu banquete. Ou seja, o nascimento de uma criança, a celebração dos 17 anos de um jovem e, principalmente os casamentos, já eram comemorações onde a refeição fazia parte da trama dentro da vida social.

Ainda dentro da história da alimentação, um dos grandes exemplos de *chefs* citado nas festas de casamento é Carême, o cozinheiro que foi o responsável pelo casamento de Napoleão Bonaparte. A preparação do banquete do casamento do Imperador não poderia ser diferente: Luxuoso, farto e com a preocupação de agradar a todos.

Kelly (2005) cita alguns dos quitutes elaborados por Carême nesta ocasião :

Antonin e Riquette prepararam, em primeiro lugar, 24 peças grandes de carne para serem servidas no desjejum do casamento, e também 14 pedestais, cada um deles sustentando seis presuntos, seis galantinas, duas cabeças de porco recheadas e seis lombos de vitela em aspic (gelatina salgada, feita de caldo de peixe ou carne reduzidos). Havia também carne em aspic, miolos de vitela guarnecidos com aspic nas bordas, foi gras, galantinas de frango e toda uma coleção de peixes. O salmão foi cercado com molho rosado de manteiga; as enguias, com molho verde-pálido de cebolinha. A gelatina de aspic em pedaços com que Carême gostava de debruçar os pratos foi, da mesma forma, delicadamente colorida aos tons neoclássicos favoritos da imperatriz Josefina. (p.83)

No entanto, diferente do que se pode observar nos livros de grandes cozinheiros de Imperadores, alguns autores afirmam que atualmente a alimentação sofreu algumas mudanças. Para Strong (2004) o século XIX foi o responsável por mudanças no comportamento da nova sociedade urbana, exigidos pela rápida industrialização. Carneiro (2003), afirma sobre o mesmo tema que, atualmente, os hábitos alimentares são objetos de investigação para a sociologia da alimentação. Segundo o autor, a alimentação na atualidade sofreu uma homogeneização pelas grandes cadeias de lanchonetes.

Apesar de toda essa transformação na atual maneira de se alimentar, pode-se perceber que o hábito de comer em conjunto e o prazer de fazê-lo não desapareceu. Para muitos, a comida perde o sabor quando a refeição é feita sozinha. Em festas, banquetes e recepções não é diferente. Percebe-se claramente a necessidade do homem em compartilhar e agregar a experiência de comer em conjunto praticando também um ritual de sociabilidade.

Como citado acima, a alimentação passou e passa por profundas transformações em relação à sua preparação e ao modo com que as pessoas se alimentam. No entanto, isso não significa que a mesma deixou de possuir tal importância e que o movimento *fast food* trazido principalmente pela influência norte-americana, tenha transformado totalmente o ritual da alimentação. Pode-se citar movimentos contrários como o *slow food*, nascido na Itália, que lutam contra essa "automatização" do ato de comer. Além deste movimento, a questão da preocupação com a saúde, a entrada de alimentos orgânicos e a supervalorização de *chefs* e diferentes tipos de cozinhas já demonstram uma proteção da sociedade contra a idéia de que a refeição deva ser feita rapidamente e sem a preocupação com o que se está ingerindo.

Percebe-se sim a influência dos *fast-foods* e comidas industrializadas no dia-a-dia, bem como nos eventos. No entanto, essa mudança de estrutura alimentar não veio trazer apenas dissabores para a alimentação e seus costumes. Segundo Levenstein (1998), produtos provenientes de outras regiões hoje são mais fáceis de encontrar nos mercados e até mesmo a sazonalidade deixa de ser um empecilho para se fazer uma receita específica. Com isso, a gastronomia de diferentes etnias se mundializa, trazendo cardápios miscigenados e influências globais. A expansão do conhecimento dentro da gastronomia e a facilidade de informação através dos transportes, internet e outros, fazem surgir uma nova geração de *chefs* super especializados e prontos para suprir as necessidades de um novo mercado.

Pode-se dizer que a alimentação passou e continua passando por constantes modificações, mas o homem dentro destas constantes mudanças, não deixa de perder o seu

lugar à mesa seja este dentro da família, no ambiente de trabalho e principalmente nas festas e recepções como afirma Carvalho (2004):

Mesmo na sociedade burocratizada dos dias atuais, a comensalidade continua tendo papel de legitimação de contratos sociais. Um grande negócio conclui-se com um almoço ou jantar comemorativo. Uma união conjugal, após sua formalização religiosa ou civil, completa pela realização da festa que, independente de sua envergadura, com pompa e presença numerosa, ou simples e restrita a poucos convidados, referenda ao ato. As diferenças sociais espelham no alimento suas formas de consumo. (Carvalho, 2004, p.16)

Carvalho justifica então o papel fundamental da alimentação nas festas de casamento, afirmando que apesar das mudanças o mesmo ainda permanece cheio de significados e valores como será analisado posteriormente.

2.3 Festa de casamento e hospitalidade

Considerou-se que as festas de casamento envolvem a família e que, apesar destas festas terem sofrido modificações significativas, não perderam o seu sentido maior: o de celebrar a consolidação de um novo núcleo familiar e solidificar e consolidar as relações entre famílias, conservando em parte a dimensão de exposição pública de um novo casal, como uma satisfação social.

Como mencionado anteriormente, foram utilizados diversos autores clássicos, para explicar o sentido da festa de casamento, e ao mesmo tempo, recorreu-se a autores “do mercado”, como Simão (2005), Lemie Romani (2009) e Zanella (2006), relevantes para esta etapa do estudo uma vez que, apesar de não serem acadêmicos, possuem vasta experiência prática em organização de eventos e casamento.

Festa remete à partilha, comunhão, troca e recepção. Na festa, o indivíduo se mistura ao coletivo, esquece das obrigações da vida e “escapa” da monotonia do cotidiano. Para Durkheim (1989) é dentro da festa que o indivíduo se reafirma dentro da sua sociedade, é na festa que ele se sente parte do meio coletivo, ou seja, as festas são responsáveis por estreitar os laços individuais ao coletivo, ao grupo. Além da sensação do pertencimento ao coletivo, Durkheim ainda coloca que as sensações dentro das festas são provenientes de uma “energia social” que se potencializa quando misturada aos elementos da festa como a dança, a comida,

a bebida e outros comportamentos do ritual. A festa, portanto, remete à troca, à partilha, à comunhão e à comensalidade. Numa festa sempre há o que recebe (anfitrião) e o que é recebido (convidado), estreitando-se assim, o ritual da sociabilidade, o ritual do se doar, do aceitar e do retribuir em um vínculo infinito denominado hospitalidade.

O fundamento das relações de troca que explicam a formação de vínculos foi desenvolvido por Marcel Mauss (1974), no seu trabalho mais conhecido, o *Ensaio sobre o dom*, escrito em 1923-24¹ a partir de um extenso material etnográfico, segundo o qual se percebe que o fundamento da sociabilidade nas sociedades arcaicas se dava pela atuação da regra social primordial que ele chamou de “a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir”. Diz o autor: “há uma virtude que força as dádivas a circularem, a serem dadas e a serem redistribuídas”. (p.114) E essa circularidade da dádiva teria então a função essencial de ser o passo inicial da formação dos vínculos sociais e das alianças, de ser um ritual de apaziguamento e uma proposta de paz, cuja força não está propriamente nas trocas materiais, mas simbólicas.

Assim, essa fundamentação é bastante pertinente para entendermos as festas e particularmente, as festas de casamento, como a reafirmação de vínculos e a constituição de um novo núcleo familiar. Entendemos a festa como uma manifestação de hospitalidade. Evidentemente, que a festa como celebração contém também o seu contrário, que é a exclusão de alguns, do círculo familiar e de amizades.

Camargo (2004) afirma que a hospitalidade consiste em um ritual básico do vínculo humano onde ocorre a troca de papéis, uma hora se dá, outra se recebe e outra se retribui.

A instituição da dádiva, discutida por Mauss, sobretudo, como elo importante na sedimentação da cadeia de relacionamento social, nos auxilia a compreender o casamento e a festa, como momentos decisivos na vida social. As festas domésticas, como casamentos, batizados, aniversários, ou mesmo comunitárias, como festas religiosas, nacionais, etc, assinalam as “alianças”, rejeições e convites a serem oferecidos e retribuídos.

CAMARGO, (2004), enfatiza nesses rituais, compostos por leis não escritas, do dar-receber- retribuir, a sedimentação das relações sociais. O autor ainda coloca a hospitalidade como um campo de estudo composto por tempos e espaços em diferentes domínios, como demonstra o quadro abaixo:

¹ Referimo-nos ao artigo de Marcel Mauss: *Essai sur Le don*. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques, publicado originalmente no *Année Sociologique*, seconde série, T.I, 1923-1924.:

Domínios	Recepcionar	Hospedar	Alimentar	Entreter
Doméstica	Receber pessoas em casa, de forma intencional ou casual.	Fornecer pouso e abrigo em casa para pessoas.	Receber em casa para refeições e banquetes.	Receber para recepções e festas.
Pública	A recepção em espaços públicos e órgão públicos de livre acesso.	A hospedagem proporcionada pela cidade e pelo país, incluindo hospitais, casas de saúde, presídios.	A gastronomia local.	Espaços públicos de lazer e eventos.
Comercial	Os serviços profissionais de recepção	Hotéis.	A restauração.	Eventos e espetáculos. Espaços privados de lazer.
Virtual	Folhetos, cartazes, folders, internet, telefone, e-mail.	<i>Sites</i> e hospedeiros de <i>sites</i> .	Programas na mídia e sites de gastronomia.	Jogos e entretenimento na mídia.

Quadro 2 - Os tempos/ espaços da hospitalidade humana

FONTE: CAMARGO, 2004. p. 84

Alguns destes campos se fazem relevantes dentro de uma festa de casamento. O anfitrião sempre recebe. Este receber pode ser em casa ou em um salão, *buffet* e até mesmo em um restaurante. Camargo descreve o receber: "*Nada é mais sinônimo de hospitalidade do que o ato de acolher pessoas que batem à porta seja em casa, na cidade, no hotel ou virtualmente.*" (Camargo, 2004, p. 52). Ou seja, sendo em um espaço doméstico ou público receber mantêm-se como sinônimo de hospitalidade como diz o autor.

Também não se pode deixar de relacionar uma festa com tantos significados como a do casamento com as relações de família e parentesco. Para Godbout (1997), dentro da rede de parentesco as ocasiões de hospitalidade são inúmeras. O autor cita as festas de Natal, dia das mães, ritos de passagem como o batismo, casamentos e encontros informais onde ocorre a denominada pelo autor "norma da partilha", da reciprocidade, do dom de dar-receber-retribuir. Segundo o autor, as regras de hospitalidade variam segundo os lugares de hospitalidade e segundo as gerações. Além disso, a hospitalidade toma forma de recepções não utilitárias que acompanham todos os eventos anuais e que marcam as diferentes etapas do ciclo de vida.

Godbout (1997) ainda firma que há posições diferentes de quem recebe. Ou seja, pode-se receber os que são membros e os que são estranhos. Para o autor nas recepções entre os membros que se festeja, a festa atesta e nutre o pertencimento a uma família. No entanto, mesmo fazendo parte da família sempre há uma fronteira entre o que recebe e o que é recebido. Já na relação entre estranhos, pode-se considerar duas posições. Na primeira o convidado deve respeitar os costumes da família, mas o mesmo não tem em relação à estes nenhuma expectativa particular. Já na segunda posição, trata-se daqueles que podem se tornar membros da família, ou seja, futuros cônjuges dos filhos. A integração neste caso é progressiva e marcada principalmente por presentes. Considera-se a celebração do casamento como a concessão de status de membro, mas, atualmente com o aumento das uniões informais esse rito de passagem muitas vezes é transferido para a chegada do primeiro filho.

Dentro das ocasiões citadas acima, mesmo que seja um jantar de família, se encontra a fronteira do que recebe e do que é recebido. Grassi (2004) define que *Hospitalitas* provem da palavra *hospitalis* que é formada a partir da palavra *hospis*, ou seja, aquele que recebe o outro. A autora coloca a diferença entre o hóspede e o convidado enfatizando, para os interesses deste trabalho, a importância dos convidados na festa de casamento. Para Grassi (2004), para se passar ao interior é necessária a entrada, admissão e partilha, sendo que esse "rito" de hospitalidade dá ao convidado o direito de estabelecimento, mesmo que temporário. Grassi diz que ser admitido a uma mesa é ter franqueado o espaço da porta da casa, sendo a comida responsável por abrir a casa e inseri-lo como convidado ao círculo familiar.

Bueno (2003) discorre sobre a prática da festa e a hospitalidade. Para a autora, as reflexões sociais atualmente vêm-se confrontadas com cenários desconcertantes de desenvolvimento urbano, práticas individuais, automatização social e perda de solidariedade. No entanto, as festas representam a hospitalidade principalmente em relação ao acolhimento do "outro", são encontros onde as pessoas se reúnem e fortalecem seus vínculos. A festa segundo a autora é um momento em que se desliga do cotidiano, onde as pessoas comungam com seus semelhantes.

Dentro de uma festa cheia de significado e importância social como a festa de casamento, há uma série de cruzamentos entre ações e hospitalidade. O convite, os presentes e até mesmo a simbologia da entrega da mulher ao marido pode ser relacionada às questões da hospitalidade.

Grassi (2004), por exemplo, acima citada, discute muito a questão do convite e usa como exemplo o forasteiro que espera na porta até convidarem-no para entrar. Para a autora a

hospitalidade é um gesto de autorização. Na ótica de Raffestin (1997), essa passagem de fora para dentro supõe uma autorização ou convite que deve ser controlado por um rito. Para o autor, a hospitalidade é este rito que autoriza a passagem por esta barreira sem utilizar à violência. Raffestin ainda coloca que a noção de hospitalidade vai além do que recebe e do que é recebido. A hospitalidade pode ser concebida com a prática que o homem mantém com o outro e com ele mesmo. O autor coloca que o indivíduo que acolhe está em uma situação sedentária, no entanto, ele pode ser considerado um migrante que se encontra temporariamente nesta situação, bem como o nômade (o que está sendo recebido) é um sedentário em espera.

Como citado acima, Godbout (1999) afirma que no casamento a mulher foi por muito tempo o símbolo da dádiva, pois na mitologia grega a mulher é aquela que "dá tudo". Assim, a mulher é "dada" no casamento e a mesma não apenas recebe presentes na ocasião como ela é o próprio presente dentro do sistema de parentesco. Persiste ainda um vínculo atual entre a dádiva e a mulher na sociedade moderna, considerado pelo autor, um assunto "delicado"; o mesmo descreve a base para esta discussão:

O fato, com toda certeza, é que o universo da dádiva, talvez, mais do que nunca, em nossas sociedades, é especialidade, a competência das mulheres. Quase sempre é a secretária que escolhe o presente de Natal da mulher do seu chefe! Em todo setor da beneficência, mesmo que a proporção de homens aumente, as mulheres continuam sendo a grande maioria. E as mulheres estão no cerne da dádiva na esfera doméstica. Todos os trabalhos sobre esse assunto o constata, muitas vezes para deplorá-lo, vendo nisso uma forma de exploração. As mulheres ficam encarregadas dos presentes e se sentem à vontade nesse universo. Os homens são desajeitados, desengonçados, muitas vezes ridículos, compreendem mal as regras do jogo, não têm sutileza, cometem gafes... (Godbout, 1999.p.48)

O autor cita como exemplo também os rituais de dádivas das mulheres e os compara aos dos homens. A véspera do casamento na América do Norte é marcada pela despedida de solteiro do homem (onde o mesmo é colocado em uma posição ridícula e muitas vezes maltratado), enquanto as mulheres se confraternizam em um chá de panela ganhando presentes e recebendo as boas vindas ao grupo das casadas. Os dois são ritos de passagem, no entanto, um celebra a vida presente e a outra expulsa o homem do grupo atual

CAPÍTULO 3 – CASAR-SE NA DÉCADA DE 1960 E DEPOIS DO ANO 2000

De acordo com as discussões levadas a efeito no 1º. Capítulo, as mudanças na família brasileira afetaram diretamente as famílias mais abastadas, na constituição do que os autores denominam “a família burguesa”, que compreende também as transformações nas famílias de classe média. Vimos também que as mulheres de classes populares, que trabalhavam, faziam parte de outro processo que mudou muito lentamente, estendendo o modelo de família conjugal à família das classes trabalhadoras. Assim, as entrevistas realizadas e que são analisadas nestes capítulo, referem-se a mulheres de classe média e média alta que se casaram nas décadas de 60 e duas mulheres e um homem que se casaram depois de 2000. Considerou-se a análise de um entrevistado do sexo masculino, para que se pudesse observar alguma possível diferença entre os dois sexos.

Considera-se o conjunto de mudanças apontadas no capítulo 1, parte integrante do processo que transformou as festas e o ritual do casamento, de um evento familiar de recepção em casa, para o estado atual do “espetáculo”, caracterizado pela profissionalização e criação de uma infinidade de serviços para a festa, não transformando contudo, o sentido de celebração e de passagem para um novo estágio da vida do casal.

Este capítulo consiste, portanto, na análise das entrevistas realizadas a partir de um roteiro (ANEXO A), com três mulheres que se casaram na década de 1960 e duas mulheres e um homem que se casaram após o ano 2000. Todos os entrevistados realizaram suas festas/recepções na cidade de São Paulo. Outro fator determinante para a participação nesta pesquisa seria que todos tivessem que ter realizado uma festa de casamento e possuir uma situação econômica possível para tanto. Ou seja, os entrevistados deveriam na época do casamento, possuir condições, ou uma família que lhe proporcionasse a condição de realizar tal festa. Os entrevistados ficaram livres para narrar como ocorreram os preparativos, bem como a festa. As entrevistas correram de forma natural de maneira que se pode aprofundar a história de cada um dos entrevistados. Para preservar a intimidade dos mesmos, foram utilizados nomes fictícios para os mesmos.

Como base do roteiro das entrevistas, utilizou-se categorias e subcategorias envolvendo a festa de casamento, o ritual, o noivado, a lua de mel, a alimentação, os convidados, dentre outras. As entrevistas foram transcritas e comparadas e analisadas como será visto adiante. Foram utilizados para tais comparações parâmetros da hospitalidade definidos por Camargo (2004) cuja teoria se baseia em tempos e espaços da hospitalidade.

Diante da classificação de Camargo (2004) utilizou-se o receber, o entreter e o alimentar para classificar as categorias evidenciadas em cada entrevista relacionando-as assim a teoria da hospitalidade. Após a classificação de cada categoria evidenciada nas entrevistas observou-se então permanências e mudanças nas festas de casamento da década de 1960 e atuais.

Casar-se implica em uma série de preparações e expectativas. Organizar uma festa de casamento pode despertar sentimentos, emoções e preocupações com uma vida nova que será marcada por um evento ritualístico que envolve não apenas os noivos, mas também a família e os amigos.

3.1 Casar-se na década de 1960

Segundo Albuquerque (2007), o rito matrimonial é antigo e ao mesmo tempo atual. Ele é responsável por colocar os protagonistas (noiva e noivo) em moldes escolhidos por eles mesmos, como um mito dentro da sociedade. Além disso, este ritual é responsável por dividir em dois tempos a vida destes protagonistas: O antes do casamento e o depois do casamento.



Figura 1 – Brinde de casamento em casa 1969.

FONTE: Álbum de casamento. Foto cedida por uma das entrevistadas.

Dentro de uma década onde ainda havia uma pressão social em se casar, mas ao mesmo tempo várias mudanças sociais estavam acontecendo, o sexo antes do casamento ainda era um assunto tabu, a festa era ainda um acontecimento privado e familiar, o envolvimento da família perante o casal era grande e nem se pensava em morar junto sem casar ou substituir tal festa por uma viagem ao exterior (comum nos dias atuais), como afirma Laura:

Ah, pelo menos as pessoas que eu conhecia. A gente pensava assim, naquela festa de casamento, de chamar os amigos. Ninguém pensava na viagem, de ir pra Europa, essas coisas, ninguém.

Vestido branco, véu e grinalda, igreja e recepção em casa. Casar-se em meados de 1960 não era sinônimo apenas de festa, mas de união familiar e mobilização em torno de um novo casal que estava prestes a se mostrar para a sociedade diante de um ritual que era quase obrigatório: O religioso e a recepção do casamento. Casar-se implicava em união familiar através do apoio ao casal e da ajuda na preparação do casamento.

As três entrevistadas Ana, Laura e Maria se casaram em meados da década de 60. As três realizaram um ritual bem parecido: Igreja seguida de recepção na casa de seus pais ou dos pais de seus noivos. As entrevistadas noivaram e seus noivos pediram a permissão a seus pais para se casarem com suas filhas. Para as três entrevistadas, casar-se implicava em um rito que deveria acontecer, fazia parte da tradição familiar como narra Ana:

Meus quatro avós são italianos. Uma família muito impregnada com a cultura italiana, onde a questão do casamento é uma questão como um rito de passagem muito fundamental.

Para Ana o envolvimento da família implicava na seriedade do matrimônio:

Eu venho de uma família em que os casamentos são considerados importantes, estáveis, em que as relações são pra toda vida. Meus pais eram casados por mais de cinquenta anos, meus pais fizeram cinquenta anos de casados, os pais do meu marido também fizeram cinquenta anos de casados. Então nós viemos de um núcleo familiar, onde o casamento era levado muito a sério, tanto o ritual, fazia jus àquilo que a gente acreditava mesmo.

Maria também afirma que a sua família era a maior responsável pela exigência do

casamento “tradicional”, sendo o conjunto de símbolos (igreja, sinos, iluminação, etc.), fundamental para a realização do casamento de seus sonhos:

A minha mãe era de uma família muito tradicional. Meus pais faziam muita questão de um casamento super, super tradicional, tá. Então começou-se a preparar o casamento. Eu tinha um sonho que era casar. Eu morava em Santana na Zona Norte, meu marido também. Meu marido morava mais além, morava na Parada Inglesa. E eu tinha um sonho, que era casar na Igreja Coração de Jesus, às seis horas da tarde, na hora que batesse o sino da Igreja, com a Igreja inteirinha iluminada.

Laura também se casou na Igreja. Sua celebração foi realizada na Igreja Santa Cecília, pois ela havia sido batizada lá, então fazia questão da sua celebração no mesmo lugar: “*Foi na Igreja Santa Cecília, eu fui batizada lá. Então, eu quis casar lá. E, minha avó morava lá em frente.*”. Além da tradição e do sonho dentro do casamento, as pessoas envolvidas, ou seja, os responsáveis por ajudar e organizar a festa eram sempre os familiares. Até o vestido muitas vezes era feito pelas mãos da mãe em casa como narra Ana:

A minha irmã, minha mãe, e uma vizinha nossa que costurava muito bem, que fez o vestido. Ah, eu fui na Vinte e Cinco de Março e foi um, fui comprar o tecido numa loja na Vinte e Cinco de Março e foi um desenhista que tinha na loja que desenhou. Ele olhou pra mim, desenhou o vestido e então o vestido foi desenhado por um desenhista, não posso nem dizer que é um estilista, mas um desenhista da Vinte e Cinco de Março.

Além de costurar o vestido, foram a mãe, a irmã e a vizinha de Ana que a ajudaram com todos os preparativos da festa, inclusive as comidas. A irmã de Ana sempre foi muito habilidosa na cozinha e foi então, a responsável por todos os doces da festa. No caso de Laura, sua mãe fez seu vestido de casamento, o vestido de casamento de suas irmãs bem como vestido de sua melhor amiga desde a infância: “*Ela fez de uma amiga minha, era minha amiga desde sete anos de idade e ela casou antes do que eu.*”.

Depois do noivado de Laura, sua mãe e seu pai foram passar três meses na Europa. Quando sua mãe retornou, começaram os preparativos de sua festa. Laura disse que sua mãe era uma dona-de-casa muito prendada que costurava, cantava e tocava piano.

Já no caso de Maria, seu vestido e o de sua mãe foram feitos por uma costureira da família. Maria afirma que a pessoa mais presente durante os preparativos foi sua mãe, cuidando também dos detalhes mais específicos:

A minha mãe era uma pessoa muito chata. (Risos). Então ela fechou, nós fechamos a floricultura. E, no dia do casamento, quando eles estavam enfeitando a Igreja, ela foi e não gostou do que ela viu e mandou colocar muito mais flores. Isso era umas duas horas da tarde! (Risos)

Naquela época, não existiam “pacotes de dia da noiva” como se vê nos salões atualmente. Maria então se arrumou em casa, com a ajuda da mãe e de uma cabeleireira: “*Ãh, daí eu me vesti em casa. Isso era importante. A cabeleireira nossa, veio em casa me vesti. Assim como, pentear minha mãe, né. Tudo em casa.*”. Ana também se arrumou em casa:

É, a cabeleireira veio em casa, e a gente se arrumava em casa. Então não era nem em salão de cabeleireira. Era a cabeleireira que ia até a casa e arrumava a gente em casa. Tudo muito caseiro, né.

Para as noivas da época, o casamento possuía um significado muito forte e estava diretamente relacionado com a família. Ana descreve o sentido que a festa tinha para si e para sua família:

É, eu acho que a festa tinha um sentido de selar mesmo, tanto a relação amorosa, quanto os vínculos de afetividade, de união. Era como se fosse uma celebração mesmo, tinha um sentido de selar a relação e de celebrar a relação junto com as pessoas mais próximas. Então tinham muitos amigos, muitas pessoas da nossa idade.

Além de todo envolvimento familiar, existia também uma preocupação com o sentido religioso. Maria casou-se às seis horas da tarde e seu casamento foi realizado com uma missa como sempre sonhou:

Ah, sim. Na Igreja sim. Na Igreja teve, teve coral, teve a Ave Maria, que precisa ter. Teve, porque teve a missa, né. Então foi uma missa cantada, ta. E começou realmente, quando eu entrei, que eu avisei todo mundo quando eu entreguei os convites que eu não iria me atrasar

No entanto Ana já sofreu algumas influências externas. Como ela e seu noivo eram universitários e possuíam uma visão política, então, optaram por se casar na Igreja da Rua Cayúbi, pois acreditavam que os padres possuíam uma visão mais Marxista que condizia com sua crença na época:

A Igreja não podia ser enfeitada, porque, então a gente achava que enfeitar era uma coisa burguesa, enfeitar a Igreja e por flores e por coisas era uma coisa que fazia parte de uma visão burguesa de vida. Então como a gente tinha toda uma postura política a gente resolveu casar nessa Igreja.

Ao mesmo tempo em que Ana e seu noivo possuíam uma visão política específica, o “peso” da influência da religião e da celebração católica persistia e o padre ainda era a figura principal e necessária dentro da celebração:

Na minha concepção e da minha família... Que éramos pessoas religiosas, principalmente minha sogra, profundamente religiosa, catequista. Uma pessoa que ia a Igreja diariamente comungava toda semana..., Então não podia faltar o padre de jeito nenhum, Eu acho que a cerimônia da Igreja, era uma coisa muito valorizada. E, existia também, naquele tempo, uma coisa assim: “os noivos despedem-se na Igreja.” Era comum, nos casamentos, o “despedem-se na Igreja.” Então o valorizado mesmo, era a cerimônia religiosa.

Outro aspecto importante narrado pelas entrevistadas consistia nos presentes. Ana afirma que os presentes na época ficavam expostos. As pessoas então poderiam ver o que os noivos ganharam inclusive alguns dos cartões. Ana recebeu tantos presentes que ainda possui alguns deles na caixa:

É o presente tinha um sentido muito forte. Recebemos muitos presentes. Olha isso. Meu casamento foi em mil novecentos e sessenta e nove, nós estamos em dois mil e dez. Eu tenho até hoje, algumas caixas guardadas, ainda com presentes, que vieram do meu casamento.

Ana, Laura e Maria afirmaram que cada uma montou sua casa com os presentes que receberam. Maria descreve a quantidade de presentes que ganhou:

E, quê mais? Presentes, nós ganhamos muita coisa. Ah, eu não lembro assim exatamente, mas pra você ter idéia, é que não tá aqui, mas eu tenho uma foto que imagine um quarto inteirinho cheio de presentes no chão.



Figura 2- Presentes de casamento

FONTE: Álbum de casamento de 1970.

Os presentes eram então considerados uma “ajuda” ao novo casal e a construção da nova casa. A cerimônia possuía um caráter religioso e familiar muito forte. O envolvimento direto com a família era nítido. Casar-se implicava em exteriorizar a formação de um novo casal à família e aos amigos e, apesar de todas as entrevistadas realizaram uma festa e partirem para uma lua-de-mel em algum lugar do Brasil, “trocar” a festa por uma viagem maior de não era uma opção e nem fazia sentido para as mulheres na época. O receber era realizado em casa (doméstico), os convidados e os preparativos sofriam influência direta dos pais como será analisado a seguir.

3.1.1 O receber na década de 1960

Em meados de 60 na cidade de São Paulo em grande parte das famílias de classe média e classe média alta moravam em casas espaçosas, com quintal e vários cômodos. As três entrevistadas realizaram sua festa de casamento em casa com ajuda de seus parentes. Casar era sinônimo de civil, igreja e abertura das portas de sua casa. Segundo as entrevistadas, apenas os que tinham uma situação financeira mais do que favorável recebia, em raras vezes, em algum dos ainda poucos Buffets da cidade de São Paulo. Ana por exemplo, teve sua recepção na casa de seu noivo no Pacaembu. A entrevistada conta que hoje a casa é ocupada

por um escritório de advocacia e que possui jardim, varanda e várias salas onde os convidados se misturaram:

Então, a casa era uma casa boa, na Rua Itápolis no mil quinhentos e cinquenta e seis. Hoje essa casa é ocupada por um escritório de advocacia. E era uma casa que tinha um jardim, também, muito grande. Então, os convidados ficavam no jardim, na varanda. Tinha uma varanda bonita em frente, logo na parte de frente da casa.

Salas, várias salas. Então tinham salas. Então toda parte de baixo da casa, a sala de jantar, onde tava montada a mesa com o bolo e com os doces. Então a sala tinha uma porta que ficava fechada, mas estava aberta e que fazia comunicação com a sala de estar, que era uma sala muito grande, e compunha um todo que a sala de jantar e a varanda. Então tinha. Eu acho que tinha por volta de uns trezentos convidados na casa. E, tinha também uma sala mais íntima, tudo foi liberado.

Maria também recebeu na casa de seus pais. A entrevistada afirmou que naquele tempo não se realizavam muitas festas de casamento em salões, e que se a pessoa tivesse uma casa boa, bastava para que o evento fosse realizado na mesma. Maria ainda afirma que tudo era feito com carinho dentro de casa e que as pessoas vinham mesmo pelo prestígio do casamento. Ou seja, as pessoas iam para ficarem mais próximas ao casal:

As pessoas iam a festa pra ficar mais próximos do noivos. Eu acho que existia mais junção, mais amizade. Lógico que você servia e tal e num sei o quê. Mas não é como hoje que as pessoas vão mais pra desfrutar da festa. A diferença que eu vejo é era isso.



Figura 3 - Casamento em casa, 1967.

FONTE: Disponível em: www.fundacaoromi.org.br/fundacao/cultura.php?... Acessado em 22-07-2010.

Percebe-se que a entrevistada compara sua recepção às recepções atuais. Maria em vários momentos comparou o sentido de sua recepção de casamento à de seus filhos, concluindo então que o sentido de união e prestígio que se observa na sua época, foi substituído por uma competição onde vence o casal que tiver a festa mais luxuosa:

Existe hoje em dia pessoas que estão para casar e vão ao seu casamento pra ver como é que foi, o que você fez e o que deixou de fazer, tá. Então é, essa comparação, ficou muito pesada, muito pesada.

Diferentemente das comparações atuais de Maria, receber em casa na época de seu casamento implicava em organizar e abrir as portas do seu lar. Maria segue afirmando que hoje em dia, mesmo que se tenha uma casa grande onde caibam todos os convidados, as pessoas não realizam festas dentro das mesmas:

Principalmente hoje se fala: “Ai eu tenho uma casa grande, mas vai fazer uma sujeira, uma imundice e num sei o quê.” Naquele tempo não se pensava assim. E o objetivo era você comemorar com os amigos. A sujeira vinha depois, depois você limpava. Agora tinha uma coisa. Seus amigos e seus conhecidos quando eles vinham a sua casa. Eles tinham um cuidado com o

que era seu. Não é como hoje, né. Então você vê hoje isso, uma diferença de uma festa de criança, por exemplo, certo. Então é diferente, eram costumes diferentes.

Receber os amigos em casa era então um prazer, como afirma a Maria numa expressão que já demonstra hospitalidade. E quais eram esses amigos e convidados que se recebia nos casamentos dentro de casa? Maria fez sua lista com a ajuda de seu noivo e dos pais do casal e nela estavam muitos amigos de seus pais, a família de seus pais que é considerada por ela tradicional, amigos dela e de seu noivo em especial os da faculdade e toda associação comercial do bairro, por influência de seu pai, bem como a maçonaria uma vez que o pai de Maria era membro da mesma. Para Maria e seus pais, que possuíam uma situação financeira confortável, ou se convidava todos ou ninguém. A confecção da lista de convidados é sempre o momento de decisão e de tensão dentro das famílias, uma vez que ser convidado representa a reafirmação das relações, e o não-convidado representa a exclusão. Optou-se então por convidar a todos, lotando assim a igreja e a casa onde aconteceu a festa: *“Bom, convidou-se, eu não sei te dizer na época quantos convites foram feitos, mais a Igreja do Coração de Jesus tava lotada, inteirinha.”*

Laura também recebeu na casa de seus pais. A entrevistada disse que a casa deles era na Lapa e era muito grande com um quintal bem espaçoso, onde todos podiam se acomodar. Nota-se então uma preocupação que também aparece na resposta das outras entrevistadas com o bem estar de seus convidados em estarem bem acomodados. Dentre os convidados de Laura estavam toda a sua família, incluindo tios e primos, a família de seu noivo vinda de Araraquara, os amigos de Laura e de seu noivo e muitos colegas de trabalho e de faculdade do pai de Laura, uma vez que ele era médico do Hospital das Clínicas:

Ah, nossa família. Meu pai era médico, do Hospital das Clínicas, ele era diretor, tá. Então veio muito médico de lá, que eram amigos dele. Papai tinha muito amigos, assim, da época dele de faculdade, continuaram amigos.

Ana diferentemente de Laura e Maria recebeu seus convidados na casa de seu noivo. Foram convidados para o casamento seus parentes, os parentes de seu noivo, os amigos dos noivos e pessoas importantes do meio empresarial, uma vez que o sogro de Ana era diretor de uma usina de açúcar. A entrevistada afirmou que sua festa foi aberta a todos os convidados da igreja e que na época não se usava colocar no convite que haveria uma recepção. Na hora do

cumprimento aos noivos na igreja, os mesmos avisaram que haveria um bolo com champagne na casa do noivo:

E a minha festa de casamento foi aberta pra todos os convidados, né. As pessoas, num existia, no convite não existia a indicação, mas nos cumprimentos na Igreja a gente, lógico que tinha o endereço do meu marido no convite. A gente convidada as pessoas pra irem pra festa de casamento, né.

Percebe-se então que, além dos convidados dos noivos, se fazia muita conta e era quase obrigatória a presença de todos os amigos dos pais dos noivos além de seus contatos sociais e comerciais. Quem recebia eram os noivos, no entanto se recebia na casa de seus pais, portanto não se podia deixar de descartar a imagem dos pais como anfitriões também. A casa era dos pais e grande parte dos convidados também. O casamento de seus filhos vislumbrava então uma anúncio ao grupo social dos noivos, mas também e não menos importante a anúncio do casal ao núcleo social de seus pais, inclusive dentro do meio profissional, comercial e político. O receber era no espaço doméstico segundo o sentido atribuído por Camargo (2004), cabia então aos noivos e seus pais fazerem com que seus convidados se sentissem bem, a hospitalidade era natural, desempenhada “oficialmente” pelos anfitriões da festa, pais e noivos.

3.1.2 O alimentar na década de 1960

Docinhos, bolo, champagne e salgadinhos. Esse era o cardápio mais encontrado nas festas da década de 60. Não se usava servir jantar, apenas no noivado para os familiares mais próximos. Muitas vezes as comidas eram feitas por pessoas prendadas da família, ou contratava-se alguma “quituteira” ou cozinheira próxima. A comida tinha um sentido agregador e de simbolização da nova vida do casal, geralmente as mulheres mais próximas da noiva, mobilizavam-se para a confecção de docinhos e salgadinhos.

Para Ana os doces simbolizavam o carinho e a doçura da nova relação, sentido este, ainda encontrado nas festas de casamento da atualidade. Ana serviu então, bolo e docinhos com champagne e a responsável por todos os doces foi sua irmã:

A minha irmã ela, é uma pessoa que sempre teve muita habilidade: pra cozinha, pra. Então ela fez, até hoje, é uma pessoa muito voltada pra culinária, tem um interesse muito grande, cozinha muitíssimo bem. Na

ocasião, tinha feito um curso de docinhos, e, os docinhos eram muito bonitos, muito bem decorados, ela é uma pessoa caprichosa, perfeccionista. Então a mesa tava muito bonita, o bolo foi feito em casa, o bolo, os docinhos, tudo.



Figura 4 – Noiva e noivo cortando o bolo em casa, 1969.

FONTE: Álbum de casamento. Foto cedida pro uma das entrevistadas.

Além dos docinhos com champagne também foi servido na recepção de Ana, Uísque, refrigerante e vinho, todos comprados pela família de sue noivo uma vez que a família dela fez todos os doces e bolo. Dentre os doces se encontrava doces de nozes com cobertura de *fondant*, chapéus de bala de coco, fios de ovos e outros:

Não me lembro dos docinhos, mas eu sei que tinha, é, doce de nozes, enfim eram todos cobertos com uma cobertura chamada fondant. E bem decorados e muito bonitos. Tinha um chapéu bonito de bala de coco, a minha irmã também fazia uma bala de coco, daquelas balas de coco perfeitas, que desmancham na boca. Então, ela tinha uma habilidade muito grande, tinha fios de ovos, feitos por ela mesma. Ela que fazia e faz até hoje muito bem. Fios de ovos com aquele, ãh, com aqueles aparelhos, tem um aparelho especial que dá o ponto pros fios de ovos, né.

Ana afirma que não houve a distribuição de lembrancinhas, no entanto, as pessoas levavam um pouco das balas de coco que estavam embrulhadas no papel crepom. Além das balas, como sua família é italiana, eles distribuíram amêndoas confeitadas para boa sorte no casamento. Os convidados saiam então carregando saquinhos com amêndoas coloridas e

algumas balas de coco que formavam um pequeno coqueiro de papel.

No casamento de Maria foram servidos além dos doces e do bolo alguns salgadinhos. Todos os quitutes foram feitos por uma pessoa contratada. Dentre os salgados estavam coxinhas e empadinhas. Dentre os doces estavam olho-de-sogra e outros. O bolo era bem grande e Maria se lembra de que não chegou a prová-lo apenas posou para a foto:

Nós apenas tiramos um monte de fotografias, fingindo que estávamos comendo o bolo. É, com o bolo na mão e tal, mas ninguém comeu. Cortamos, e tudo aquilo, depois que nós percebemos.

Da mesma forma que a execução do cardápio de Maria, a mãe de Laura chamou uma senhora para fazer os salgadinhos em sua casa. Laura se lembra que os salgadinhos eram bem pequeninos e que havia uma variedade de risoles, empadinhas e outros: “Ah, eram tudo pequeninho, empadinha, coxinha, risóles. E:::, muito docinhos, o bolo foi essa minha amiga, que era minha amiga desde os sete anos, ela que fez.”. Além dos salgadinhos e doces, na festa de Laura foram servidos Uísque, refrigerante, cerveja e vinho.

Nome fictício	Bebidas	Salgados	Doces
Maria	Vinho tinto, vinho branco, refrigerante e champagne.	Empadas, coxinhas e outros.	Bolo, olho-de-sogra e outros docinhos.
Ana	Uísque, refrigerantes, vinho e champagne.	—	Docinhos com foundant, doce de nozes, bala de coco, fios de ovos, bolo
Laura	Uísque, refrigerante, cerveja e vinho.	Empadinha, coxinha, risóles	Docinhos e bolo

Quadro 3 - Cardápio das entrevistadas, década de 1960.

FONTE: Entrevistas



Figura 5 – Casamento em casa.

FONTE: Álbum de casamento, 1970.

Para Maria, havia uma grande diferença no que se servia na época do seu casamento e do que se serviu, por exemplo, no casamento de seus filhos. Maria segue dizendo que na sua época se fazia tudo com carinho pra que houvesse uma comunhão entre os noivos e os convidados. Ela reafirma que a partir da experiência que obteve com o casamento de seus filhos, percebeu que a comida dos casamentos atuais deixa muitas vezes ser um agente de aproximação e toma outro sentido como no exemplo do casamento de seu filho mais velho:

E, ãh, mas aí as pessoas já era mais críticas, já vinham no casamento pra ver o que estava sendo servido, qual era o vinho que foi servido, que eu acho isso um absurdo. Foi servido o que tinha e o que não tinha. A pessoa ia já fazendo, já se preparando pra fazer uma avaliação, mas uma avaliação negativa.

Percebe-se então que a comida segundo as entrevistadas servia como união das mulheres da família durante sua preparação e servia de agrado aos convidados que haviam participado da cerimônia religiosa. As mulheres e amigas da família em especial, se juntavam para fazer ou para providenciar os quitutes, a hospitalidade entre essas mulheres e amigas da família era nítida. As mais próximas se mobilizavam para ajudar a noiva a realizar o seu grande dia. Os homens geralmente cuidavam das bebidas. Há então a distinção das tarefas

masculinas e femininas e de alguma forma, um resquício da mulher cozinheira que cuida dos afazeres domésticos. Havia uma simplicidade no cardápio, no entanto havia também a preocupação que os quitutes ficassem bonitos e todos pudessem apreciá-los.



Figura 6 - Casamento em 1963.

Fonte: www.ajorb.com.br/corb_63_egydio_casamento.htm. Acessado em 22-07-2010

3.1.3 O entreter na década de 1960

O entretenimento na década de 60 ficava por conta dos anfitriões (noivo, noiva e suas famílias), dos comes e bebes como visto acima, e de alguma música tocada por vitrola ou até mesmo piano. As pessoas costumavam se juntar entre os conhecidos e se agrupar nas salas onde acontecia o evento. Era nítida a divisão dos convidados. Ou havia os grupos denominados pelas entrevistadas “clube da luluzinha” e “clube do bolinha” ou as pessoas se juntavam por idade e ou grupo social.

Os convidados da Ana, por exemplo, se espalharam pelo jardim. A noite estava quente e os convidados podiam circular entre as salas enfeitadas com as mesas de doces, a varanda, o jardim e a sala com os presentes. A casa estava decorada com flores: “*A casa tava decorada com flores, e, a casa era uma casa por si só muito bonita, ela era interessante, e.*”. Além de enfeitada, a casa estava repleta de música tocada pela família de seu noivo para entreter os convidados:

Tinha, a casa de meu marido estava toda enfeitada. Tinha música. E, meu marido é de família de pessoas muito musicais. Então ele sempre tocou, sempre tocaram na festa de casamento. A família dele também, né. Eles tocavam, várias irmãs. Tinha um piano na casa, tinha uma música ambiente, mas tinha também, muitas vezes, eles se alternavam tocando. Então foi uma festa bastante divertida.



Figura 7 – Casamento civil em casa.

FONTE: Álbum de casamento, 1969. Foto cedida por um entrevistado.

Mesmo com a música, as comidas e todas as salas para serem exploradas, os convidados formavam grupos para conversar e se entreter a partir de sua afinidade, sexo e idade, eram então grupos formados naturalmente sem a intervenção dos anfitriões:

Os homens de um lado, as mulheres de outro, mas os agrupamentos, ainda eram agrupamentos, os mais velhos se agrupavam por idade, entre homens e mulheres, né. Tivemos uma coisa assim. Os jovens, não. Os jovens já ficavam mais em casais, e os mais velhos separados nesses grupos.

Na ótica de Maria. Os responsáveis por entreter e fazer com que os convidados se sintam bem são os noivos. Havia em sua recepção músicas tocadas na vitrola de sua casa e Maria e seu noivo, apesar de reconhecerem os grupos que se formavam na festa, sentiam que o bem-estar dos convidados dependia deles. Para Maria, a questão do receber entreter bem é passada de geração para geração assim como ela ensino também para os seus filhos:

É se agrupavam, em relação ao seu próprio grupo, mas se misturavam existia uma mistura. Não ficava um grupinho aqui outro grupinho ali, não. Existia uma mistura. E minha mãe costumava dizer uma coisa, que ela nos ensinou e que eu passei pros meus filhos: Depende de você, os convidados se misturarem, você que tem que ir e apresentar um, apresentar o outro, fazer com que um se sintam bem, tentar mais ou menos uma coisa em comum, que eles tenham isso eu tenho até hoje na minha casa.

O entretenimento nas festas de casamento em meados de 1960 ficava então sob a responsabilidade dos anfitriões e também da sua preocupação com quem se convidava. Formavam-se grupos de conversa o que fazia com que os convidados se identificassem e se sentissem confortáveis e entretidos. A preocupação na hora de fazer as listas incluía não apenas pessoas sozinhas, mas grupos inteiros sejam eles amigos, relações comerciais ou políticas. Não se usava chamar alguém para cuidar das músicas (DJs), no entanto, sempre havia uma vitrola ou piano. A atenção dos noivos aos grupos também era uma forma de entretenimento e faziam com que estes circulassem por toda a casa. A sala de presentes, a decoração, os doces e principalmente a conversa era parte essencial do entretenimento.

Pode-se refletir sobre todo o envolvimento manual e familiar que se observa na preparação da festa de casamento em meados dos anos 60. No entanto, deve-se considerar todas as mudanças na estrutura familiar, social e a sua influência nas relações conjugais como foi apresentado nos Capítulos 1 e 2.

Receber em casa, servir quitutes feitos pelas mulheres da família e entreter os convidados com conversa e alguma música, reflete também numa estrutura familiar e social que estava em transição. Em meados de 1960 o amor romântico começa a assumir seu posto e a independência feminina em relação ao sexo e ao trabalho está apenas começando, ou seja, no início da década de 1960 ainda era comum encontrar mulheres com padrões estabelecidos em outras décadas como a reputação de boa moça, o tabu em relação à virgindade e a figura da boa dona de casa. No entanto, foi também nesta década em que as mulheres começaram a descobrir um novo mercado de trabalho, a sexualidade sem tabus a igualdade e a liberdade da escolha. Inicia-se então na década de 1960 um período de mudanças que refletem na estrutura familiar atual e, conseqüentemente, na maneira de receber entreter e alimentar convidados.

3.2 Casar-se depois de 2000

Muitas mudanças sociais e principalmente relacionadas à mulher ocorreram no Brasil e no mundo entre a década de 1960 e 2000. Com isso, a mulher conquistou sua liberdade de escolha e conseqüentemente de trajetória de vida.

Casar-se em 2000, como foi visto nos capítulos sobre a família, significa uma união bastante diferente das uniões da década de 60, basicamente porque o casamento no civil e no religioso não é mais uma obrigação imposta pela família e sociedade. A liberdade sexual antes do casamento, a independência financeira da mulher e a proximidade com a informação (via internet, principalmente), trouxe modificações sociais e conseqüentemente um modelo familiar em transição e sem antigas obrigações como se pôde observar no capítulo 1. Para Pavan (2008), diferentemente do início do século XX no Brasil, hoje homens e mulheres podem usufruir a liberdade sexual, podem ter uma profissão digna, ter acesso aos estudos, fazer parte de um ou mais grupos, sendo solteiros ou não. O casamento deixa de ser uma necessidade ou mesmo a passagem para status mais seguro, de mulher casada.

Os entrevistados Joana, Lia e Caio se casaram nos últimos 10 anos. Percebe-se as diferenças não apenas nas festas, mas também na obrigação que o ritual tinha para cada casal. Suas festas tiveram no mínimo 200 convidados e foram realizadas em salões especializados em eventos sociais. Cada entrevistado demorou no mínimo um ano para planejar a festa que contou com cardápio refinado, DJ, lembranças e outros.

Através dos exemplos dos entrevistados, percebe-se que atualmente no Brasil, casamentos são considerados "eventos" por mais simples que sejam. Zanella (2006, p. 13) considera um evento "*uma concentração ou reunião formal e solene de pessoas e/ou entidades realizada em data e local especial com o objetivo de celebrar acontecimentos importantes e significativos e estabelecer contatos*". Dentre estes contatos, o autor cita o familiar, o social e o religioso que, por sua vez, se enquadram muitas vezes dentro da festa ou recepção de um casamento. Zanella (2006) ainda acrescenta que o evento desperta e estimula os sentimentos do coração da mente e do apetite. Ou seja, o coração ativa o desejo de conhecer pessoas e de viver acontecimentos expressivos, a mente absorve cultura, intercâmbio e lazer e o apetite evoca as tentações gastronômicas e a liberação de hábitos reprimidos e controlados no dia-a-dia.



Figura 8 – Noivos e padrinhos brindando em um Buffet.

FONTE: Álbum de casamento, 2005. Foto cedida por um entrevistado.

Toda a organização e preparação encontradas nas festas de casamentos hoje em dia são justificadas por Lemi e Romani (2009) que afirmam que 60.000 matrimônios são registrados na cidade de São Paulo por ano e que para a organização de festas de casamento existem cerca de 1.000 empresas que compõem esta indústria como floristas, DJs, fotógrafos, banqueteiros, cerimonialistas e outros. Dentre os diversos serviços oferecidos para a realização da festa de casamento, encontram-se várias ações que podem ser personalizadas. São elas: a identidade visual da festa, a arte do convite, o chá-de-cozinha, os docinhos, as lembrancinhas, o bolo, a compra de alianças, os trajés e outras. Com tantas opções, acaba-se gastando uma quantia considerável de dinheiro. No entanto, os autores afirmam que dá para economizar em cada detalhe. Desde a escolha dos doces, do vestido, dos convites, das bebidas e até mesmo no véu pode-se baratear uma festa de casamento. Há atualmente festas e recepções para todos os bolsos.

Zanella (2005) diz que devido à quantidade de preparativos, deve-se estabelecer um “*check-list*” com as principais atividades necessárias para tal festa. São elas:

- elaborar a lista de convidados
- definir a forma de recepção
- definir local, horário e duração das cerimônias;
- designar previamente as pessoas responsáveis pela recepção dos convidados;
- definir o tipo ou modelo de convite de acordo com o perfil da festa;
- providenciar a locação de louças, roupas e utensílios, materiais e serviços;
- elaborar a lista de compras de materiais; formalizar os convites para os padrinhos;
- expedir convites aos participantes do evento; registrar o ato no cartório;
- providenciar o aluguel do local onde será oficializada a cerimônia e a festa;
- fazer curso de noivos;
- preparar o cerimonial da igreja;
- providenciar a decoração da igreja e do local das cerimônias;
- contratar instituto de beleza para a noiva;
- definir trajés para a noiva (seleção, confecção ou locação);
- verificar acessórios de preparação da noiva;
- fazer seleção dos trajés para damas-de-honra, pajens ou acompanhantes;
- definir e selecionar o traje do noivo (terno, smoking, fraque ou meio-fraque)
- definir o cardápio da recepção ou coquetel e realizar testes de qualidade dos produtos e serviços;
- concepção e preparação do bolo nupcial;
- providenciar álbum de fotografia (fotógrafo, tipo de fotos);
- filmagem/ gravação em vídeo;
- providenciar lembranças do casamento;
- providenciar passagens, traslados e hospedagem dos noivos;
- lua-de-mel;
- observar hábitos tradicionais e simbólicos praticados ao final da cerimônia civil ou religiosa (jogar o buquê, arroz, etc.)

Quadro 4 – “*Check List*” de preparativos para a festa de casamento

FONTE: ZANELLA, 2005, p.290-291.

Assim, independentemente do tipo de cerimônia ou recepção escolhidos, sempre há

uma série de detalhes e opções. Simão (2005) sugere um cronograma separado pelos doze meses que antecedem o evento para que os noivos possam organizar cada tarefa. Uma das etapas mais importantes deste cronograma é a comida que será servida. O cardápio ajuda a definir o tipo de recepção ou festa. Por exemplo, se só forem servidos bolo e champanhe o evento durará entre duas e três horas e acontecerá em um salão mais simples. Caso seja escolhido um coquetel, serão servidos aperitivos frios e quentes e até mesmo um prato que possa ser degustado em pé (neste tipo de evento o melhor horário a ser escolhido é entre 15 e 18 horas), não há a necessidade de mesas e cadeiras, mas sim sofás e pufes. Já no jantar completo, a estratégia é diferente. Há a necessidade de mesas e cadeiras e costuma-se investir bastante dinheiro nas bebidas e no entretenimento (pista de dança, DJ, etc.).



Figura 9 – Noivos na pista de dança em Buffet.

FONTE: Álbum de casamento, 2005. Foto cedida por uma das entrevistadas.

Apesar de toda uma indústria voltada para o “evento casamento”, ainda encontra-se pequenos gestos considerados antigos como o de Caio, que fez questão de pedir a mão de sua noiva à seu pai. O entrevistado afirmou que quando tiver uma filha, ele esperará o mesmo de seu genro, pois considera este um gesto importante: *“Eu gostaria que com uma filha minha fosse desse jeito, pra sabe, pra pedir a mão dela saber o que ele acha também porque é*

importante também né”, Ter o apoio dos pais ou não né.”. Caio disse que desde o primeiro momento que conheceu sua noiva já sabia que ela era a mulher da sua vida e já deixou claro no relacionamento quais eram suas intenções. O pai de sua noiva também cobrou esta posição de Caio, o casamento ocorreu assim que ele se formou na faculdade. Caio afirma que uma das pessoas mais presentes durante os preparativos foi sua sogra.

Percebe-se através da história de Caio, que em muitos casos a família ainda se preocupa com o matrimônio e com o compromisso de seus filhos perante o casamento. Percebe-se também que essa preocupação ainda reflete na decisão dos filhos. Joana e seus pais também tinham esse pensamento. Quando Joana e seu noivo decidiram ir morar nos Estados Unidos para fazer um curso, a mãe de Joana disse à sua filha que só gostaria que ela saísse de casa casada:

Meus pais, então minha mãe sempre falava que eu só sairia de casa casada, tá. O que em muitos momentos ela falava isso, mas em outros ela falava obviamente se eu quisesse sair não casada, ela não tinha como decidir por mim isso. Mas eu acho que assim, pros meus pais era muito importante que eu fosse casada.

Joana ainda afirma que a questão da festa e do ritual é uma questão que sofre 100% de influência familiar e que ser uma mulher casada era como um status para ela na época:

Que naquele momento assim, a festa era importante? Era importante, era um sonho, mas o status de mulher casada pra mim era muito mais importante. Por que eu acho que é influência familiar, acho que é 100% influência familiar. Hoje eu penso um pouco diferente, mas naquela fase pra mim era mais importante ser a esposa e não uma acompanhante, tá.

Ao mesmo tempo em que Joana fazia questão da festa, seu noivo não fazia. No entanto ele nunca se opôs à realização da mesma. Joana disse que após a festa o seu marido reconheceu o quanto era importante esta celebração. Joana descreve a fala de seu marido após a realização da festa:

Uma coisa muito engraçada, foi que assim, é, em todo momento, assim, meu marido apoio não foi mais o empolgado, mas hoje ele fala pra pessoas que vão casar. Enfim, ele fala que é a melhor festa da sua vida.

Ainda confirmando a diferença na obrigatoriedade do casamento da década de 60 e atualmente, tem-se também o exemplo de Lia. Quando Lia e seu noivo já moravam juntos há

um ano quando decidiram se casar. Lia não fazia questão da festa, alegando que por seus pais não serem casados, nunca houve uma pressão em relação à festa e a legalização do matrimônio. Lia não pensava em se casar na igreja, mas seu noivo sim, principalmente por causa da influência de sua avó:

Ah, ele sempre quis casar. Bom, aí, a gente foi morar junto. A gente decidiu que ia morar junto. Aí a gente procurou uma casa, aí a gente achou um apartamento, mobiliamos, fomos morar junto. Aí a gente já tava há quase um ano morando junto, e cada dia o Fernando falava mais de casar, e casar. Por que ele queria casar na Igreja, que ele tinha prometido pra avó dele que ele ia casar na Igreja.

No entanto, o mesmo que ocorreu com o marido de Joana aconteceu com Lia. Durante os preparativos ele foi se envolvendo e se empolgando com a festa e com a idéia do casamento:

Ah, tá. Ah, no começo a gente foi assim, ah vamos casar, então vamos. Daí a gente começou a gostar do negócio. Eu não achei que eu fosse gostar tanto disso. (Risos). De me vestir de noiva, e aí começou a ficar muito legal. Eu gostava, assim, cada vez que eu ia experimentar o vestido. Aí eu me empolgava mais.

Durante os preparativos, Lia e seu noivo contaram com uma cerimonialista amiga da mãe do noivo. Foi também a sogra de Lia quem sugeriu que a festa fosse realizada numa casa próxima à Praça Panamericana, especializada em eventos sociais. Sendo assim, grande parte dos detalhes como a comida e a decoração foram indicações desta amiga-cerimonialista da família. Para Lia, além desta cerimonialista, dela e de seu noivo, os mais envolvidos foram os pais de seu noivo: “Ah, acho que além de nós dois, foi os pais dele. A mãe dele se envolveu muito, é, tanto que ela tem uma amiga de infância que faz casamento.”

Com Joana a preparação foi bem parecida. Joana contou com sua mãe na escolha do vestido, mas a pessoa que mais esteve presente com ela foi sua amiga de infância que na época já trabalhava como assessora de casamentos. Foi então, esta amiga e assessora de Joana que a ajudou na escolha do salão, na decoração, na escolha da comida e na escolha do padre, uma vez que Joana não teve uma cerimônia na igreja e sim no próprio Buffet onde também aconteceu a festa:

Depois que a gente casou no civil, aí na verdade assim, não teve a Igreja, mas a cerimônia religiosa que foi no próprio buffet.

Porque que a gente acabou optando pela cerimônia no Buffet? É, eu e o meu marido a gente não tem nenhuma religião definida, a gente tem alguns princípios que a gente compartilha e, a questão da Igreja Católica, apesar de ter sido batizada e ele também, e vem de família Católica, a gente discorda de alguns pontos da Igreja Católica.

Joana teve então uma cerimônia com um reverendo da igreja Anglicana, uma vez que os anglicanos permitem celebrações fora da própria igreja. Joana ficou satisfeita com as palavras ditas pelo reverendo e afirmou que era exatamente assim que queria na sua celebração.

No caso de Caio foi um pouco diferente. Caio não é católico e as imagens da igreja não lhe agradam. Por isso, ele e sua noiva escolheram uma igreja sem imagens, mas fizeram questão da celebração por causa da sua importância para a noiva:

Eu não sou católico, de imagens eu não gosto de imagens na igreja nem nada. Mas eu acho assim, o gosto da noiva é muito importante no casamento, o gosto da noiva. E tem que ser do jeito que ela quer, porque é um momento especial pros dois. Mas pra noiva parece que é um pouco mais, mais mas é especial pros dois. Então, eu procurei saber tudo que Kátia queria, mas não pra fazer igual, porque igual não sai, igual é fantasia sair. A gente nunca pode pensar que vai sair igual.

Caio fez o que pôde para deixar sua noiva feliz. Alugou uma *limousine*, mesmo com o preço exorbitante do carro. Além do carro, Caio demonstrou sua preocupação em tentar fazer tudo do jeito que sua noiva queria:

Mas a gente tenta fazer próximo, naquilo que dá. Daí eu fiquei sabendo como que ela queria a festa. Se a festa tivesse apetrechos, por exemplo, na festa. Como quem ela queria as fotos no telão? Com que carro ela sonhava chegar na igreja?

Ainda sobre a celebração na Igreja, Lia e seu noivo levaram em consideração o pedido da avó do noivo e se casaram na igreja São José, como a avó sonhava. A avó do noivo alegava que nenhum dos irmãos dele havia casado na igreja e que gostaria que ele se casasse lá:

É, não sei se foi bem uma promessa, mas ele conversou com ela, que nenhum dos netos dela, dos três irmãos dele, tinham casado na Igreja, e que o sonho dela é que alguns dos netos, casassem na Igreja. Então, ele falou não, vou casar. Aí, ela falou: - eu queria muito que você casasse naquela

Igreja, que é perto da casa dela.

A questão da substituição da festa por uma viagem ao exterior apareceu nas três entrevistas como uma substituição nula em relação à festa. Nos três casos, pelo menos um dos integrantes de cada casal fazia muita questão da festa em si. Os casais tiveram lua de mel e desfrutaram pelo menos de uma semana fora do país. Não havia sentido substituir uma festa pela viagem como alega Joana: “*Eu escolheria a festa, tá. Porque eu acho que festa, é uma vez na vida e viagem é legal, mas eu acho que assim dá pra você fazer várias “luas-de-meis” (Risos) sei lá como é que fala.*”. Caio possui um discurso bem parecido ao de Joana quanto à este assunto:

Não tem sentido, o casamento ser só os dois, casou. Claro, eu não condeno quem faz isso, porque cada um faz o que pode, ou o que pensa, mas na minha opinião é que o casamento é exatamente isso, mostrar pra todo mundo, dividir com todo mundo o momento alegre, entendeu?

Agora, é, e depois sim, você vai ter tantas oportunidades pra viajar só vocês dois, porque que você não pode se esforçar um pouco e fazer uma festa. Mesmo que seja uma festa, que não seja nada de regalia, nem nada, mas eu acho que tem que ter a festa. A festa é importantíssima, exatamente porque não tem cara de um casamento, o nome já fala festa de casamento, não tem como, tem que ter o casamento.

Lia e seu noivo já moravam juntos e já possuíam muitas coisas dentre elas os eletrodomésticos. Ela e seu noivo pediram então como lista de presente, além da lista convencional com itens que eles ainda não tinham um cruzeiro no nordeste brasileiro, mas seus padrinhos compraram toda a cota e lhes deram um cruzeiro para o Caribe. Além do cruzeiro, Lia afirma que ganhou tantos presentes até hoje não sabe tudo o que ela tem:

É, então. (Risos) Tem coisa que eu nem sei que tem. Hoje a gente tava vendo é as travessas o que que colocava na mesa. Aí o Fernando falou – aí a gente tem um tábua, não tem uma tábua de frios?! Ai eu falei – ah tem tem, tem uma lá na cozinha, que a gente nem usa.

Aí ele falou: - ah não esses dias eu subi ali no armário pra pegar alguma coisa, e, eu vi que tinha mais duas tábuas aqui em cima que eu nem sabia que existia.

Caio e sua noiva, no entanto, se preocuparam em pedir apenas lembranças, para ele o

importante é apenas a lembrança dos convidados e não a obrigação de dar algo caro no casamento: “Então foi isso daí. A lista do nosso casamento se envolveu basicamente pequenas coisas pra lembrar, pra ser mais ou menos lembranças, entendeu?”.

O caso de Joana foi um pouco diferente. Como ela e seu noivo estavam indo estudar fora, optou-se então por ganhar dinheiro ao invés de presentes. Assim, quando os convidados ligassem para confirmar a presença com a sua cerimonialista, a mesma indicava a conta em que deveria ser depositado o dinheiro. Diferente do que Joana esperava, por causa de um problema com a identificação do depósito, muitas pessoas não lhe deram nada sabendo que não estariam identificadas. Joana ficou muito chateada, pois acredita não que seja uma obrigação dar presente, mas que simboliza uma ajuda ao novo casal, ajuda essa que ela acreditava que ia ganhar de seus amigos, uma vez que ela faz questão de ajudá-los também no dia de seu casamento:

Agora pra mim, o que é um presente de casamento? Presente assim, por exemplo, eu casei então aquela minha amiga que pode me dar um presente, ela não tá me dando um presente, ela tá me dando uma ajuda de começo de vida. Porque quando ela casar, o que eu vou fazer é simplesmente devolver. Também vou ajudá-la no começo de vida.

Como se pode observar, não apenas a festa de casamento, mas os meios de se presentear o casal também mudaram. O presente segue com o significado de agrado e ajuda ao novo casal, mas assume formas diferentes. No caso de Joana em particular, observou-se que muitas vezes se dá um presente esperando que o mesmo seja identificado pelos noivos. Ou seja, não há a alteridade que deveria compor este gesto de “doação” como num dom onde não se espera retribuição.

Percebe-se então uma mudança muito grande entre os casamentos e o envolvimento da década de 60 e atualmente. Não há mais a obrigatoriedade de se casar. No caso de Lia ela e seu noivo já moravam juntos, portanto, a festa aconteceu mesmo porque o noivo de Lia fez questão. No caso de Joana quem fez questão da festa foi ela, convencendo assim seu noivo. Um pouco diferente da história desses casais, Caio fazia questão da festa, mas a celebração na igreja ocorreu mesmo por que ele sabia que para sua noiva era importante e queria agradá-la.

O peso da família na celebração do casamento diminui. Há a influência dos pais como os sogros de Lia, a avó do noivo de Lia, a sogra de Caio e a mãe de Joana, no entanto, surge uma nova pessoa denominada pelo mercado cerimonialista e o envolvimento da família toma proporções menores bem como a obrigação da realização da festa de casamento e da

cerimônia na igreja.

3.2.1 O receber depois de 2000

Receber em festas de casamento a partir de 2000 adquire outras proporções. Atualmente só se recebe em casa para pequenas comemorações ou jantares. Os lares na cidade de São Paulo estão cada vez menores e não há espaço para receber 200 ou 300 pessoas, como é comum em festas de casamento. Crescem os números de Buffets especializados em eventos sociais e como visto no capítulo 2 os dados revelam que o número de serviços nesta área cresceu vertiginosamente.

Diferente dos entrevistados da década de 60, Lia, Caio e Joana fizeram suas listas levando primeiro em consideração os seus amigos queridos e parentes mais próximos. Joana afirma que a festa foi paga metade pela sua mãe e metade pela mãe do noivo, no entanto, os convidados foram escolhidos pelos noivos como disse Joana: *“Sim. A lista foi feita por nós, e:::, a comunicação pros pais, também foi olha: “- a gente não quer pessoas estranhas no nosso casamento.”*

Caio e sua noiva fizeram sua lista e consideraram que segundo eles, este é um evento que para o pai da noiva tem um grande significado, ou seja, ele deveria ter mais convidados pois estava casando sua filha: *“Só que é, principalmente pro pai da noiva, é, ele tem um envolvimento maior em, em mostrar mais pros amigos, assim, que ele tá casando uma filha.”*



Figura 10 – Mesa de convidados casamento em Buffet, 2010.

FONTE: Foto tirada por Marília Ferraz Prando.

Os outros convidados de Caio e sua noiva foram seus amigos próximos e os familiares. Caio afirmou que prefere convidar um amigo próximo a um parente que ele não mantém contato. Caio restringiu então alguns convites que sua mãe gostaria de mandar para parentes distantes alegando que eles não eram importantes para ele e nem para sua própria mãe: *“Não representavam nada pra mim, e eu tenho dúvida se até representavam pra ela mesmo, entendeu?!”. Caio disse que por causa dessa escolha de convidados eles puderam receber apenas pessoas mais próximas, o que fez com que o ambiente se tornasse agradável: “Eu achei legal, porque no final das contas, ficou todo um ambiente muito próximo, porque as pessoas todas tinham um laço, mesmo que pequeno, mas um o outro, assim.”.*

Lia e seu noivo fizeram a lista juntos. Nesta lista estavam os amigos e parentes que eles mantinham contato. No entanto, Lia ligou para seus pais que possuem parentes no interior, para saber se eles gostariam de enviar convites mesmo sabendo que eles não viriam: *“Primo distante, assim, por formalidade dos meus pais, e da minha tia que é irmã do meu pai, que mora aqui. Que eles falaram: não tem que convidar, não sei quem, tem que convidar não sei quem.”* Mas a entrevistada confirmou que eles não vieram e confessou que os convidou apenas por obrigação: *“Obrigatório mesmo. Tinha gente que eu nem conhecia, que eu mandei o convite, pra todas as minhas tias avós, mas eu só conheço uma.”*

Além da diferença na hora de fazer a lista de convidados, Lia recebeu em uma casa alugada própria para eventos sociais indicada por sua sogra:

E aí, a mãe do Felipe falou, ah tem uma casa que eu sempre vejo casamento, eu passo na frente e acho lindo e tal. Aí a gente foi ver a casa, foi procurar o contato e aí a gente acabou visitando, nós gostamos da casa e aí a gente viu que estava disponível na data e aí a gente já fechou.

Joana recebeu em um Buffet tradicional da cidade de São Paulo. Apesar de ter escolhido outro lugar para sua festa, por não ter feito a reserva, Joana perdeu a data que queria o que gerou até uma briga com seu futuro marido:

Era Buffet. Ah, era lá no Pacaembu. Não lembro do nome, mas enfim, eu tinha gostado muito. Um buffet que oferecia massas, comidas. Era justamente o que eu queria, mais degustação, pequenas porções, que era

tudo que eu queria oferecer pros meus convidados. Então minha mãe chegou a ir comigo, ela gostou do lugar tudo, e isso foi antes da gente saber a resposta se a gente ia ou não casar. Então, no final das contas a gente acabou perdendo o buffet. E, foi com certeza, uma das brigas mais sérias que eu tive com meu marido.

Joana recebeu seus convidados então no Buffet Baiuca e, apesar do descontentamento inicial com a questão do lugar, Joana ficou satisfeita com sua festa: “*É exatamente. Então, assim foi legal, gostei não trocava, mas enfim foi essa história até a gente chegar no lugar.*”.

Caio recebeu em um salão de festas de um clube próximo à casa de sua noiva: “*O salão era um salão do clube, perto da onde a Kátia morava com os pais.*”. Nenhum dos três entrevistados levantou a hipótese de receber seus convidados em casa, uma vez que além do trabalho desgastante de organizar uma festa, suas casas não comportavam tantos convidados. Foram abertas então as portas de um salão desconhecido, onde os convidados se alimentaram e foram entretidos de uma maneira diferente à década de 1960, com particularidades comerciais como será visto adiante.

3.2.2 O alimentar depois de 2000

Canapés, drinks, vários pratos internacionais e docinhos enfeitados de “pasta americana” fazem parte do cardápio de uma festa de casamento atualmente. Os três entrevistados tiveram buffets responsáveis pelo serviço de alimentação da festa. Nada foi feito por pessoas conhecidas ou família. Tudo foi contratado. Os entrevistados passaram por degustações que incluíam todo o cardápio escolhido até os docinhos e o bolo.



Figura 11 – Bolo de casamento em Buffet, 2009.

FONTE: Foto tirada por Marília Ferraz Prando.

Pode-se justificar toda a preparação e preocupação com a festa através de Simão (2005), que separa em porcentagens os gastos com cada item de uma festa de casamento na atualidade:

Local da cerimônia	8,00%
Decoração (flores)	15% (incluindo o buque)
Alimentação e bebidas	30% (incluindo bolo, doces e serviços)
Roupa da noiva e do noivo	10% (incluindo maquiagem e cabeleireiro)
Músico	8% (cerimônia e festa)
Fotografia e filmagem	12% (para contratar os serviços no dia e depois fazer revelação, álbum e DVD)
Papelaria	3,00%
Lembranças	3,00%
Cerimônia religiosa e civil	3,00%
Transporte e estacionamento	3% (aluguel de carro para noiva e contratação de manobristas para os convidados)
Vários	5% (para custos extras que forem aparecendo durante a programação)
Organizador do casamento	10% a 15% (porcentagem que esse profissional costuma cobrar sobre todos os gastos que você incorrer)

Quadro 5- Porcentagem de dinheiro gasto com cada item da festa de casamento

FONTE: SIMÃO, 2005, p. 17.

Nota-se através quadro acima, que a maior porcentagem de dinheiro gasta em uma festa de casamentos na atualidade é com a comida. Ou seja, alimentar os convidados e fazê-los se sentirem satisfeitos é algo significativo como narram os três entrevistados.

Joana por exemplo, ficou satisfeita com a comida que foi servida em seu casamento. Para Joana, as comidas de Buffets não costumam ser muito boas por causa da quantidade de pessoas a serem servidas: “E:::, gostei bastante. Eu acho que pra uma comida de buffet, onde é sempre muito complicado, porque é um monte de gente, pouco tempo, enfim. Eu achei que, que era muito boa.”.O cardápio de Joana era bem variado e a comida foi servida em pratos prontos, ou seja, os garçons serviam os pratos já montados aos convidados. Faziam parte do cardápio canapés variados, uma salada de entrada, uma carne como prato principal, um “vol-au-vent” recheado de creme de palmito e uma massa com recheio de queijo e molho de tomate como acompanhamentos. Joana afirma que a escolha dos pratos foi pensada de maneira com que todos os convidados se sentissem satisfeitos até mesmo os convidados que possuem algum tipo de restrição alimentar:

Eu lembro que a opção era massa ou risoto, mas como tinha uma, eu não sei se tinha arroz no prato, mas enfim, a gente acabou optando pela massa até porque tem um molho e tal. É o recheio de queijo foi pra, porque é uma coisa neutra e também porque eu tenho alguns amigos vegetarianos. E, não tem como não pensar nessa hora.

Além dos salgados, não faltaram doces na festa de Joana. Cada mesa recebeu uma pequena “torre” de doces que continham os mais diferentes tipos. Dentre eles, brigadeiro, pois é o doce preferido de Joana. Além dos docinhos, também foi servido uma sobremesa especial. Para esta sobremesa, apagaram-se as luzes e os garçons colocaram fogo no topo da sobremesa, criando assim, uma espécie de show. Depois da sobremesa, ainda foi servido o bolo, que particularmente não agradou Joana: “Tinha bolo. Bolo, embora estivesse muito bonito eu acho. Tava realmente muito ruim. (Risos) Foi a maior decepção. Porque na verdade, o bolo também eu só comi depois que eu voltei da lua-de-mel.”.

No casamento de Lia, a amiga cerimonialista de sua sogra cuidou da parte da alimentação. Sua sogra alegou a comida da equipe de sua amiga era muito boa, e como Lia

estava começando seu doutorado, seguiu o conselho de sua sogra por confiança:

Porque ela já fazia casamento, a mãe do Fernando já conhecia e falava que a comida dela era muito boa. Porque a essa altura eu já tinha começado o meu doutorado. Então eu não tinha muito tempo pra fazer prova de comida, prova. Já bastavam as provas do vestido de noiva, que. (Risos)

O cardápio da festa de Lia continha canapés quentes e frios, uma salada, um risoto milanês, uma carne (mini medalhão de filé mignon), tudo servido à americana, ou seja, haviam mesas com as comidas, onde cada convidado se levantava e ia montar seu prato com a ajuda de garçons. Para beber, havia prosecco, whisky e dois “*barmen*” fazendo caipirinhas de vodka. Como sobremesa muitos docinhos que foram provados anteriormente.



Figura 12 – Mesa de petiscos casamento em Buffet, 2010.

FONTE: Foto tirada por Marília Ferraz Prando.

O cardápio de Caio foi parecido com o de Lia e a comida também foi servida à americana. Como o salão alugado não tinha serviço de alimentação, então, Caio e sua noiva por indicação de seu sogro foram degustar a comida de um Buffet conhecido:

Era fora, porque o local, a gente alugou o salão, o local não tinha o buffet. O Buffet era o Moreno's daí, eles têm um esquema de degustação, que você

vai lá eles servem vários pratos, tem uma quantidade de pratos pra escolher, no pacote que você fecha.

No cardápio da festa de Caio haviam canapés variados, no entanto, sua noiva restringiu os canapés à apenas assados. Não era de seu agrado coxinha, bolinha de queijo e outras frituras. Além dos canapés, foi servido no jantar, uma salada, uma carne vermelha, uma batata em camadas e uma massa de queijo. Caio demonstrou a mesma preocupação de Joana, escolhendo uma massa sem carne, pensando nos vegetarianos: *“Uma massa que todo mundo come. Que é uma massa sem carne”*. Como sobremesa havia bolo, doces que o entrevistado não se recorda e docinhos de festa: *“Os doces tinha, não era brigadeiro. Era mais doce envolvendo chocolate, envolvendo coco, eram doces chiques, não eram doces quaisquer, assim, que você encontra em qualquer festa.”* Por influência da sua sogra, Caio e sua noiva deram ao final da festa bem-casados, uma vez que a mãe da noiva considerava tradicional. Foram servidos ao final também café, outros docinhos e licor.

As bebidas Caio e seu pai escolheram juntos. Uísque, vinho frísante, vinho tinto, refrigerante e licores faziam parte do seu cardápio. Para a escolha destas bebidas lhe indicaram uma pessoa especializada em harmonização de bebidas e comidas. Caio conta como foi orientado e como se preocupou durante a escolha das bebidas:

Não sabia como explicar, bom, mas ela explicou tudo lá das bebidas. Daí a gente mostrou o que a gente ia servir pra comer. E basicamente a gente se preocupou em agradar um pouquinho de cada um, porque agradar todos não dá.

Percebe-se então que a comida servida é totalmente elaborada por estabelecimentos comerciais e não pela família. Ou seja, paga-se por cabeça e se escolhe o cardápio segundo as preferências dos noivos. Não há mais o envolvimento da família em fazer a comida ou assistir de perto quem as faz (como as quituteiras de antigamente). A comida aparece em grandes banquetes. Não se usa mais servir apenas salgadinhos e doces como foi observado nos três casos. A comida assume um papel mais impessoal e comercial. O jantar vira *show* e entretenimento como no exemplo da sobremesa de Joana. No entanto, apesar de todo esse distanciamento com a preparação da comida servida, diante dos depoimentos dos entrevistados, a preocupação em agradar e fazer com que todos se sintam satisfeitos ainda aparece em muitos momentos. Uma massa para vegetarianos e bebidas que agradem a todos, são apenas alguns dos exemplos de observações feitas segundo as preocupações dos noivos

em relação a alimentação de seus convidados. A alimentação, como se verificou, tem grande importância nas festas de casamento, sobretudo por seu caráter de sedimentar grupos de convidados, aproximar pessoas na comensalidade, afastar outras.

Nota-se que em todos os casos exemplificados pelos entrevistados, tanto na antiguidade quanto atualmente há a oferta de alimento e, segundo Simão (2005), a alimentação totaliza 30% dos gastos totais da festa. Ou seja, a maior porcentagem de dinheiro em uma festa de casamento vai para a refeição o que de fato já demonstra sua importância. Pode-se dizer então que por mais simples que seja a recepção sempre há um investimento no receber, entreter e alimentar convidados o que remete então a alguns campos da hospitalidade. Realmente, todo esse aparato e profissionalização acompanham as mudanças nas festas de casamento que, de cerimônias realizadas em casa, passam a exigir uma organização profissional que cada vez mais tem a ver com o crescimento do mercado de serviços, em grande parte sofisticados, que conferem à festa um caráter mais “mundano” e menos privado, digamos. Crescem os negócios em torno do casamento, à medida em que se aprofundam as distâncias entre o público e o privado.

As festas se tornam espetáculos, no contexto da sociedade do espetáculo. Grande quantidade de alimento costuma ser servida em ocasiões festivas, como símbolo do prestígio e poder das famílias ou do grupo, operando em vários níveis de sociabilidade. O casamento é um dos momentos de maior formalidade no relacionamento social e a circulação de alimentos adquire grande importância, como um dos rituais de passagem dentro dos ciclos da vida, Nascimento, casamento e morte, dos mais significativos e dentro dos quais a distribuição de alimentos e a comensalidade surgem como característica comum. Assim, a cerimônia de casamento é outro dos momentos alargados da rede de dádivas alimentares. *“Desde o contrato de casamento até a celebração da boda, passando pela formalização dos convites aos amigos e familiares (à casamentos e batizados só vão convidados), a circulação de alimentos e a comensalidade funcionam como elemento de sedimentação do relacionamento entre as casas”*. (LAMEIRAS,1997, p.232). A relação de apadrinhamento no casamento também se torna objeto de procedimento ritual fundado na dádiva e contra- dádiva alimentar, assim como as relações de parentesco, amizade e negócios. Assim, os convidados têm um papel a desempenhar.

3.2.3 O entreter depois de 2000

O entretenimento assim como o receber e o alimentar convidados em festas de casamento, também sofreu mudanças significativas. As mudanças nas festas de casamento a partir de 2000 e até mesmo um pouco antes (décadas de 80 e 90), fizeram com que DJs, bandas, bar de caipirinha e uma série de comidas que entretêm os convidados atualmente, virasse algo comum.

Quando Caio e sua noiva escolheram o salão, já estavam pensando no entretenimento dos convidados:”*Porque, lá no salão, a gente escolheu um salão, que tinha lugar e tinha uma baita de uma pista. Daí eu preferi pegar um DJ, porque seria mais eclético, pra tocar de tudo e cabou.*”. Caio e sua noiva também fizeram questão de cumprimentar todos os que estavam na sua festa. O tempo que o casal deveria passar cumprimentando cada convidado foi calculado com antecedência. Enquanto os noivos não passavam pelos convidados, os mesmos poderiam degustar alguns canapés:

Enquanto estava servindo aquele coquetelzinho, canapézinho, aí a gente conseguiu ir cumprimentando todo mundo. A gente infelizmente não podia ficar muito tempo em cada um. Eles até fizeram uma conta, se você ficar tanto tempo com tal pessoa, no final das contas, se você ficar com todo mundo, vai dar quase uma hora. Não pode, ela falou: - ó você tem que ter um tempo, é corrido, tem pessoa que você vai ficar um pouco mais, tudo bem, mas você tem que correr.

Além de cumprimentar todos, a preocupação de Caio em fazer com que os convidados dançassem e se divertissem e era grande, Caio até usou uma tática, fazendo com que os convidados fossem para a pista de dança:

Daí eu tava com a preocupação, se todo mundo ia dançar ou não. Aí eu falei o seguinte, quando chegar mais ou menos o horário de abrir a pista, vamô eu e você, a gente dança, porque isso instiga os convidados a irem dançar. Daí eu falei, eles não vão querer deixar só o noivo e a noiva dançando, entendeu!? Vão querer se agrupar. Não deu outra. Eu falei ó, começa com forró, eu escolhi a seqüência, não, aí ele falou qual? Aí eu falei ó que você vai escolher você escolhe, mas começa com forró, que dá uma animada. Na época, inclusive o forró tava em alta. Por isso que eu escolhi o forró, hoje eu não sei. Eu, eu não gostaria de começar com funk.

Música animada, noivos na pista e distribuição de adereços de festa como chapéus, óculos, estolas de penas e outros fizeram com que a festa de Caio e sua noiva fosse um sucesso:

Porque primeiro o pessoal tá acomodado, depois o pessoal tá se divertindo, e bebendo lógico. Quando a gente viu que tava tudo isso, a gente falou vamos pro próximo passo, né.

Entendeu. Daí a gente começou a dançar, começou a juntar gente, meu irmão vindo, e outro vindo, vem outro grupinho vindo, aí vai vindo, começa a encher devagarzinho, daí o DJ começa a animar, começa a distribuir as coisinhas, de repente tá bombando a pista, daí bom é missão cumprida, da dança, entendeu. (Risos)

Outro ponto alto da festa de Caio e sua noiva foi a hora em que os amigos de Caio cortaram pedaços de sua gravata e saíram vendendo aos convidados do salão. Caio deixa claro, que a brincadeira não é por causa do dinheiro, mas sim pelos momentos divertidos em que se pode passar com seus amigos:

Pelo menos pra mim, todos os meus amigos falaram, é o que vale, é a brincadeira. Porque é uma coisa clássica, aqui, né. No Brasil pelo menos fazem, eu não lembro de um casamento que eu não fui, quer dizer, já fui em alguns que não tiveram gravata, mas eram casamentos que eu percebi que também teve pouca animação, entendeu?!

Joana e seu noivo começaram a festa de uma maneira diferente. Ao invés da primeira dança lenta, como de costume, eles fizeram uma apresentação de tango, estilo musical que Joana gosta. Para que a coreografia saísse corretamente, Joana e seu noivo tiveram aulas de dança antes do casamento:

Então a gente contratou um professor particular, que desenvolveu toda uma coreografia. E, enfim, o mais engraçado, assim que todas as vezes que a gente treinava, nunca deu certo a coreografia. A gente no final caía pro lado errado, enfim. E no dia do casamento foi perfeito.

Joana e seu noivo não passaram de mesa em mesa para cumprimentar seus convidados, pois como a comida estava sendo servida a francesa. Foi sugerido então, que eles não passassem de mesa em mesa, ao contrário a festa ficaria muito desanimada. No entanto, os noivos fizeram um agradecimento aos convidados no microfone e ficaram na pista ao som do DJ, esperando que os convidados viessem até eles. A noiva afirma que os convidados se

misturaram principalmente pelo fato de eles terem convidados apenas os mais próximos:

Uma coisa legal também que eu senti, pelo grupo ser pequeno e serem só essas pessoas, mais próximas. Muitos dos meus amigos já conheciam os amigos dele, enfim, ou então amigos meus, de um grupo também já conheciam amigos de outro grupo. Então, é, acho que assim, a festa tava muito familiar, assim, pra todos. Então, isso, assim não me preocupei, realmente, não foi um ponto que chamou atenção as pessoas deslocadas.



Figura 13 – Festa de casamento em Buffet 2010.

FONTE: Foto tirada por Marília Ferraz Prando.

Como analisado no “alimentar convidados a partir de 2000”, a comida vira um entretenimento dos convidados. Joana teve em seu casamento uma sobremesa especial: “Então foi muito legal, assim, porque a sobremesa fez parte, meio de um show. Então, onde os garçons todos cada um entrava com um. Parecia um vulcãozinho.”. A sobremesa entreteve seus convidados, pois todas as luzes foram apagadas e os garçons trouxeram-nas pegando fogo ao som de uma música alta.

Como Lia recebeu em uma casa de eventos, na hora de separar os cômodos ela e seu noivo já classificaram um quarto para a pista de dança, um para um “lounge” e outro para o pessoal mais velho:

Não era só um salãozão, então a gente falou, ah é, essa sala dá pra gente fazer uma pista, essa outra sala, dá pra gente fazer um lounge que era pro

peçoal mais jovem. E tinha uma outra sala mais afastada que era pro peçoal mais velho.

Para o casamento de Lia também foi contratado um DJ que entreteve os convidados mais jovens. Os mais velhos, segundo Lia, se entreteriam conversando:

E foi o que aconteceu, porque o peçoal mais velho fica praticamente a noite inteira sentado conversando. Porque o casamento pras peçoas mais velhas é uma oportunidade deles se encontrarem, deles se falarem.

Por indicação da cerimonialista amiga de sua sogra, Lia e seu noivo contrataram um “bar de caipirinha”. Os barmen contratados pela cerimonialista eram gêmeos e Lia narra que esse fato gerou diversão entre os convidados:

E aí foram eles de barman, é muito engraçado, porque as peçoas me encontram hoje, e falam: - ah, aqueles barman, aí a gente ia no bar vinha o cara e aí a gente ia no outro bar vinha o mesmo cara. As peçoas sempre comentam, até hoje alguém comenta a historia do barman. (Risos)

DJs, pista de dança, luzes, fantasias e adereços de festa, bar de caipirinha, sobremesas que pegam fogo. São apenas alguns dos exemplos dos tipos de entretenimento citados pelos entrevistados que se encontra nas festas de casamento atualmente na cidade de São Paulo. Diferente da música tocada no piano ou na vitrola, da obrigação dos noivos em entreter seus convidados conversando com cada grupo, hoje o entretenimento é algo que se contrata. No entanto, em alguns casos como o de Caio, percebe-se que ainda há o incentivo e esforço do casal para que seus convidados se entretendam, como narrado por Caio na sua festa de casamento.

Pode-se dizer então que os casamentos viraram eventos. Para Borghert (2008), o casamento na atualidade necessita de um estilo de evento que serve para oficializar a união de duas peçoas frente à sociedade. A autora divide a festa de casamento em três categorias: a comemoração em família, que são festas sem cerimônia religiosa onde os noivos formalizam sua união para família e amigos; a festa em outro local, onde após a cerimônia religiosa os noivos e os convidados se dirigem a um local previamente escolhido e preparado; a festa no local da cerimônia, que acontece em igrejas ou sinagogas que possuem salas reservadas para comemorações onde na maioria das vezes é servido bolo e champanhe. Ou seja, abre-se então um leque de opções e serviços que fazem do casamento na atualidade um espetáculo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com essa pesquisa, mostrar tanto na parte bibliográfica, quanto na pesquisa de campo, que as mudanças observadas hoje nas maneiras de receber, alimentar e entreter em festas de casamento devem-se em grande parte, à emancipação feminina, a participação da mulher no mercado de trabalho e à formação de um novo tipo de família, baseado nas escolhas individuais, etc. Do ponto de vista do mercado, entretanto, houve a apropriação, digamos, das festas e particularmente das festas de casamento.

É difícil dimensionar as mais significativas mudanças e as persistências nos casamentos de cinquenta anos para cá. Eles conservam o caráter do conagração entre as famílias na formação do novo casal, a persistência do ritual, do vestido de noiva, do buquê, etc., dos símbolos que foram apontados, mas o ritual foi como que apropriado pelos serviços profissionais.

A partir da pesquisa efetuada, tanto na parte bibliográfica, quanto na pesquisa de campo, percebeu-se as mais significativas mudanças e apenas algumas persistências nos casamentos de cinquenta anos para cá.

A década de 1960 ainda era pontuada pela idéia de que o casamento era cercado pela família, não apenas no aspecto de preparação da festa, mas principalmente no sentido de junção de famílias e iniciação de um novo núcleo. Pode-se perceber através do depoimento das três entrevistadas que o casamento mobilizava uma grande parte da família e que havia ritos necessários para o acontecimento do mesmo. Um desses ritos era o noivado, as três entrevistadas noivaram e seus noivos pediram a sua mão aos seus pais. Ação pouco comum nos dias atuais.

Outro rito era a cerimônia na igreja, não se pensava em casamento sem se falar em igreja, padre, véu, vestido costurado pela mãe ou pela costureira conhecida da família. A mãe era uma das figuras mais fortes no momento da preparação do casamento. Não apenas a mãe, mas as mulheres próximas como irmãs e amigas também ajudavam a noiva, em um ato de comunhão. Um dia uma amiga ajudava a noiva, amanhã ela seria ajudada e assim formavam-se vínculos (dar-receber-retribuir).

Receber pessoas para um casamento em meados de 1960 era quase um sinônimo de abertura da portas de sua casa. O receber era então doméstico. Os anfitriões eram os noivos e os donos da casa (pais do noivo ou da noiva). Não se pensava em alugar um salão, com exceção de algumas famílias mais ricas. As flores que enfeitavam a casa eram compradas ou

encomendadas em alguma floricultura conhecida, os doces e salgados não passavam de pequenos quitutes e representavam a doçura da nova vida do casal. Não havia a preocupação excessiva em alimentar seus convidados. Apenas “agradados” por eles estarem dividindo o momento do casal. As comidas eram geralmente feitas pelas mãos das mulheres “prendadas” da família ou pelas mãos de alguma cozinheira conhecida da família. A comida e os preparativos aproximavam então tais mulheres.

Laços de amizade se estreitavam entre as famílias, Maria, por exemplo, afirmou que a sua mãe e a sua sogra foram amigas até o final da vida. Na hora de convidar para a festa de casamento ou se convidava a todos ou ninguém, como afirmou a entrevistada Maria. A lista de convidados sofria influência direta dos pais dos noivos, não havia outra opção. Os noivos então chamavam todos para irem a sua casa na hora dos cumprimentos na igreja. Não havia distinção entre os convidados. Nas festas, formavam-se grupos de pessoas por idade ou por grupo social e até mesmo por relações políticas e de trabalho. Era então, dever dos noivos entreter e conversar com todos os convidados.

A música era tocada no piano da casa ou em alguma vitrola. Os presentes que eram muitos e, segundo as entrevistadas, enchiam um quarto inteiro, geralmente ficavam expostos durante a festa para que todos pudessem ver.

Não se cogitava na época a idéia de usar o dinheiro da festa de casamento e substituir a celebração por uma viagem. Havia sim a lua-de-mel e Poços de Calda e Campos do Jordão eram destinos comuns aos noivos das épocas. A idéia de não haver a celebração do casamento era nula. Segundo as entrevistadas, havia a necessidade desta celebração na igreja católica bem como a realização da festa não apenas para o casal se apresentar à sociedade, mas para os pais afirmarem o compromisso de seus filhos diante de seus amigos e parentes.

Percebe-se então mudanças no sentido do casamento. O casamento de jovens de classe média e classe média alta era algo comum e praticamente necessário como afirmaram as entrevistadas. Havia uma mobilização feminina em torno dos preparativos. Ajudar a noiva era algo comum entre amigas e mães. Tudo era feito com uma proximidade muito grande a casa e à família. Recebia-se abrindo as portas de sua casa, que na época eram de tamanhos grandes e hoje abrigam até escritórios inteiros como afirmou Ana em sua descrição.

Diferente da década de 1960, as celebrações de casamento, bem como as festas mudaram significativamente nos últimos anos. Os lares diminuíram de tamanho, as mulheres entraram com toda a força no mercado de trabalho e já não são tão prendadas. O crescimento da cidade de São Paulo, a rápida industrialização e principalmente a liberdade sexual e a não

obrigatoriedade do casamento antes exigida pela família, deram lugar a uma juventude livre de preconceitos e regras diante do relacionamento conjugal.

No entanto, nem tudo está mudado como descreveram Caio e Joana. Joana sentia a necessidade de se casar antes de ir embora da casa de seus pais e sua mãe sempre a orientou para que isso acontecesse. Joana então se casou antes de partir com seu marido para os Estados Unidos. Para o marido de Joana, casar-se e realizar uma festa não era necessário, mas o mesmo após a celebração assumiu a importância da festa na vida do casal. Lia por não sofrer influência de seus pais também não fazia questão da festa. No entanto, após se envolver com os preparativos, reconheceu, assim como o marido de Joana, a importância de tal festa.

No caso de Caio, além de seu sogro pressioná-lo para que acontecesse o casamento, ele mesmo fazia questão da festa e alega que já pensava em se casar desde o início do namoro com sua noiva. Apesar de Caio não ser católico, a cerimônia aconteceu na igreja católica, pois Caio acreditava no peso da celebração para sua noiva. Para Caio, não havia a hipótese de não acontecer tal festa. O entrevistado alega que queria compartilhar com seus convidados aquele momento especial. Percebe-se então uma regressão de valores.

O casamento em 2000 toma então proporções diferentes dos casamentos em 1960. Se casar não exige mais uma celebração na igreja, como aconteceu com Joana. Surgem no mercado de eventos cerimonialistas, assessores e coordenadores responsáveis por planejar toda a festa. Não se recebe mais em casa e a figura da mãe em alguns casos assume um papel coadjuvante bem como o resto da família e amigos.

DJs, salões dos mais diferentes tipos, bandas, serviços de alimentação diferenciados, bar de caipirinhas, entre outros, são os serviços direcionados a festas de casamento e eventos sociais encontrados hoje na cidade de São Paulo.

Os três entrevistados que tiveram festas em meados de 2000, não abriram as portas de suas casas, mas sim as portas de um salão. Não houve um envolvimento “manual” com a festa como havia na década de 1960. No entanto, assim como alegou Caio, Joana e Lia, havia uma preocupação com os convidados, tanto na hora de escolher o cardápio, tanto quanto na hora de entretê-los. Dança, cumprimentos, fotos e comidas fizeram parte da animação da festa.

A família assiste e comemora junto, em alguns casos há o envolvimento mais próximo da mãe ou da sogra. No entanto, na hora de escolher os convidados há uma restrição aos convites dos pais quase que num ato de hostilidade por parte do casal. Não se convida mais os parentes distantes, se são convidados, assumem uma posição de obrigatoriedade. Conta-se o número de convidados, às vezes para transformar o ambiente da festa em algo íntimo, às

vezes porque há uma restrição financeira.

Diante de tantas diferenças, no entanto, prevalecem algumas persistências. O vestido ainda é branco. A idéia da festa ainda prevalece quando comparada à idéia de uma substituição da mesma por uma viagem ao exterior (uma lua de mel maior). O simbolismo e o ritual que envolvem a entrega da mulher ainda é considerado significativo para o início da vida do casal como afirmaram Caio e Joana. O peso da celebração reflete também na fala de Lia e do marido de Joana que confirmaram esta festa ser de extrema importância para o casal.

Assiste-se então uma miscelânea de sentimentos, envolvimento e contradições. Ao mesmo tempo em que para alguns casais a festa e o casamento não possuem um significado maior, para outros ainda é pré-requisito para que se resida na mesma casa. Os pais, avós e familiares, em alguns momentos aparecem como influência para a realização da festa, no entanto a decisão não lhes cabe mais, assim como também não lhes cabe a preparação da casa e dos quitutes.



Figura 14 – Noivinhos do topo de bolo do casamento da autora, 2010.

FONTE: Autora

O aparecimento de uma enorme quantidade de serviços e profissionais especializados em festas de casamento, assim como de *buffets* destinados a esse fim, observa-se no

detalhamento dos itens que tem se desdobrado cada vez mais, para atender às solicitações dos noivos. Percebe-se que o envolvimento das famílias na preparação das festas, deu lugar a essa profissionalização de serviços e produtos.

Entretanto, o conagraçamento entre famílias muitas vezes permanece, mesmo que a recepção não seja em casa, o que confere um caráter especial à hospitalidade.

FIM

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Monica de. *Uma análise histórica do paradigma do casamento nos Brasil dos anos 70 a 90 – Um estudo de caso de Americana (SP)*. Dissertação de mestrado em História. Vassouras, RJ: Universidade Severino Sombra: 2007.
- ALMEIDA, Maria Angela Mendes de. *Família e Historia: questões metodológicas*. Texto apresentado no XVI Congresso Brasileiro de Economia Domestica. Associação Brasileira de Economia Domestica. Universidade Federal de Viçosa, MG, 2001.
- ARAÚJO, Wilma Maria Coelho et al. *Da alimentação à gastronomia*. Brasília DF: Universidade de Brasília, 2005
- ARIÈS, Philippe. *A historia social da criança e da família*. 2 ed. LTC, Rio de Janeiro, 1981.
- BAUER Martin W., GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som: Uma Manual Pático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petró (2002).
- BORGERTH, Cecília. *A festa é sua*. Jorge Zahar, Riod e Janeiro, 2007.
- BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. *Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos*. São Paulo: Banco de dados da Fundação Carlos Chagas, 2007.
- BUENO, Marielys Siqueira. *Festa dos Santos Reis: Uma forma de hospitalidade*. In Hospitalidade: Cenários e oportunidades. BUENO, Marielys Siqueira, DENCKER, Ada de Freitas Maneti. (orgs.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. *Os domínios da hospitalidade*. In: DENCKER, Ada F. M.; BUENO, Marielys S. (orgs). Hospitalidade: cenários e oportunidades. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- _____, Luiz Octávio de Lima. *Hospitalidade*. SP: Aleph, 2004.
- CARDILLO, Adriana. *70% só casam com aprovação familiar*. Jornal METRO (p. 04). São Paulo, edição número 816 - 24 de maio de 2010.
- CARVALHO, Luiz Gonzaça Assumpção. *Do fogão a lenha ao microondas: uma incursão pela comensalidade de três gerações de famílias paulistanas*. Dissertação de mestrado. Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2004.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. 3a.ed. São Paulo: Global, 2004.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do Espetáculo*. Tradução em português disponível em: [www.terravista.ptq/ilhadomel/1540](http://www.terraviva.ptq/ilhadomel/1540). 2004. Acessado em: 27-09-10.

DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo. Contexto: 2006.

_____. *Historia das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

DIAS, Maria Luiza. *Famílias e terapeutas: Casamento, divórcio e parentesco*. São Paulo: Vetor, 2006.

DUBY, Georges (org.) In *História da Vida privada: Da Europa Feudal à Renascença*. 1985. p.52-94. Tradução Maria Lúcia machado- São Paulo: Companhia das letras, 2009.

DURKEIN, E. *As formas elementares da vida religiosa*. Tradução Joaquim pereira Neto. São Paulo. Paulinas, 1989.

D'INCAO. Maria Angela (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto: 1989.

_____. *Mulher e família burguesa*. In: DEL PRIORE, Mary. *Historia das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004

FERNANDES, António Teixeira. *Ritualização da Comensalidade*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1995. Separata da Revista da Faculdade de Letras. Sociologia, Porto, I Série, vol. 7, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro. Editora Record. 9ª edição. 1996.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GODBOUT, Jaques. T. *Recevoir c'est donner*. Communications. Número especial Hospitalité, no 65. Editions du Sevil, 1997.

GODBOUT, Jaques. T.1939; CAILLÉ, Alain. *O espírito da dádiva*. Tradutor Patrice Charles F.X. Wullaume. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. *A outra*. Estudos antropológicos sobre a identidade da amante do homem casado. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

GRASSI, Marie Claire. *Hospitalité*. In MONTANDON, Alain (org.). *Le livre de l'hospitalité. Accueil de l'étranger dans l'histoire et cultures*. Paris: Bayard Éditions, 2004

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª edição. São Paulo : Cia das letras, 1995.

_____. *Do Império à República*. História Geral da Civilização Brasileira, vol. 7. São Paulo : Difusão Européia do livro, 1972.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). <http://www.ibge.gov.br/home/> acessado em 26-02-2009.

_____. *Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios – Síntese de indicadores 2005*. Rio de Janeiro, IBGE, 2006.

JOANNÈS, Francis. *A Função do banquete nas primeiras civilizações*. In História da alimentação. p.54-67. FLANDRIN, Jean Louis (org.) e MONTANARI, Massimo.(org.); tradução de Luciano Vieira Machado, Guilherme J. F. Teixeira - São Paulo: Estação Liberdade, 1998

KELLY, Ian, 1966. *Carême: O cozinheiro dos reis*. Tradução: Marina Slade Oliveira; revisão técnica, Bernardo menegaz. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

KOERNER, Andrei. *Posições doutrinárias sobre o direito de família no Brasil pós 1988*. Uma análise Política. In: FUKUI Lia (org.). Segredos de família. São Paulo: Fapesp/Annablume: 2002. p. 71-105

LAMEIRAS, Alberto. *O alimento, a festa e as relações sociais*. A festa de São Sebastião numa aldeia de Barroso. Revista Guimarães, número 107, Guimarães: 1997. p 219-242.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2001.

LEMI, Álvaro e ROMANI, Giovana. (2009). *Casamento na Ponta do lápis*. Revista Veja São Paulo. Editora Abril: São Paulo, 6 de maio de 2009. p. 34 – 44.

LEVENSTEIN, Harvey A. *Dietética contra gastronomia: Tradições culinárias, santidade e saúde nos modelos de vida americanos*. In História da alimentação. p.825-840. FLANDRIN, Jean Louis (org.) e MONTANARI, Massimo.(org.); tradução de Luciano Vieira Machado, Guilherme J. F. Teixeira - São Paulo: Estação Librdade, 1998.

MACHADO, Maria Lúcia Bühler. *Construindo os “anjos da casa”*: trabalho fabril feminino e casamento entre as décadas de 40 e 60. 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002

MARTINS, Ivan; MELLO, Kátia. *Como salvar seu casamento*. Revista ÉPOCA. São Paulo: Editora Globo, 19 de abril de 2010. Edição número 622, p. 116-124.

MAUSS Marcel *Essai sur Le don*. Forme et raison de l'échange dans lês sociétés archaïques, publicado originalmente no *Année Sociologique*, seconde série, T.I, 1923-1924.:

PAVAN, Vanessa Maria Silva e Souza. *Dia de Princesa: Ritual do Casamento*. Dissertação do programa de mestrado em Moda, cultura e arte. São Paulo: SENAC, 2008.

RAFFESTIN, Claude. *"Réinventer 'hospitalité'"*. Revue Communications, 65. L'hospitalité. Centre Edgard Morin. École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris: Éditions du Seuil, 1997.

ROCHA, Silvio Luís Ferreira da. *Introdução ao Direito de Família*. São Paulo: Editora revista dos tribunais, 2003.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. Resenha de ÀRIES, Philippe, L'enfant et la vie familiale sous l'ancien Régime. São Paulo: Congraf, 1977.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2004

SIMÃO, Vera (org.). COSTA, Anna; BARROS, Lúcia. *Casar: do planejamento à celebração em grande estilo*. São Paulo: Mescla 2005.

SOIBET, Raquel. *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*. In: DEL PRIORE, Mary. *Historia das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004..

STRONG, Roy. *Banquete: uma história ilustrada dos costumes e da fartura à mesa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VIEIRA, Rejane Esther. *A construção de novas imagens femininas na revista Realidade 1966-1976*. Site Article Marketing Brasil. Disponível em: <http://www.artigosbrasil.net/art/varios/2164/imagens-femininas.html%22> acessado em 28-09-10.

ZANELLA, Luiz Carlos. *Manual de organização de eventos: Planejamento e operacionalização*. São Paulo: Atlas, 2006.

ANEXO A: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

PROJETO: FESTAS DE CASAMENTO E HOSPITALIDADE: PERSISTÊNCIAS E MUDANÇAS

Roteiro de entrevistas - Década de 60 e a partir de 2000.

Objetivo: Estudar as mudanças ocorridas ao longo do tempo, (a partir da década de 1960), nas formas de receber e organizar festas de casamento e seu significado, tendo em vista as transformações nas relações sociais e familiares.

Identificação	
Nome	
Idade atual	
Idade ao casar	
Local de nascimento	
Cidade onde reside atualmente	
Profissão, nível de escolaridade	
Estado civil atual	
Número de casamentos	
Contato	

ROTEIRO

Sobre a preparação do casamento
Discorrer sobre os hábitos familiares na época, moradia, trabalho , estudo, relações familiares, decisões sobre a festa, noivado, viagem de núpcias, cerimônia religiosa, festa.
Decisões: quem participou, como se decidiu pela festa, (viagem de lua de mel ou festa?), quem organizou, peso de cada um nas decisões
Sobre a festa e o ritual
Local, civil, religioso (valores)
Itens componentes da festa: vestido, fotos, buque, flores, descrição do cardápio, presentes,

igreja, salão, organização do espaço etc.
A dimensão atribuída ao ritual: o que era mais valorizado?
Dimensão atribuída à festa
Dimensão atribuída à alimentação (descrição minuciosa do cardápio e de quem foi a responsabilidade pela alimentação- entradas, bolo, doces, salgados, bebidas, lembranças, etc)
Organização: em casa, aluguel de material, parentes, amigos, etc
Sobre os convidados
Descrição: familiares dos dois lados
Amigos dos pais
Amigos dos noivos
Outros: relações de trabalho, política, outras?
Lugar dos convidados na festa: livre distribuição, mesas, cadeiras e como se identificaram os grupos.
Qual o valor e o peso da festa em si na sedimentação de relações- que laços se formaram quais se estreitaram?
Relações familiares entre si
Famílias e convidados
Famílias e novo casal
Outras lembranças e informações

ANEXO B: TERMOS DE CESSÃO DE IMAGEM

Cessão de Direitos sobre imagem para Bruna Del Chiaro Nieble Teno

Pelo presente documento, MARÍLIA FERRAZ PRANDO,

RG: 26859898-8

CPF: 309.147.648-02

residente e domiciliado em Rua Leão Coração, 343 apt 143

Vila Beethoven - 05445-050 SÃO PAULO

Cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a Bruna Del Chiaro

Nieble Teno a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autora a(s) imagem(s) cedidas no dia

14/06/10 na cidade de SÃO PAULO - SP perante a pesquisadora.

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é

signatário, o cedente, proprietário originário da(s) imagem(s) de que se trata este termo, terá,

indefinitivamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre a(s) referida(s)

imagem(s) de sorte que terá sua imagem(s) exposta(s) por ocasião de qualquer utilização.

Fica pois a Bruna Del Chiaro Nieble Teno, plenamente autorizada a utilizar a(s) referida(s)

imagem(s), inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o

presente documento em 02 (duas) vias de igual teor para um só efeito.

São Paulo,

MF Prando

(cedente)

Bruna Del Chiaro Nieble

(pesquisador)

Testemunhas:

Nome legível: MARI ANGELA DELCHIARO

CPF 136.445.288-02

Nieble

Nome legível: ANA BELO MACEDO

CPF 899.836.025-04

Cessão de Direitos sobre imagem para Bruna Del Chiaro Nieble Teno

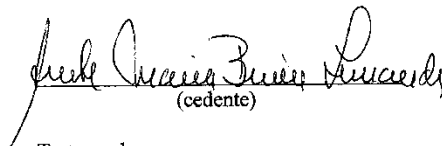
Pelo presente documento, ANETE BUSIN FERNANDES
RG: 3565400
CPF: 635409328-87
residente e domiciliado em Carapicuí 26- Alto da Bapa

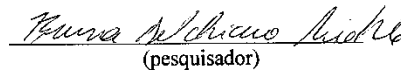
Cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a Bruna Del Chiaro Nieble Teno a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autora a(s) imagem(s) cedidas no dia 02/06/2010 na cidade de São Paulo - SP perante a pesquisadora.

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o cedente, proprietário originário da(s) imagem(s) de que se trata este termo, terá, indefinitivamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre a(s) referida(s) imagem(s) de sorte que terá sua imagem(s) exposta(s) por ocasião de qualquer utilização. Fica pois a Bruna Del Chiaro Nieble Teno, plenamente autorizada a utilizar a(s) referida(s) imagem(s), inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor para um só efeito.

São Paulo,


(cedente)


(pesquisador)

Testemunhas:

Nome legível: MARI ANGELA DEL CHIARO
CPF 136.445.288-02 Nieble

Nome legível: ANA BELO MACEDO
CPF 899.836.025-04

Cessão de Direitos sobre imagem para Bruna Del Chiaro Nieble Teno

Pelo presente documento, CARLA DEL CHIARO Nieble de Souza
RG: 33319.213-8 CPF-221.916.278-89

residente e domiciliado em GUARULHOS - SP . RUA AVENIDA ROTARY
680, VILA DAS BANDEIRAS

Cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a Bruna Del Chiaro Nieble Teno a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autora a(s) imagem(s) cedidas no dia 26/05/20 na cidade de SAO PAULO perante a pesquisadora.

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o cedente, proprietário originário da(s) imagem(s) de que se trata este termo, terá, indefinitivamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre a(s) referida(s) imagem(s) de sorte que terá sua imagem(s) exposta(s) por ocasião de qualquer utilização.

Fica pois a Bruna Del Chiaro Nieble Teno, plenamente autorizada a utilizar a(s) referida(s) imagem(s), inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor para um só efeito.

São Paulo,

Carla Del Chiaro Nieble de Souza
(cedente)

Bruna Del Chiaro Nieble
(pesquisador)

Testemunhas:

Nome legível: MARI ANGELA DELCHIARO
Nieble
CPF 136.445.288-02

Nome legível: ANA BELO MACEDO
CPF 899.836.075-04

Cessão de Direitos sobre imagem para Bruna Del Chiaro Nieble Teno

Pelo presente documento, Mari Angela Delchiaro Nieble
RG: 3834119 - CPF: 136.445.288-02

residente e domiciliado em Rua Leão Corcado, 189 apt 92
SÃO Paulo - SP CEP 05445-050

Cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a Bruna Del Chiaro Nieble Teno a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autora a(s) imagem(s) cedidas no dia 26/05/10 na cidade de SÃO Paulo perante a pesquisadora.

Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o cedente, proprietário originário da(s) imagem(s) de que se trata este termo, terá, indefinitivamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre a(s) referida(s) imagem(s) de sorte que terá sua imagem(s) exposta(s) por ocasião de qualquer utilização.

Fica pois a Bruna Del Chiaro Nieble Teno, plenamente autorizada a utilizar a(s) referida(s) imagem(s), inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor para um só efeito.

São Paulo,

Mari Angela Nieble
(cedente)

Bruna Delchiaro Nieble
(pesquisador)

Testemunhas:

Nome legível: CARLA DEL CHIARO NIEBLE
DE SOUZA
CPF

Nome legível: ANA FELO MACEDO
CPF 899.836.025-04

ANEXO C: ENTREVISTAS

Legendas:

P = pesquisadora

Ana, Maria, Laura, Lia, Caio e Joana: Nomes fictícios dos entrevistados

Entrevista 1

Identificação	
Nome fictício	<i>Ana</i>
Idade atual	63
Idade ao casar	22
Local de nascimento	São Paulo
Cidade onde reside atualmente	São Paulo
Profissão, nível de escolaridade	Doutoranda, professora da Pontifícia Universidade Católica
Estado civil atual	Viúva
Número de casamentos	1

Ana: Eu venho de uma família de origem italiana. Meus quatro avós são italianos. Uma família muito impregnada da cultura italiana, onde a questão do casamento é uma questão como um rito de passagem muito fundamental. E eu venho, além de uma família de italianos, uma família de pessoas muito simples. E, ãh, quando eu me casei, eu estava terminando a minha faculdade. E tinha vinte dois anos de idade e meu marido também. Ele tava cursando o quarto ano de engenharia da Poli. E, nós já namorávamos há sete anos. Resolvemos casar e fizemos uma festa, procuramos fazer uma cerimônia de casamento. Usando todos os recursos próprios, quer dizer, a, o vestido foi feito em casa.

A minha irmã, minha mãe, e uma vizinha nossa que costurava muito bem, que fez o vestido. ãh, eu fui na Vinte e Cinco de Março e foi um, fui comprar o tecido numa loja na 25 e foi um desenhista que tinha loja que desenhou. Ele olhou pra mim, desenhou o vestido e então o vestido foi desenhado por um desenhista, não posso nem dizer que é um estilista, mas um desenhista da vinte e cinco de março.

É. Os doces e toda a festa foi feita: bolo, os docinhos, então foi uma festa com, é, bolo e champagne e docinhos. A festa foi feita na casa de meu marido, que era uma casa bem bonita no Pacaembu, uma casa grande. E nós nos casamos no dia, tanto no civil como no religioso, no mesmo dia no religioso. O casamento foi na Igreja São Domingos na Cayúbi. Pelo fato, também, de nós sermos universitários. Eu tinha acabado de sair da faculdade e com toda uma visão política. Então, a gente achava que tinha que casar na Cayúbi, porque os padres tinham uma postura e uma visão mais Marxista. A Igreja não podia ser enfeitada, porque, então a gente achava que enfeitar era uma coisa burguesa, enfeitar a Igreja e pôr flores e pôr coisas era uma coisa que fazia parte de uma visão burguesa de vida. Então como a gente tinha toda uma postura política a gente resolveu casar nessa Igreja e bem, uma coisa que eu fiz com uma pessoa especial foi o véu e a grinalda, que foi uma grinalda feita por uma pessoa na Vila Mariana, que era uma grinaldeira bem reconhecida na ocasião. Ela fez as duas coisas, ela fez a grinalda, e ela fez o, aliás eu não usei buquê. Eu usei uma. Eu entrei com uma flor na mão, né. E, então foi uma festa toda produzida dentro de casa, né. E também a cerimônia toda em casa. A família do meu marido, já era uma família diferente, minha sogra. Os meus pais eram pessoas muito simples, do ponto de vista cultural, tanto meu pai, quanto a minha mãe, tinham uma escolaridade muito pequeninha. Minha sogra e meu sogro já eram pessoas de um outro nível, minha sogra era professora primária, meu sogro na época contador, mas com um cargo elevado numa usina de açúcar, ele era diretor de uma usina de açúcar. E a minha festa de casamento foi aberta pra todos os convidados, né. As pessoas, num existia, no convite não existia a indicação, mas nos cumprimentos na Igreja a gente, lógico que tinha o endereço do meu marido no convite. A gente convidava as pessoas pra irem pra festa de casamento, né.

P: Era na Igreja? *Ana:* Na Igreja que se convidava. Era na própria Igreja que a gente dizia. Então nós vamos agora comemorar com bolo e champagne na casa do noivo, né. Então isso ficava estabelecido ali na hora dos cumprimentos mesmo, que a gente chamava as pessoas pra irem pra festa ou pra recepção. E É:::

P: Quem te ajudou na festa? Nos preparativos? *Ana:* Na família, foi minha mãe, minha irmã, essa vizinha, que era muito ligada a nós. Foram as pessoas que me ajudaram. A minha irmã ela, é uma pessoa que sempre teve muita habilidade: pra cozinha, pra. Então ela fez, até hoje, é uma pessoa muito voltada pra culinária, tem um interesse muito grande, cozinha muitíssimo bem. Na ocasião, tinha feito um curso de docinhos, e, os docinhos eram muito

bonitos, muito bem decorados, ela é uma pessoa caprichosa, perfeccionista. Então a mesa tava muito bonita, o bolo foi feito em casa, o bolo, os docinhos, tudo.

P: Foi ela que fez o bolo também? *Ana:* Foi ela que fez. Elas que fizeram o bolo, confeitaram o bolo. Então tudo, tudo, foi feito em casa. ãh, como foi a divisão:- A família do meu marido deu as bebidas. *P:* Quais eram? Eram, eram é. Era *whisky*, *champagne*, refrigerantes, é vinho, né. Na ocasião não existia o Pró-seco, então era vinho, *champagne*, refrigerante e o *whisky*. Eram as bebidas. Não me lembro dos docinhos, mas eu sei que tinha, é, doce de nozes, enfim eram todos cobertos com uma cobertura chamada *fondant*. E bem decorados e muito bonitos. Tinha um chapéu bonito de bala de coco, a minha irmã também fazia uma bala de coco, daquelas balas de coco perfeitas, que desmancham na boca. Então, ela tinha uma habilidade muito grande, tinha fios- de-ovos, feitos por ela mesma. Ela que fazia e faz até hoje muito bem. Fios-de-ovos com aquele, ãh, com aqueles aparelhos, tem um aparelho especial que dá o ponto pros fios-de-ovos, né. Então foi feito tudo assim.

Agora, pessoas importantes: eu nem sei muito de pessoas importantes. Talvez a pessoa mais importante que tinha no meu casamento é um grande médico, hoje, ele se transformou num grande médico. Doutor Luiz Caetano, professor titular da USP, que eu me lembre é a única pessoa, assim mais, de mais destaque. E tinham pessoas do meio empresarial, porque meu sogro era um grande diretor de usina de açúcar, um grande empresário. Então, pro casamento, foram convidados os parentes, meus tios, tanto da parte da minha mãe, quanto da parte do meu pai. É os amigos, os padrinhos, foram amigos, as irmãs do meu marido, uma tia minha, o meu tio. Então era uma tia, um casal de amigos e só, da minha parte de padrinhos. Da parte do meu marido, duas irmãs do meu marido e uma cunhada da minha, da irmã do meu marido.

Teve uma coisa muito interessante na igreja, que eu casei às seis horas da tarde, no dia trinta de janeiro. Era um dia muito bonito, muito quente, né. E, eu me lembro que eu na ocasião gostava muito de chapéu. Então, eu pedi que as pessoas no altar usassem chapéu. E todas as pessoas do meu lado estavam de chapéu. E as pessoas do lado do meu marido se negaram a pôr chapéu. E, eu só pude perceber isso na hora do casamento. Então, tinha assim, do meu lado todas as pessoas com chapéu, e, de um modo muito rebelde, a família do meu marido, talvez mostrando questões, sei lá de que ordem, né, mas sem chapéu. Do contra, né?! O lado do contra, né. Então, e, bem a gente casou imbuindo de que o casamento era uma relação duradoura, e que a gente tava casando pra ficar junto a vida toda, e, uma vida juntos. Bem dentro daquilo que o padre fala mesmo, na doença, na saúde, na pobreza e na riqueza,

enfrentando todos os desafios. Casamos jovens, com vinte e dois anos, e, depois, aí depois de quatro anos começaram a nascer os filhos. Então nos preparamos pra isso. *P:* E pros pais de vocês, era importante o casamento? *Ana:* O casamento sim. Eu venho de uma família que os casamentos são considerados importantes, estáveis, que as relações são pra toda vida. Meus pais eram casados por mais de cinquenta anos, meus pais fizeram cinquenta anos de casados, os pais do meu marido também fizeram cinquenta anos de casados. Então nós viemos de um núcleo familiar, onde o casamento era levado muito a sério, tanto o ritual, fazia jus aquilo que a gente acreditava mesmo.

P: E, em relação à alimentação, qual que era a preocupação em servir algo pros convidados? Porque que foi escolhido? *Ana:* O servir doces, acho que tinha um sentido mesmo. Bom, primeiro que era uma coisa que tava muito em moda, né. O bolo e champagne. E o doce, como um sentido assim, de carinho, mesmo. De adocicar a relação, né. Acho que tinha um sentido de afetividade, mesmo, né, de cuidado, de afetividade. *P:* ãh, daí *Ana*, eu gostaria que você falasse um pouco assim, da distribuição dos convidados. *Ana:* Então, a casa era uma casa boa, na rua Itápolis no mil quinhentos e cinquenta e seis. Hoje essa casa é ocupada por um escritório de advocacia. E era uma casa que tinha um jardim, também, muito grande. Então, os convidados ficavam no jardim, na varanda. Tinha uma varanda bonita em frente, logo na parte de frente da casa. Salas, várias salas. Então tinha salas. Então toda parte de baixo da casa, a sala de jantar, onde tava montada a mesa com o bolo e com os doces. Então a sala tinha uma porta que ficava fechada, mas estava aberta e que fazia comunicação com a sala de estar, que era uma sala muito grande, e compunha um todo que a sala de jantar e a varanda. Então tinha. Eu acho que tinha por volta de uns trezentos convidados na casa. E, tinha também uma sala mais íntima, tudo foi liberado. Naquela ocasião, os presentes ficavam expostos, também. É. Os presentes ficavam expostos. Então tinha, os presentes, tanto os meus, quanto os do noivo na casa. Então tinha um lugar pra você deixar, sempre punha, as coisas ficavam dentro de uma caixa e uma parte. A caixa ficava aberta, ou você punha algumas peças em exposição pra que as pessoas pudessem ver, com os cartõezinhos e tudo mais. *P:* Olha! Então era significativo, né, o presente. *Ana:* É o presente tinha um sentido muito forte, né. Recebemos muitos presentes. Olha, isso. Meu casamento foi em mil novecentos e sessenta e nove, nós estamos em dois mil e dez. Eu tenho até hoje, algumas caixas guardadas, ainda com presentes, que vieram do meu casamento. Então ganhamos coisas muito significativas, praticamente a casa foi montada com os presentes que foram dados. *P:* E as relações, assim, entre a sua família e a família dele, se estreitaram depois

desse, do evento, do casamento, da festa? *Ana*: Sem dúvida. Eu acho que, é, o meu marido Eduardo, era de uma família muito grande. Então eles são em oito filhos, e, sem dúvida, que as relações se estreitaram. Eu morei durante seis meses, porque meu apartamento não ficou pronto, então na verdade, eu fiquei ali na casa do meu sogro e da minha sogra, morando durante seis meses depois do meu casamento.

P: era importante ter essa festa pra mostrar alguma coisa? *Ana*: É, eu acho que a festa tinha um sentido de selar mesmo, tanto a relação amorosa, quanto os vínculos de afetividade, de união. Era como se fosse uma celebração mesmo, tinha um sentido de selar a relação e de celebrar a relação junto com as pessoas mais próximas. Então tinham muitos amigos, muitas pessoas da nossa idade.

P: Tinha músicas? Tinhas flores? *Ana*: Tinham esses elementos. Tinha, a casa de meu marido estava toda enfeitada. Tinha música. E, meu marido é de família de pessoas muito musicais. Então ele sempre tocou, sempre tocaram na festa de casamento. A família dele também, né. Eles tocavam, várias irmãs. Tinha um piano na casa, tinha uma música ambiente, mas tinha também, muitas vezes, eles se alternavam tocando. Então foi uma festa bastante divertida. *P*: Ah, e fotografo? *Ana*: Ah, sim. O fotografo era da família também; da família do meu marido, primo dele. Casado com uma irmã, que era um excelente fotografo, de família de fotógrafos, de pai fotografo, e, ele deu até as fotografias, o álbum, como presente de casamento. É, então, ãh, a Igreja não tava decorada, mas a casa estava decorada. A casa tava decorada com flores, e, a casa era uma casa por si só muito bonita, ela era interessante, e.: Onde você se arrumou? Em casa. É, a cabeleireira veio em casa, e a gente se arrumava em casa. Então não era nem em sala de cabeleireira. Era a cabeleireira que ia até a casa e arrumava a gente em casa. Saí de casa. *P*: E teve viagem de lua de mel? *Ana*: Sim, teve viagem de lua de mel. Viajamos pra Campos do Jordão, ficamos, ãh, dez dias em Campos do Jordão, que também era o lugar meio que da moda pros noivos, né. Lugar além de calmo, Campos do Jordão.

Seis meses antes de casar, fizemos um jantar pra família, e, ficamos noivos, nós trocamos alianças. Meu marido me pediu em casamento na casa do meu pai, formalmente né, o pedido pro meu pai. Uma família bem conservadora, tradicional, né. *P*: Então, nesse jantar, quais as pessoas que estavam? Somente a minha família, eu, minha mãe, meu pai, minha irmã e o pai e a mãe, na verdade foi um noivado surpresa. O meu marido chegou em casa, com o pai e a mãe e tinham combinado com a minha mãe, surpresa pra mim. E tinha uma combinação de um jantar, e, que o pai e a mãe dele iam jantar em casa, e, iam fazer um

estritamento de relações e foi feito o pedido de casamento, nesse dia. E foi de surpresa pra mim, eu não esperava *P*: E foi um jantar? *Ana*: Sim, um jantar. *P*: E quem fez o jantar? *Ana*: Foi minha mãe, minha mãe que sempre cozinhava, muito bem por sinal. E, mas se você me perguntar o que foi servido nesse jantar, eu não lembro. (Risos) Tinha uma coisa naquela ocasião. O forte dos homens, se juntarem pra conversarem, contarem piadas. Os homens de um lado, as mulheres de outro, mas os agrupamentos, ainda eram agrupamentos, os mais velhos se agrupavam por idade, entre homens e mulheres, né. Tivemos uma coisa assim. Os jovens, não. Os jovens já ficavam mais em casais, e os mais velhos separados nesses grupos.

P: Agora, o que era mais valorizado assim no ritual, o que que não podia faltar na festa do casamento? *Ana*: O Padre. (Risos) Na minha concepção e da minha família, né. Que éramos pessoas religiosas, principalmente minha sogra, né, profundamente religiosa, catequista. Uma pessoa que ía a Igreja diariamente, comungava toda semana, né. Então não podia faltar o padre de jeito nenhum, né. Eu acho que, a cerimônia da Igreja, era uma coisa muito, ah, valorizada. E, existia também, naquele tempo, uma coisa assim: “os noivos despedem-se na Igreja.” Era comum, nos casamentos, o “despedem-se na Igreja.” Então o valorizado mesmo, era a cerimônia religiosa, né.

P: Sua família era católica também? *Ana*: É. Minha família também, uma concepção religiosa. Eu fui criada em colégios de freiras, né, então, essa questão da Igreja Católica era muito importante. Então, o Padre não podia faltar de jeito nenhum. Ah, com certeza. Foi religioso com efeito civil. Logo depois do religioso, o Juiz de Paz foi na casa de meu marido e nós casamos no civil depois da cerimônia religiosa na casa do meu marido. O religioso com civil lá na hora mesmo, né. Não, não, nós tivemos as duas cerimônias, a cerimônia do religioso e a do Juiz de Paz que foi na casa dele.

O interessante eram as balas de coco, né. Então cada pessoa que saía, saía com um buquêzinho de bala de coco. O que existia que a gente deu, não eram bem lembranças, mas como eu sou de família de italianos. Então tinha, teve todo um simbolismo de boa sorte de bom augúrio, que é um saquinho de amêndoas. Amêndoas. Que é considerado amêndoas. Aqueles saquinhos de amêndoas coloridas, né. Com confeitadas, né, com açúcar, e, isso é, um coisa que é considerada de bom augúrio, então tava disponível pras pessoas pegarem e levarem pra casa, né. O quanto pões no saquinho. É, não sei, não sei, quantos tinham. Saquinhos de amêndoas eram dados. Tinha uma coisa também interessante que era o arroz. O arroz jogavam quando chegavam em casa. As pessoas, os convidados cada um tinha um saquinho de arroz, e, se jogava arroz nos noivos, quando entravam em casa. É, eu fui num

casamento recente, é, não faz muito tempo, foi a irmã da minha nora, um casamento agora em dois mil. Foi aqui, no “*Bar des Arts*” um jantar na verdade, e, que eles jogavam também, fizeram uma, como se fosse uma fileirinha, os noivos também todos enfeitadinhos, embora eles tivessem casados na Igreja, mas fizeram como se fosse uma passarela enfeitada com plantas e jogavam arroz nos noivos.

Entrevista 2

Identificação	
Nome fictício	<i>Laura</i>
Idade atual	74
Idade ao casar	23
Local de nascimento	São Paulo
Cidade onde reside atualmente	São Paulo
Profissão, nível de escolaridade	Professora de excepcionais
Estado civil atual	Viúva
Número de casamentos	1

Laura: Eu lecionava, na época e meu marido era dentista. E eu adorava dançar. E ele também. E eu ia em bailes assim, baile da saudade de quarta-feira, com uma tia minha que também gostava muito de dançar. Ela era solteira, ela passeava muito e ela que me levava no baile da saudade. E eu conheci meu marido lá. Então, nós começamos a namorar. Ele já é, tava com vinte e nove anos e::: ele queria já, sabe, casar, assim?! Imediatamente, né. É::: (Risos) Aí minha mãe ia viajar, ela ficou três meses na Europa. Então, nós ficamos noivos e minha mãe viajou. Aí, quando eles voltaram em abril eu casei. Eu conheci ele em novembro, não esqueço a data. Foi vinte e oito de novembro, que é aniversário da minha cunhada. É. (Risos) Eu casei em abril. Muito rápido. (Risos) E o dia que ele fez trinta anos, dia nove de abril. Então aí, a sua mãe voltou, da Europa. Foi que começou os preparativos, né?!

P: É?! E quais as pessoas que estavam envolvidas nos preparativos? É, mais mesmo eu, minha mãe. E:::, ãh:::, enxoval, eu mesmo que comprei tudo. E::: minha mamãe fez o meu vestido. Ela que fez. Ela fez também das minhas outras irmãs, que casaram depois. Ela fez de uma amiga minha, era minha amiga desde de sete anos de idade e ela casou antes do que eu. Foi minha mãe quem fez, também. Minha mãe fez também pra uma amiga da minha irmã, que era amiga dela também desde criança. Minha mãe fez vestido. Ela costurava bem,

muito bem. P: E daí vocês começaram a planejar a festa? E daí decidiram onde ia ser, como ia ser? Naquela época era em casa mesmo, né. Eu lembro que a mamãe chamou uma senhora, que era vizinha, não. Não foi essa senhora, ai meu Deus quem foi?! Essa senhora foi depois, que aí minha irmã já era casada, era vizinha dela. Olha, eu não lembro, eu sei que veio uma senhora, pra ajudar fazer os salgadinhos, né?! Que naquela época eram salgadinhos.

P: Que tipo? *Laura*: Ah, eram tudo pequenininho, empadinha, coxinha, risólis. E:::, muito docinhos, o bolo foi essa minha amiga, que era minha amiga desde os sete anos, ela que fez. Foi, foi ela que fez meu bolo de casamento. E, a daminha dela foi minha daminha. Foi na Igreja Santa Cecília, eu fui batizada lá. Então, eu quis casar lá. E, minha avó morava lá em frente. P: Eram católicos? *Laura*: Não, não católico, assim praticante, mas católico, né. E, porque que decidiu fazer uma festa de casamento? Qual que era o significado? Ah:::, eu acho que, porque pra mim, foi um dia muito feliz. (choro) Não, não tem problema. Todo mundo que eu entrevisto acaba se emocionando mesmo, viu? Mas é normal, é normal; Os amigos, minha família.

P: Então, foi feito em casa? Foi. P: Na casa de quem? *Laura*: Na nossa casa. Nós morávamos numa casa muito grande, ali na Lapa. E daí, foi onde, assim, na sala? É, na sala, o quintal era enorme. Era muito grande, muito grande a casa.

P: E os convidados? Quem vocês convidaram? *Laura*: Ah, nossa família. Meu pai era médico, do hospital das clínicas, ele era diretor, tá. Então veio muito médico de lá, que eram amigos dele. Papai tinha muitos amigos, assim, da época dele de faculdade, continuaram amigos. Então tinha muita gente. E por parte do seu noivo, quem que ele chamou? É, ele chamou mais a família dele, tá. Chamou mais a família, mas ele já era dentista.

Tinham muitas flores, mas que nós mesmo colocávamos. É, porque naquela época não existia esses negócios que ganha uma nota. P: E, teve música? *Laura*: Não, música, eu nem lembro se a gente colocou. Sabe o que eu lembro, todas as minhas colegas que trabalhavam comigo vieram, a minha diretora. P: Ah, vamos ver que mais. Então o vestido foi a sua mãe que fez. Foi, foi. P: E as fotos, quem tirou? *Laura*: Ah, ó também não lembro. Eu sei que eu tenho bastante foto, aí, guardada. E, essas eu pus aqui. Ó, aqui. Essa aqui é a filhinha da minha amiga, que foi minha madrinha também. Essa aqui foi a minha tia que me levava no baile da saudade. (Risos). A minha irmã e minha irmã. Foi fotógrafo. Saiu até na Folha da Manhã. Saiu, quando eu tava no hotel lá em Minas Gerais, que eu abri o jornal tava a fotografia. P: O que você tava fazendo no hotel em Minas Gerais? Foi lua de mel? *Laura*: Lua de mel. No dia seguinte que eu abri o jornal, eu vi a notinha e a fotografia. P: Então,

vocês foram para Minas? Que lugar? É. Oh, meu Deus, todo mundo ia pra lá nessa época, era. *P:* Ouro Preto? Tiradentes? Era Poços de Caldas! *Laura:* Ah, Poços de Caldas! (Risos) Aliás, o hotel que nós ficávamos, foi o hotel Minas Gerais. Ele estava sendo inaugurado, era lindo o hotel. Novinho, é. E, eu, assim, no salão, assim, que tinha poltronas, jornais, revistas, quando eu abri o jornal, eu vi a nossa fotografia. Eu nem sabia. É, então, é quem resolveu fazer a festa, foi então você?! Meus pais. *P:* Seus pais, pra eles. Porque que eles queriam fazer a festa? *Laura:* É, eles também estavam muito contentes. Eles gostavam muito do meu marido. Queriam compartilhar. De comes tinha vários salgadinhos. Aquelas baguetes, né. E::: bebidas também, tinha. Tinha *wisky*, tinha vinho, acho que tinha cerveja também, refrigerante, né. .

P: É, então o casamento foi mesmo, vocês resolveriam fazer até pra mostrar pros amigos e pra família a união de vocês, né? *Laura:* Isso mesmo. Os convidados: Pessoal de Araraquara. Que vieram todos. Ah, que o meu marido era de Araraquara. Então. Então, a família é grande lá. Quase que todo mundo veio. *P:* Quantas pessoas mais ou menos? *Laura:* Ah, tinha bastante. Nossa, a família da Alzira, da Lucia, da Tina. Um monte de gente. Rafael. Que eles eram todos irmãos. Todos primos dele. *P:* Então veio todo mundo. E, na sua opinião *Laura*, você acha que a festa de casamento ela serve pra estreitar esses laços? Serviu no seu caso pra estreitar o laço dos familiares? *Laura:* Ah, eu acho que é um laço de união, né. Tanto com a família dele, como a minha, né?! *P:* É:::, então, tinha amigos dos seus pais? *Laura:* Ah, com certeza, tinha vários. Porque meu pai era muito querido, no hospital. Veio. Até hoje, eles fazem homenagem a ele. A mamãe era uma pessoa, assim, muito tímida, muito reservada. Os amigos dela eram os amigos do meu pai. *P:* Ela era dona-de-casa? *Laura:* Ela era dona-de-casa. *P:* E costurava muito bem. (Risos) *Laura:* Cozinhava muito bem. Cantava, tocava piano. *P:* Cantava. No seu casamento, ela não cantou? Não. E minha filha mais velha, canta num coral. Ela puxou a minha mãe. Ela canta no coral. *P:* E, porque, que foi decidido então, ter uma festa e não uma lua-de-mel? Só uma lua-de-mel longa, como se faz? *Laura:* Porque eu acho que naquela época, nem se pensava nisso. Não, a maneira de pensar era muito diferente. *P:* Em que sentido? *Laura:* Nesse sentido. Ah, pelo menos as pessoas que eu conhecia. A gente pensava assim, naquela festa de casamento, de chamar os amigos. Ninguém pensava na viagem, de ir pra Europa, essas coisas, ninguém. Não, completamente diferente. *P:* E, essa questão de receber em casa, você acha também que mudou? É, o sentido do casamento, em receber em casa, em receber em salões? *Laura:* É eu acho que agora, é uma coisa muito comercial. Um quer fazer melhor do que o outro. Não é? Nós sabemos, que nos *buffets*, até carro pra levar a noiva, né?! Vem em carros antigos. Meu Deus não tinha nada disso na minha

época. Eu acho que era mais humano. Eu acho. Hoje é mais assim sentido de, sei lá, aparentar. Eu acho, né. Não é aquilo. Das minhas filhas eu fiz casamento. Daí já tinha mudado, né. P: Elas casaram quando? *Laura*: A *Lia* está casada há vinte e quatro anos. E a *Lucia*, o *Guilherme* vai fazer vinte e três. Vinte e três anos. P: E a festa delas foi? *Laura*: Era um *buffet*, “*Max-buffet*” era um *buffet* ali na rua *Augusta*. Foi muito bonita a festa, muito bonita sabe. Foi linda a festa. Eu lembro do meu pai falar, ai como foi lindo! Ele até chorou. Tudo mudou totalmente. Ah, sim. Totalmente. Eu acho, que nesse sentido é mais prático pra gente. Porque você não tem trabalho nenhum. Porque já pensou fazer tudo aquilo pra sei lá quantas pessoas. Então realmente o *buffet*, nesse sentido, eu acho que é uma maravilha, né. Mas eu acho que agora, tá muito assim. As Igrejas cada vez cobrando mais, e aquelas flores uma fortuna. Eu acho um absurdo. P: E *Laura* a cerimônia civil, como foi? *Laura*: A cerimônia civil foi no próprio cartório, que era ali, não sei pra onde ele foi agora. Era ali, na esquina da *Angélica* com a *Praça Marechal Deodoro*. Foi ali. Foi no mesmo dia? Foi no mesmo dia, de manhã. P: De manhã. Então vocês foram pra lá. Foi a família? *Laura*: Foi a família. Os padrinhos, né. P: Quem eram os padrinhos? *Laura*: Era essa minha amiga. Desde os sete anos de idade. Minha tia *Carmem* com o marido dela. Essa minha tia *Maria*, não tia *Maria* era da Igreja. Civil foi tia *Carmem*, foi a *Fani*, e do lado do *Milton* foi a irmã dele com cunhado, ai quem era mais os padrinhos do *Milton*, meu Deus do céu. Eu tenho a fotografia. Juro deu um branco. Agora do religioso, foi essa minha irmã, essa que era solteira ela foi com o *Sérgio* com um primo meu. A *Neusa* foi com o noivo, e a minha tia *Maria*. Ah, e minha tia *Bernadete* com o marido, eles são de *Jundiaí*. Eu adoro, eles. Meu tio faleceu, ela ainda é viva. Sim, da família. Não é como é hoje. Tudo só amigos. É, só família. (Risos)

P: como é que os convidados na época ficaram na casa de vocês, eles se agrupavam em, ou se espalhavam? Como é que ficava? Como é que funcionou a festa? *Laura*: É, a sala. A mamãe a casa era grande. Ela tinha duas salas. Acho que as duas, cada uma tinha o tamanho dessa daqui. Então era bem grande. Acomodava muita gente, fora tinha uma área muito grande também que tava tudo com cadeira. Então se espalhou. É, eu acho que sim. Você conhece uma turma, você fica com aquela turma, né. É, a gente ia conversava um pouco com uma turma, e ia com outra, né. P: Eram mesmo anfitriões, né? É. Essa é minha tia que me deu o buquê. P: Mas ela fez? Ou mandou fazer? *Laura*: Não, mandou fazer. E naquelas floriculturas que tem no largo do *Auroche*. Ela era muito amiga de um casal que tinha lá. Eles que me deram o meu buquê. P: Os presentes? Você ganhou os presentes, como é que

funcionava? *Laura*: Ganhei. Ganhei muita coisa. E deu pra montar a casa? E, deu sim. É, ficou exposto, lá em cima, no meu quarto. Eu ganhava tudo. Curtia muito.

Entrevista 3

Identificação	
Nome	<i>Maria</i>
Idade atual	63
Idade ao casar	21
Local de nascimento	São Paulo
Cidade onde reside atualmente	São Paulo
Profissão, nível de escolaridade	Ensino superior incompleto
Estado civil atual	Casada
Número de casamentos	1

Maria: É, eu conheci Luis, meu marido, em 1964. Nós casamos em 68 e em 1966 ficamos noivos. Dois anos nós ficamos noivos. Na época que eu o conheci, eu trabalhava como professora primária e fazia faculdade. E meu marido, trabalhava como auditor na Price Water House e fazia faculdade também, de economia, tá. E eu fazia de Pedagogia. Aí nós começamos a namorar. Namoramos e ficamos noivos dois anos depois. Eu venho de uma família muito tradicional. A minha mãe era de uma família muito tradicional. Então ela fazia.

Meus pais faziam muita questão de um casamento super, super tradicional, tá. Então começou-se a preparar o casamento. Eu tinha um sonho que era casar. Eu morava em Santana na Zona Norte, meu marido também. Meu marido morava mais além, morava na Parada Inglesa. E eu tinha um sonho, que era casar no na Igreja Coração de Jesus, as seis horas da tarde, na hora que batesse o sino da Igreja, com a Igreja inteirinha iluminada. E além de tudo, naquela época minha mãe fazia questão que se fizesse missa no casamento. Tá. E começou-se a preparar todo o casamento. Ah, naquele tempo, ah, existia poucos padrinhos. Então, nossos padrinhos foram, por minha parte: meu pai, minha mãe, meu, a minha prima, quase como uma irmã da minha mãe, mais o marido. E pelo lado do meu marido: meu sogro e minha sogra, e a única irmã dele e o cunhado.

Bom, ah, os convidados: ah, convidou-se os amigos, porque a gente, nós tínhamos muitos amigos, meus pais tinham muitos amigos. Ah, a família do meu pai. Aí falando da

família do meu pai, era uma família muito tradicional na Zona Norte, então meu pai participava de, ãh, como é que chama, ãh, do comércio, da parte comercial do bairro, associação comercial de bairro, um monte de coisa. Além disso, meu pai era maçom, então tinha parte da maçonaria inteirinha, ãh, e tal. Bom, convidou-se, eu não sei te dizer na época quantos convites foram feitos, mas a Igreja do Coração de Jesus tava lotada, inteirinha. E a festa foi na casa dos meus pais. Agora, ãh, existia uma coisa: nós casamos no sábado no civil e meus pais, lógico, naquele tempo, fizeram questão que eu casasse na casa, em casa. Então, no civil no sábado, houve o casamento civil e depois um jantar para os padrinhos, mais pra família, os mais chegados. E depois na terça-feira, porque eu casei num dia de semana, que naquela época já era diferente, porque as noivas mais ou menos tradicionais casavam no sábado, né. Eu casei na terça-feira, e na terça-feira depois houve festa na casa dos meus pais.:

Então, ah. O que hoje se faz, contratou-se a pessoa que fazia o bolo. Um bolo de não sei quantos quilos. Salgadinhos, doces, tudo isso, mas servido na casa do meu pai, tá. E assim foi feito. Nós casamos dia vinte e oito de maio. (Pára um pouquinho!) Eu me lembro que tinham aqueles docinhos tipo olho de sogra, aquelas coisas na parte de doce. Na parte de salgados eram empadinhas, coxinhas. Que eu me lembre, porque são quarenta e dois anos, né. (Risos). E, quê mais? Ah, tinha a parte de bebidas também. Que isso era importante. Meu pai fez questão dele mesmo escolher o vinho, que meu pai gostava demais. Tinha vinho tinto e vinho branco. Eu me lembro que tinha refrigerantes. Quê mais? Ah, champagne, que houve o brinde da champagne. Agora que eu lembre de comida mesmo, eu me lembro mais dos salgadinhos e do bolo grande com esses docinhos comuns que hoje a gente tem. Não existia, que hoje a gente faz, esse... Bem-casado! Isso eu não lembro de ter tido, tá! (Risos). Quê mais? ãh, daí eu me vesti em casa. Isso era importante. A cabeleireira nossa, veio em casa me vesti. Assim como, pentear minha mãe, né. Tudo em casa. P: E o vestido? Maria: Meu vestido era um vestido. Naquela época se usava muito tipo Redingot, assim com botões. ãh, uma coisa interessante. Que na época, ele era, ãh, ele tinha, ele era branco total, mas ele era bordado em preteado. E o meu sapato era preteado. E a tiara, que eu tenho até hoje, que a minha neta leva pra escola. (Risos). Tá! E, ãh, a eu tinha um véu de cinco metros com três camadas. Sendo que essas três camadas, eram assim: as duas das pontas eram brancas, as dos meio era cor-de-rosa. E foram os véus que depois ficaram pros berços dos meus filhos.

P: Quem fez o vestido? Maria: Ah, assim. Quem fez o vestido foi a costureira nossa. Que servia a minha mãe, que servia a mim. Ela que fez todinho. Tanto o da minha mãe, quanto o meu. E tinha uma coisa importante: as madrinhas combinaram as cores, tá. Então a

minha mãe. Foi muito bonito, porque do nosso lado estava: a minha mãe de bordô e minha prima de azul turquesa. E do outro lado, a minha sogra de um azul turquesa, mas fazendo composição e a minha, a minha cunhada com um, um rosa choque. É, então dava. Quê mais? Floricultura. A minha mãe era uma pessoa muito chata. (Risos) Então ela fechou, nós fechamos a floricultura. E, no dia do casamento, quando eles estava enfeitando a Igreja, ela foi e não gostou do que ela viu e mandou colocar muito mais flores. Isso era umas duas horas da tarde! (Risos). Ela era muito chata, nesse ponto, sabe?

P: O envolvimento da família do noivo? Maria:: Ah, minha sogra! Minha sogra também se envolveu bastante, minha cunhada. Tudo assim, um envolvimento muito grande! Mas, eu poso te dizer quem participou muito mais foi minha mãe, comigo. Tá. E, ela que mais ou menos via como eu gostava. O Luis também deu muito palpite. Nós fizemos, ãh, a lista de convidados, ãh, todo mundo junto. Tá! Pra não esquecer ninguém. Que meus pais achavam, como a gente tinha uma condição socioeconômica, num digo, não éramos ricos, mas éramos. É! E meus pais achavam que você não podia pecar por convidar uma pessoa e não convidar a outra. Ou fizesse uma coisa que todo mundo ía, ou não fizesse. Isso era, né. Tanto que assim seria nos casamentos dos meus filhos também. Tá! Quê mais? P: Você sentiu que laços se estreitaram e teve uma...Com meu sogro e minha sogra?! (Risos) Ah, sempre. Minha mãe e minha sogra foram amigas até o final da vida. Elas se davam muitíssimo bem. Meu sogro e meu pai. A gente tinha uma comunicação de família, como temos até hoje, Graças a Deus, muito grande tá. Então. Tinha, não tinha problema nenhum.

P: Pra eles era tão importante quanto pra vocês, a realização da festa. Muito! P: Os amigos deles também? P: Inclusive convidavam até amigos da faculdade, tá. P: E assim amigos nossos da faculdade, que meu marido tem até hoje, tal num sei quê. P: Hum, hum. Buquê, presente? Bom, buquê, minha mãe mandou fazer naquela própria floricultura que fez a Igreja, né. Presentes eu recebi demais, demais pra você ter uma idéia eu praticamente não comprei quase nada pra minha casa.

Maria: Não comprei quase nada, apesar de quê essa parte por exemplo de geladeira, fogão, tal. Meu marido comprou antes, ele que comprou. Eu casei com a casa todinha mobiliada. Sem problema nenhum, tá. Quer dizer, naquele tempo era um casamento diferente. Porque normalmente as pessoas lutavam com mais dificuldade, né? E, quê mais? Presentes, nós ganhamos muita coisa. ãh, eu não lembro assim exatamente, mais pra você ter idéia, é que não tá aqui, mas eu tenho uma foto que imagine um quarto inteirinho cheio de presentes no chão. É, foi assim! ãh, mas é aquela história,

meus pais eram muito conhecidos no lugar. Né, e daí foi por causa disso. *P:* Mesmo quem não foi, mandou presente? *Maria:* Sim. Ah, e tem uma particularidade pra contar. Muito interessante! (Risos). Nós recebemos um presente, de uma pessoa, filho de um amigo do meu pai. E muito interessante, ele havia casado, tá. Acho que um ano antes. E ele recebeu um jogo de café, cafezinho. Era de café e chá. E ele repassou pra gente. Só que ele esqueceu de tirar o cartão da pessoa, que veio dentro. (Risos). Não, mas coitado. Acho que ele nem soube disso, porque, sabe quando tem a caixa que tem um engradado. E o cartão ta embaixo de tudo. Ele praticamente, como ele não mexeu, naquilo, ele embrulhou, fez um embrulho lindíssimo e botou o cartão dele e mandou. Tinham dois cartões, tá. *P:* Teve lembrança? *P:* Músicos? Música? Não. Bom, músicas comum na casa tinha tipo: discos, naquele tempo era LP, né?! E assim, mas assim conjunto, nada disso. *P:* Na Igreja? *Maria:* Ah, sim. Na Igreja sim. Na Igreja teve, teve coral, teve a Ave Maria, que precisa ter. É. Teve, porque teve a missa, né. Então foi uma missa cantada, ta. E começou realmente, quando eu entrei, que eu avisei todo mundo quando eu entreguei os convites que eu não iria me atrasar. Porque, meu sonho, como eu te falei era na hora que o sino batesse às seis horas, e às seis horas eu estava entrando, foi o que aconteceu. *P:* E então, aí a recepção na sua casa. Foi em casa. *P:* E tudo o material, ah, vamos ver, as louças. Era tudo da sua casa? Não teve nada alugado? *Maria:* Hã. Puseram, puseram algumas coisas alugadas. Principalmente a parte de taças, de copos e pratos, que não tinha pra todo mundo. Tá. Agora se você me perguntar aonde que meus pais alugaram eu não sei. Por incrível que pareça, quando nós chegamos. Porque hoje em dia se costuma nos *buffets*, porque quando foi com meus filhos, ãh, pegaram umas caixinhas e você corta o bolo e é aquele que o pessoal leva pra comer na lua de mel e tal. E, eu e o Luis demos muita risada porque nós chegamos a conclusão que nós não comemos o bolo. Nós apenas tiramos um monte de fotografias, fingindo que estávamos comendo o bolo. É, com o bolo na mão e tal, mas ninguém comeu. Cortamos, e tudo aquilo, depois que nós percebemos. *P:* E as fotografias? Teve fotógrafo? Foi fotógrafo. Foi feito o álbum do casamento, ta.

Maria: E aí a parte de fotografia. Meu marido, ãh, participava da comissão de formatura da PUC da parte de Economia. E eles estavam negociando com esse fotógrafo, e com os fotógrafos que fizeram e já estavam fazendo há muitos anos a parte da PUC. E o Luis gostou muito do trabalho deles, então foram eles que fizeram, tá. O álbum tudo isso.

P: voltando mais um pouquinho pra alimentação. Qual é, na sua festa de casamento, o papel da alimentação, de servir alguma coisa pros convidados, no momento, num rito desse de passagem? *Maria*: Olha Bruna, naquele tempo eu acho que as coisas eram diferentes do que são hoje. As pessoas iam à festa pra ficar mais próximos dos noivos. Eu acho que existia mais junção, mais amizade. Lógico que você servia e tal e num sei o quê. Mas não é como hoje que as pessoas vão mais pra desfrutar da festa. A diferença que eu vejo é era isso. Tá. Havia uma grande diferença hoje em dia. Então, por exemplo qualquer coisa que você fizesse, eu não digo qualquer coisa, mais se você fizesse na sua casa com todo amor e carinho, num sei o quê. As pessoas vinham, ãh, no sentido de gostar de você, de participar e não no sentido de usufruir. Seria essa a palavra, usufruir. P: Em relação, em receber em casa também? Também, sem dúvida. P: Porque que foi isso? Porque que você recebeu em casa? *Maria*: Naquele tempo era difícil você conseguir salões e tudo isso. Se você tinha uma casa boa para receber bem, tá. Que dava, que tinha espaço, você não pensava muito em fazer em salão. Principalmente hoje se fala: “Ai eu tenho uma casa grande, mas vai fazer uma sujeira, uma imundice e num sei o quê.” Naquele tempo não se pensava assim. E o objetivo era você comemorar com os amigos. A sujeira vinha depois, depois você limpava. Agora tinha uma coisa. Seus amigos e seus conhecidos quando eles vinham a sua casa. Eles tinham um cuidado com o que era seu. Não é como hoje, né. Então você vê hoje isso, uma diferença de uma festa de criança por exemplo, certo. Então é diferente, eram costumes diferentes. P: E os convidados ficavam a vontade na sua casa? Tinha alguma distribuição? Ou eles se agrupavam? *Maria*: Tinha algum...É, se agrupavam, em relação ao seu próprio grupo, mas se misturavam, existia uma mistura. Não ficava um grupinho aqui outro grupinho ali, não. Existia uma mistura. E minha mãe costumava dizer uma coisa, que ela nos ensinou e que eu passei pros meus filhos: Depende de você, os convidados se misturarem, você que tem que ir e apresentar um, apresentar o outro, fazer com que um se sintam bem, tentar mais ou menos uma coisa em comum, que eles tenham, isso eu tenho até hoje na minha casa. P: Havia essa preocupação? *Maria*: Havia, havia. Pelo menos da minha parte sim, porque o homem é mais, não liga muito pra essas coisas.

P: E, em relação a formação de um novo núcleo, uma nova família. É importante ter essa festa de casamento pra formação desse novo núcleo? Você seu marido, a nova família que estava se formando? *Maria*: Aí que está, depende, eu não sei. Eu tô falando da classe social que vivia. Porque pra minha classe social era importante. Era importante, meus pais mostrarem para os amigos com quem eu estava casando, quem era a família da pessoa. ãh,

havia um conagraçamento. Entendeu? *P*: E todos os convidados eram de gosto seu, ou como você falou. *Maria*: ãh, foi! *P*: Seu pai era da maçonaria e. *Maria*: Era uma mistura. Foi uma mistura. Nós sentamos e primeiro o Luis fez lista dele, né, os amigos dele, a família dele, conhecidos dele. Eu fiz a minha lista, minhas amigas, de escola inclusive. ãh, meus amigos, meus conhecidos e os meus pais também fizeram e os pais dele também. Tá. Agora como os pais dele vieram do interior, eles tinham pouco conhecimento de pessoas daqui, mais o que eles tinham era família aqui. Então, a gente pode dizer que da parte deles existiam conhecidos, assim, vizinhos da minha sogra, mas a maioria era mais a família mesmo. A família que estava em São Paulo. Vieram muitos do Interior. *P*: De onde ele é mesmo? Ele é de Marília. Ele é de Tupã, mas o pessoal era Marília e Tupã. Então vieram muitos de lá. Teve uma grande diferença (em relação aos filhos). *P*: Em relação a que? *Maria*: Bom, os dois casaram em buffet. O mais velho casou no Cidade Jardim aqui perto da Cultura Inglesa do Butantã, onde hoje é, aí é um buffet enorme, ai não sei o nome. Enfim, mas antigamente era o Buffet Cidade Jardim. É. E o outro casou na, como é que chama, é um Buffet muito famoso que tem na Leopoldo Couto de Magalhães, que eu não sei agora qual é o nome. Deixa eu ver se eu lembro aqui. (pausa) Bom, eu descobri uma coisa, bom o menor, ãh, casou o civil na minha casa. Porque houve um problema. Eles deixaram passar a coisa do casamento civil, achando que eles poderiam fazer no buffet, só que o buffet era de um pedaço de São Paulo. E ele não cabia, e eles pesaram em casar também na Igreja, mais aí já era tarde, também, porque não dava mais tempo. Então nós fizemos o casamento do Rodrigo, aqui em casa o civil, como foi mais ou menos o meu, mais aí a família da Nandi já é muito grande, ela tem muitos irmãos. Nós fizemos apenas para os pais, porque foi decidido assim, de uma semana para outra. Então os pais, os irmãos, os avós. Assim os mais chegados. Só o civil aqui em casa. E foi feito aqui onde você tá vendo, tá. Onde tem móveis, tudo isso. Agora a diferença dos dois foi o seguinte, no tempo do Júnior, eu tô falando isso em 1995, ele casou, convidou, eram 400 e tantas pessoas, tinha um, como é que eu vou te explicar, tinha a banda tocando, CP3 acho que era. Com tudo que é possível. Tá. E, ãh, mas ai as pessoas já era mais críticas, já vinham no casamento pra ver o que estava sendo servido, qual era o vinho que foi servido, que eu acho isso um absurdo. Foi servido o que tinha o que não tinha. A pessoa ía já fazendo, já se preparando pra fazer uma avaliação, mas uma avaliação negativa. *P*: Crítica, né? *Maria*: Crítica, exatamente, tá. No caso do Rodrigo. Eu acho que a situação ficou pior ainda. Do Júnior para o Rodrigo, isso de 1995 para 2004. A competição é muito grande, tá. Então por exemplo, a minha nora mais velha ela já se vestiu em casa, d mesmo jeito, mais ou menos que

a gente costumava fazer. Veio toda turma veio pra casa dela e tal. A minha nora mais nova foi ao Dia da Noiva, com aquelas coisas todas. Que hoje em dia é muito diferente. A gente não tinha Dia da Noiva, ah família se vestia de um lado, do noivo se vestia do outro. Não era assim, tá, então tá mudando muito isso. Que mais que eu posso te falar? ãh.

P: A comida? *Maria*: A comida, hoje em dia cê faz a mesa de doces que é paga a parte. Os bem-casados que é da Conceição ou de não sei o quê. Tá. Quer dizer tudo é muito, de marca:::, tudo é feito, ãh, com propaganda:::. Tudo te leva a você gastar seu dinheiro num determinado lugar. Mudou. Mudou nesse ponto que eu tô te falando. Porque por mais que você faça que você se esmere, e tudo isso, sempre vem, a turma vai falar. P: E a comunhão em volta da comida, continua a mesma? *Maria*: Não. Não. A pessoa vai ao casamento pra usufruir do casamento. É diferente! Eu não estou falando, lógico eu não estou falando todo::: e tal, mas eu tô falando, no geral. Vai usufruir, ela não vai participar, ela não vai da alegria dos noivos, da família, não estou falando todos, porque, mas a maioria. Existe hoje em dia pessoas que estão para casar e vão no seu casamento pra ver como é que foi, o que que você fez e o que deixou de fazer, tá. Então é, essa comparação, ficou muito pesada, muito pesada. P: Na sua opinião você acha que mudou o significado da festa? *Maria*: Mudou, mudou. Sem dúvida. Sem dúvida::! Sem dúvida. Você antigamente, ce tinha um ambiente gostoso. Um ambiente amigo, e olha os meus filhos casaram e foram casamentos maravilhosos, os dois, mais é incrível, incrível. Completamente diferente! Então quer dizer, mesmo, ãh, o vestido da noiva, então, a mais nova que fez foi Mari Toscano, a outra foi um costureiro que tinha na Rebouças, agora eu não lembro o nome dele. Ele que fez, então agora vem toda aquela parafernália, os padrinhos homens tem que alugar smoking, fraque e não se mais o que. Tudo segue uma coisa que se você entra nessa, você, não digo que você tem obrigação, não é isso, mas pelo menos se você não fizer eu acho que vão criticar.

Não digo, lógico, veja bem, não quero ser amargar, não tô dizendo. Tô dizendo os costumes. Então, você veja o bolo é praticamente a Isabela Suplicy, ãh, ou senão Dara Doces, a confecção dos bem-casados, tem a outra que faz também. Na hora por exemplo, o Rubens fez a decoração dos meus dois filhos, né. Então, aí vem a história também dos filhos: o filho mais velho gosta de coisa sofisticadíssima, o filho mais novo não. Então, o mais velho casou na Brasil, o mais novo na São José. Então existe já uma diferença aí, tá. : Tudo eu acho que hoje em dia, e uma coisa que me deixa muito triste também e até saiu há questão de vinte dias atrás no Jornal, não sei se você leu, quanto custa hoje em dia você casar na Igreja. Então se você quer um tapete de uma cor, não sei o quê é mais não sei quanto, ãh, não sei, a discussão,

por exemplo, saiu isso daí. Então você veja, o casamento por exemplo, ficou mais uma parte comercial, né. Não digo todos, mas caiu mais pra esse lado. Minha opinião pessoal. Então isso que eu tenho. Hoje em dia desde a comida, tá. Então, ãh, o buffet que você escolhe, então você vai ter que provar pra ver se é aquilo que você quer. ãh, as vezes você faz, como nós fizemos, tudo isso e tal, Graças a Deus, no nosso caso deu tudo certo, mas há pessoas que fazem e depois não dá certo. Tá, então, sabe, há diferenças, né. Isso pode acontecer pra todo mundo. Mas o que eu digo é que segue um padrão que se hoje você quer fazer alguma coisa, quando você vê a coisa ficou inviável. De um filho pra outro a diferença. Porque no filho mais velho nós dividimos as despesas em dois pais, então como o filho mais velho o pai da noiva, a parte de Igreja isso ele não quis. Então nós fizemos a lua de mel pra Europa pra eles, então foi a nossa parte, né. A do filho menor não foi tudo dividido, tá. E o filho menor, diferente do filho mais velho teve uma coisa, ele queria uma festa mais simples, mas ele queria que nós comprássemos o apartamento, tá. Então, eles também foram viajar, tudo isso,, mas não foram pra Europa como o mais velho e daí foram pro Nordeste, pra Argentina e eu não lembro mais pra onde, assim em relação ao mais velho. Apesar de que meu marido fez o seguinte, ãh, em dólar o que pagou pra um entregou pro outro. Tá, mas eu acho que é diferente. Os preços dos casamentos hoje são esses. *P: Você teve noivado? Maria: Tive. Fiquei noiva dois anos. P: Festa de noivado? Maria: Tive. Um jantar na minha casa. / Ah, mais aí não. Só foram, deixa eu ver se eu lembro. Ah, a minha avó, eu não tinha mais avô de nenhuma parte e nem avó por parte de pai já havia falecido. A minha avó mãe da minha mãe, foi minha madrinha, ela o marido e o filho. Da parte de Luis foi a irmã dele, o cunhado e os filhos, meu sogro, minha sogra e o meu tio mais velho. Ah, e o irmão do meu pai e a esposa. Então que eu lembre, e meu irmão, que eu tenho um irmão só, tá. P: Foi jantar? Maria: Foi jantar. Tá. Foi jantar. Jantar à francesa, só. Que eu lembre, agora. Me lembro que o primeiro prato eu sei que era maionese. Mas o resto eu não lembro mais.*

Entrevista 4

Identificação	
Nome fictício	<i>Joana</i>
Idade atual	27

Idade ao casar	24
Local de nascimento	São Paulo
Cidade onde reside atualmente	São Paulo
Profissão, nível de escolaridade	Mestre, dentista/ administradora
Estado civil atual	Casada
Número de casamentos	1

P: Então, *Joana*. Ela vai comentar um pouquinho da história do casamento dela, vai contextualizar primeiro, o que que ela e o noivo dela estavam fazendo na época, como que eles decidiram, casar, porque. Como tudo aconteceu?

Joana: Bom, é a gente. Eu e meu marido, né. Hoje meu marido, a gente namorava há uns três anos. E ele sempre quis morar fora, tá. Quis morar nos Estados Unidos pra estudar, e, eu sempre não quis, tá. (Risos) Assim, naquela fase da minha vida, eu achava que o melhor pra mim também era buscar alguma coisa fora, e aí a gente resolveu casar. Na verdade, o casar estava muito ligado ao fato de ele passar ou não na Universidade lá fora, tá. *P:* (Risos) É? Porque eu tinha vinte e quatro anos, e. E, eu me achava muito nova, mas assim se casar seria uma exigência minha. Então, eu falei pra ele: - nós vamos, mas eu só vou casada. Tá? Que naquele momento assim, a festa era importante? Era importante, era um sonho, mas o status de mulher casada pra mim era muito mais importante. *P:* Por quê? *Joana:* Por que eu acho que é influência familiar, acho que é 100% influência familiar. Hoje eu penso um pouco diferente, mas naquela fase pra mim era mais importante ser a esposa e não uma acompanhante, tá. Meus pais, então minha mãe sempre falava que eu só sairia de casa casada, tá. O que em muitos momentos ela falava isso, mas em outros ela falava obviamente se eu quisesse sair não casada, ela não tinha como decidir por mim isso. Mas eu acho que assim, pros meus pais era muito importante que eu fosse casada. Tá. Morar com uma pessoa casada. Bom, então foi por isso. Aí ele passou na Universidade, e ele passou na Universidade, a gente teve a resposta em março, a gente. E aí a gente começou a organizar a festa a partir daí, pra acontecer em agosto. Então a gente teve muito pouco tempo, tá. Em maio, a gente casou no civil. Por questão de visto e tal, então a gente precisava casar em maio.

P: Houve alguma comemoração nesse casamento civil? *Joana:* Teve. *P:* Então no casamento civil foram:::? *Joana:* Quem foi, foram meus pais. É os meus padrinhos, e os respectivos namorados, na época. E, meu irmão, com a esposa e os meus sobrinhos, da parte dele foi a mãe e avó, os padrinhos e os respectivos namorados da época. E depois, foi de

manhã, e a gente foi tomar um café da manhã. Tá. A gente foi num lugar que tinha café da manhã. E foi um café da manhã, foi super gostoso tal. Foi isso. Aí, bom durante, é, toda a organização do casamento, eu também tava defendendo minha tese de mestrado, eu não tive muito tempo pra olhar as coisas do meu próprio casamento. E, eu tenho uma amiga, que é assessora de casamento, e, que basicamente foi a pessoa que fez tudo. Então, o que eu pedi pra ela foi como ela me conhece muito bem, eu falei olha pensa no que eu gosto seleciona dois ou três no preço que eu posso pagar e eu vou conhecer. E foi isso, e deu super certo. E, o casamento a festa, como eu disse, assim, o casamento em si, é o meu marido não queria, ele achava que, ele gostaria de ter tido a experiência de morar junto antes de casar, tá. Mas também assim, não se opôs, em nenhum momento. O importante é casar, e, com relação a festa a gente desde o primeiro momento, ele apoio, ele sabia que era um sonho que tinha. Não se empolgou, mas apoiou. Uma das coisas que a gente decidiu quando a gente foi, o casamento foi pago pelos nossos pais, na verdade, foi uma parte pela minha mãe e uma parte pela mãe dele. Então assim, a gente tinha um dinheiro, e o que a gente resolveu é que a gente ia resolver as coisas do casamento e não ia chamar pai, nem mãe, nem ninguém. Então. É, a gente tinha. Então a gente tinha o dinheiro, só que a gente decidiu que a ia resolver tudo do casamento, sem a influência da mãe de um falar, ah eu quero uma coisa e o pai do outro falar, eu quero outra coisa. E, nesse momento a gente divulgou pros nossos pais que assim seria. É, e eu acho que foi muito bem aceito. Na verdade, assim, as coisas que eu precisava da minha mãe é a escolha do vestido, que mais?

P: Como que foi a escolha do vestido? E a roupa da dama? *Joana:* Então, o vestido, foi um dia bem cansativo, onde a minha assessora e a minha mãe, a minha assessora que é minha amiga, né. E, a minha mãe a gente saiu de manhã até a noite. Eu provei, acho que uns setenta vestidos. E, o que foi engraçado, é que uma das primeiras lojas que eu fui de manhã, foi onde eu selecionei o vestido. Então eu sempre imaginava um tipo de vestido pra mim. E, chegou na loja foi um completamente diferente do que eu imaginava. E, eu ia experimentando e não tinha reação, nem por parte da minha mãe, nem por parte da minha amiga, até que quando eu experimentei o meu vestido, quando elas me viram as duas começaram a chorar. E, naquele momento eu tinha certeza que era aquele, mas ainda assim eu continuei até o final do dia, pra ter certeza realmente e enfim, acabou sendo aquele. Ai, enfim, roupa da daminha, essas coisas. A roupa da daminha, quem desenhou na verdade que foi feita sob medida, foi a minha mãe mesmo, ela que deu a idéia tudo. Foi muito legal. A roupa do meu sobrinho também, que foi o pajem, também foi minha mãe que escolheu. Então, nas partes que tinham

a ver comigo, tá. Mas uma parte comum, por exemplo, a escolha do lugar, tem uma história interessante. Porque ela começou a ir, né, na escolha do lugar, e, eu tinha decidido um lugar que eles gostaram muito. E, a gente tinha reservado a data. Era Buffet. Ah, era lá no Pacaembu. Não lembro do nome, mas enfim, eu tinha gostado muito. Um buffet que oferecia massas, comidas. Era justamente o que eu queria, mais degustação, pequenas porções, que era tudo que eu queria oferecer pros meus convidados. Então minha mãe chegou a ir comigo, ela gostou do lugar tudo, e isso foi antes da gente saber a resposta se a gente ia ou não casar. Então, no final das contas a gente acabou perdendo o buffet. E, foi com certeza, uma das brigas mais sérias que eu tive com meu marido. (Risos). É, porque noiva, aí a gente fica louca. É, mas enfim, aí no final das contas, a gente foi em busca de algum lugar pra casar. A maioria dos lugares já não tinha mais vaga. Isso foi em final de março. Então, a gente começou assim, vê o que tem, né. Tanto que assim, eu queria casar no sábado acabei casando na sexta. A gente escolheu um lugar legal que foi o Baiúca.: Bem diferente do outro. É, até nessa questão de comida, então assim. No Baiúca, eu não tinha a opção de escolher, então assim, móveis, eram aqueles móveis os mais tradicionais. Eu queria uma coisa um pouco mais moderna, é a questão do buffet, eles serviam em pratadas. Que eu gostava eu prefiro do que buffet mesmo, aquele formação de fila. Na hora de pegar comida, mas eu ainda queria aquele buffet. É exatamente. Então, assim foi legal, gostei não tocaria, mas enfim foi essa história até a gente chegar no lugar. Aí questão de decoração, por tudo ter sido muito rápido também, não deu chance de todo mundo ver. Então tinha lugares que eu ia e meu marido não ia. Então sabe, porque foi tudo muito rápido mesmo. Precisava fechar. Aí foi isso. Quem me ajudou mais, com certeza foi minha amiga. *P*: Amiga e assessora? (Risos); *Joana*: É amiga e assessora. Obviamente eu tive essa sorte, né. De juntar as duas coisas, mas ela me ajudou muito obviamente pela falta de tempo. E com certeza foi ela.

P: E houve Igreja? *Joana*: Então, teve a Igreja. Depois que a gente casou no civil, aí na verdade assim, não teve a Igreja, mas a cerimônia religiosa que foi no próprio buffet.*P*: Porque que a gente acabou optando pela cerimônia no buffet? *Joana*: É, eu e o meu marido a gente não tem nenhuma religião definida, a gente tem alguns princípios que a gente compartilha e, a questão da Igreja Católica, apesar de ter sido batizada e ele também, e vem de família Católica, a gente discorda de alguns pontos da Igreja Católica. Mas, pra gente assim, na verdade, que tanto fazia. A cerimônia, assim, ter uma palavra bonita pra representar, isso era importante. Quem fosse fazer isso, a gente ainda não sabia quem era. Então, é como a Igreja Católica não permite que Padres façam a cerimônia fora da Igreja. A gente foi na Igreja

Anglicana. É a gente foi conhecer a Igreja Anglicana e viu que muito do que a gente achava errado na Igreja Católica, a Anglicana também achava errado. É, então a gente achou uma Igreja mais moderna, enfim. Aí a gente acabou decidindo como o Reverendo da Anglicana pode fazer casamento fora, a gente resolveu fazer com ele. *P:* Certo. Teve toda a pompa e cortejo? Tudo certinho, como se fosse numa Igreja, mas não foi na Igreja. *P:* Por que era essa a cerimônia que era importante pra vocês? *Joana:* Isso a Cerimônia do Casamento. É, e foi realmente uma cerimônia bem legal. É, eu acho que o Reverendo falou lá na hora realmente fazia muito sentido. Foram palavras bonitas. É, chamou atenção dos convidados. Isso que é, que eu achei bem legal. Porque realmente a gente vai a cerimônia acontece e você percebe que a maioria dos convidados não está nem ouvindo. Eu percebi, até depois no vídeo e tudo, que as pessoas realmente estavam prestando atenção no que ele falava. E coisas simples, de fácil entendimento, mas que faziam muito sentido. A festa, eu curti muito, eu estava muito tranqüila, até porque eu já tinha passado pelo casamento do civil, onde eu tava bem mais nervosa. Então na festa, foi assim super tranqüila. Eu fui com a cabeça, acho que diferente da maioria das noivas que eu conheci. Então eu falei assim, bom se tiver que dar alguma coisa errada vai dar. Então eu não vou me estressar. Não, se tiver que dá, dá errado, entendeu. Porque que eu vou me estressar antes. Numa coisa que vai acontecer. No fim deu tudo super certo. É::

P: Teve dança? Teve DJ? Banda? Comida? É, a gente optou pelo DJ. *Joana:* E, teve dança. Que até teve uma dança, que assim foi muito legal. Eu adoro tango, eu fazia dança de salão quando era menor tudo, aí eu fui passar um mês na Argentina. Pra fazer um curso, meu marido, uma das vezes, fui lá pra fazer um curso de espanhol, mas na verdade fui pra fazer um curso de tango. Aí meu marido fez umas duas aulas comigo, e, ele sabe que eu adoro, e eu acho que foi até um presente dele pra mim, foi falar que era pra gente dançar tango no nosso casamento. Então a gente contratou um professor particular, que desenvolveu toda uma coreografia. E, enfim, o mais engraçado, assim que todas as vezes que a gente treinava, nunca deu certo a coreografia. A gente no final caía pro lado errado, enfim. E no dia do casamento foi perfeito. (Risos). Deu certinho, saiu tudo perfeito. Então foi muito legal. As pessoas comentaram bastante.

P: E a comida? *Joana:* Então, a comida eu achei muito gostosa. Na verdade, assim, eu achei porque eu provei antes. Então, teve toda uma degustação. E:::, gostei bastante. Eu acho que pra uma comida de buffet, onde é sempre muito complicado, porque é um monte de gente, pouco tempo, enfim. Eu achei que, que era muito boa. *P:* O que que foi servido, assim?

(Risos). *Joana*: Então! (Risos) Vamos ver se eu lembro. Ah, canapés, assim. Os canapés, eu não lembro nada assim, de especial, né, honestamente. Do prato, que a gente escolheu? Eu lembro que tinha uma carne, gostosa. É, foi servido uma salada. E, aí teve um prato no meio que era uma massa, se eu não me engano de recheio de queijo e molho de tomate. E aí, teve, eu lembro, ah, tinha tipo um *Vol au Vent* de palmito, alguma coisa assim, no prato junto com a carne. Mais alguma coisa, que eu realmente não lembro. *P*: (Risos) Mas teve então, uma carne com o vol au vent, uma massa e uma salada? *Joana*: Foi isso. Um pouco de tudo. Porque foi empratado, né. *P*: E porque vocês decidiram por esse cardápio? Qual foi, foram os critérios? *Joana*: Então, é:::, bom a salada, uma entrada, tipo, porque na verdade eles tinham um cardápio, assim com as opções. A opção, assim de ter uma massa ou uma salada, enfim, isso não tinha opção era isso mesmo. Massa a gente acabou escolhendo, por isso, assim, por causa, porque eu gosto muito. E tinha um risoto, tá. Eu lembro que a opção era massa ou risoto, mas como tinha uma, eu não sei se tinha arroz no prato, mas enfim, a gente acabou optando pela massa até porque tem um molho e tal. É o recheio de queijo foi pra, porque é uma coisa neutra e também porque eu tenho alguns amigos vegetarianos. E, não tem como não pensar nessa hora. Já que o prato seguinte era uma carne. Então:::: foi isso.

P: Certo. E sobremesa? Teve mesa de doce? Teve bolo? *Joana*: Então, teve. Na verdade, assim, a gente tinha, tiMariam umas torrezinhas de doce, né. Na verdade, não teve uma mesa de doce assim, brigadeiros e afins. Então foi servido diretamente na mesa. *P*: Que tipo de doce, serviu, cê lembra? É muito? Eu acho que tinha brigadeiro, porque eu adoro brigadeiro. Mas o resto, eu realmente não lembro. É::::: quê mais, que tinha? Foi servido uma sobremesa que a gente achou muito legal, é::::: que pegava fogo. Era, acho que era, um sorvete, alguma coisa desse tipo. E::::: então, é::::: quê mais? Então foi muito legal, assim, porque a sobremesa fez parte, meio de um show. Então, onde os garçons todos cada um entrava com um. Parecia um vulcãozinho. Pegando fogo. Então apagaram as luzes do salão ai eles entraram. Foi bem legal. Então, foi uma sobremesa show? Foi uma sobremesa show. (Risos) Tinha uma mesa de doce, também. Que honestamente, eu também não lembro. (Risos) É, porque honestamente eu estava curtindo a festa, mas eu lembro que assim, tinha uma variedade imensa::::: de doces, tá. *P*: Bolo também? *Joana*: Tinha bolo. Bolo, embora estivesse muito bonito eu acho, tava realmente muito ruim. (Risos) Foi a maior decepção. Porque na verdade, o bolo também eu só comi depois que eu voltei da lua-de-mel. Minha mãe congelou. E, aí eu comi depois da lua-de-mel, e, foi assim uma grande decepção, porque não podia estar pior. Então, na verdade a gente teve o privilégio de fazer os dois, tá. Então, uma

coisa não limitava a outra. Óbvio que assim, de repente se a gente quisesse ter uma festa um pouco mais pomposa, a gente talvez tivesse que tirar dinheiro talvez, da lua-de-mel. Mas, não foi o caso. E, assim, a festa era muito importante pra mim, mas a viagem era muito importante pra ele também. Se eu tivesse que escolher entre a festa e/ou a lua-de-mel. Eu escolheria a festa, tá. Porque eu acho que festa, é uma vez na vida e viagem é legal, mas eu acho que assim dá pra você fazer várias “luas-de-meis” (Risos) sei lá como é que fala. *P:* (Risos) *Joana:* Tem outras oportunidades. Tem outras oportunidades, mas o casamento não. Depois que você casou, você tá casada. É uma festa, mas não é um casamento, pelo menos é o que eu penso. Então, mas pra ele também era muito importante, mas assim a sorte é que a gente teve, consegui conciliar os dois. Agora, pra mim é isso, assim eu não consigo entender uma pessoa que opta pela viagem e não pela festa. Uma coisa muito engraçada, foi que assim, é, em todo momento, assim, meu marido apoiou, não foi mais o empolgado, mas hoje ele fala pra pessoas que vão casar. Enfim, ele fala que é a melhor festa da sua vida. Tá. Então, é, no nosso caso, por exemplo, também foi uma festa pequena. A gente optou por ter os nossos melhores amigos perto. *P:* Quantos convidados? *Joana:* Duzentas pessoas. Então, assim a nossa opção foi até::, restringir amigos de pais, essas coisas. Foram dois amigos dos meus pais, em duas famílias, só. Que eram muito amigos mesmo. E o resto, foram, assim, pessoas que a gente tem um, que faz parte da nossa história mesmo. Então, nada daquilo de querer mostrar pros outros que a gente tá casando, ou querer falar pra Deus e o mundo que a gente fez uma festa de seiscentos convidados. Que eu acho que hoje, isso existe. Então pra gente foi isso mesmo, a definição dos convidados. *P:* E, os convidados, a lista foi feita por vocês, você e o seu noivo, é isso? *Joana:* A lista foi feita por nós, e:::, a comunicação pros pais, também foi olha: “- a gente não quer pessoas estranhas no nosso casamento.” Então, o que você acha. Até, por sugestão, é:::, minha mesmo, pelo menos por parte dos meus pais. É, essas duas pessoas que foram, eu falei: “- olha, eles eu acho que seria legal, chamar.” E:::., mas foi só, assim. O resto foi, a gente sempre, só gente muito próxima. *P:* família dele se envolveu? Então, a família dele.

P: Você sente que os laços familiares se estreitaram com essa festa? *Joana:* Bom, vamos lá. Então, assim, a família dele também não se envolveu muito, tá. Porque o pai dele morava fora, morava no, morava ainda no exterior. E:::., assim, o pai dele por morar fora tal, eles são próximos, mas não tão próximos, assim, não sei. Não tem a convivência do dia-a-dia. É:::., então foi isso, assim. Com o casamento, a gente também não teve tempo de ser casado e ter família junto. Como a gente foi direto pros Estados Unidos. (Risos) (pausa) Então, como a

gente logo que casou foi viajar, então, eu acho que assim, o que que eu percebi, assim. Eu e ele, a gente, ficou muito mais unido, do que um casal normal, vai, que casaria e ficaria por aqui. Porque a gente foi pra um lugar novo, tudo novo, sem família, sem amigos. Então, a gente teve que, ou se unia, ou separava, tá. Não tinha muita opção. E a gente acabou se unindo. É:::, com relação a família. A minha mãe e a dele, acabaram se unindo, também. É, e:::,,, então eu acho que as duas tinham saudade, acabaram é se unindo. P: Sei, mas a participação na festa do casamento, você acha que influenciou pra que elas se aproximassem? Sim, eu acho que sim. Eu acho, que não a festa de casamento, mas o processo do casamento. Então, embora as duas não tivessem envolvidas, em alguns momentos, sei lá, quando a gente ficou noivo teve o jantar de noivado, tá. Foi. Então o jantar de noivado, a gente ficou noivo em janeiro, tá. Ele me levou pra um restaurante. Que era o restaurante, que eu mais gostava, que tinha um risoto que eu mais gostava, enfim. E:::,,, aí ele me pediu em casamento nesse restaurante. E, aí, eu acho que foi de dia de semana, e no final de semana, a gente, ou no final de semana seguinte, enfim, a gente foi a um restaurante e foi a família dele, os padrinhos, enfim, todo mundo, pra fazer o pedido oficial. Enfim, oficializar mesmo, que a gente tinha ficado noivo. Independente de casar ou não. Tá, a gente tinha ficado noivo. Então eu acho que desde aí, a gente começou a ficar mais unido. E as nossas mães, principalmente, ficaram mais unidas, tá. É, bom, aí a gente foi pros Estados Unidos, enfim, essa união continuou. Na festa de casamento, assim, tem fotos, assim, eu vejo que tem fotos das duas juntas, abraçadas, e tal. P: foi um fotógrafo, que tirou as fotos? Sim, foi um fotógrafo. Então, o fotógrafo é um caso triste, até. (Risos) É, porque o fotógrafo. Não, assim, porque o fotógrafo, foi a última coisa que a gente viu. Já sem tempo nenhum, já:::,,, é, como a gente fez tudo muito rápido, principalmente eu. E eu defendendo tese, e a gente tentando arrumar casa no exterior, e, enfim arrumando documentação tudo. A gente não teve tempo, e, eu pedi pra minha amiga selecionar, as pessoas, mas simplesmente eu falei vai essa. Simplesmente uni. Vai essa, e, ponto, entendeu. Porque eu não queria mais ver nada de casamento. E, acabou sendo, mas assim os resultados das fotos não foram os melhores. O vídeo, também, deixou a desejar. O que é muito triste, porque embora, sei lá, a decoração, eu achei que tava muito bonita. Sabe, a comida tava gostosa, o DJ tava bom, pelo menos, que eu acho. O vestido é o meu vestido sempre, mas são as fotos que vão ficar, entendeu. A flor já passou, mas a foto tá aqui. E, embora, tipo a gente tenha documentado. É, sei lá. Eu acho que muita coisa, por exemplo, foto de família assim, eu, que porque a gente acabou optando até por indicação do próprio DJ, enfim, da assessora. Até pelo tipo de casamento, enfim, que era empratado. Sugeriram pra

gente, que assim ir de mesa em mesa cumprimentar os convidados, poderia ser um mata a festa. Até, porque o resto era muito parado, então porque tem toda essa questão do empratado, enfim, que tudo isso afetava na animação da festa. Então a gente fez um comunicado geral, fez um agradecimento geral. No microfone, e, foi isso. E aí, assim, a gente acabou ficando na pista e a gente não conseguia, porque simplesmente tinha um amigo ou outro, e, a gente não conseguia ir até os convidados. Toda vez que a gente tentava, vinha alguém e puxava, acontecia alguma coisa, e, a gente realmente sentiu isso no dia do casamento, que a gente não conseguia chegar nos convidados. Então, aqueles convidados que não vieram até a gente, ou a gente acabou nem falando ou acabou nem tendo foto. Porque, o fotógrafo se concentrou na pista, onde nós estávamos. Então, por exemplo, não tem fotos dos meus tios., Sabe, porque eu acho que faltou iniciativa do fotógrafo, mesmo que a gente não tivesse de mesa em mesa, tirar foto do grupo, tá. E:::, é uma pena, porque, se eu bem me lembre, assim, de olhar, as pessoas acabaram, da família sentando junto. Então, assim, seria muito legal, assim toda a organização da foto, seria muito legal. E acabou não acontecendo. Então, enfim, essa, isso foi ruim. Houve um agrupamento, Família aqui, amigos ali? É, a gente não fez marcação de mesa. Porque até outra coisa, que nos orientaram, e eu acho que é um ponto, é, quando tem marcação de mesa, tipo, sempre forma uma fila, a pessoa que vai encaminha até a mesa, enfim, pode ser o gargalo, né da situação. Então, a gente optou, achou que as pessoas iam acabar sentando juntos. Tinha mais opção de mesa. Então não era aquilo, que tava com o lugar contado. É, assim, a gente deu a opção também de, por exemplo, então se quisessem sentar quatro pessoas conhecidas. O outro grupo de quatro não precisava sentar na mesma mesa, ele poderia sentar numa outra. A gente conseguiu conciliar isso. Então no final das contas, assim sentar provavelmente grupos de amigos, pessoas conhecidas. Uma coisa legal também que eu senti, pelo grupo ser pequeno e serem só essas pessoas, mais próximas. Muitos dos meus amigos já conheciam os amigos dele, enfim, ou então amigos meus, de um grupo também já conheciam amigos de outro grupo. Então, é, acho que assim, a festa tava muito familiar, assim, pra todos. Então, isso, assim não me preocupei, realmente, não foi um ponto que chamou atenção as pessoas deslocadas. P: Pelo contrário, foi um ponto positivo. É, foi muito legal, assim, foi bem legal, assim, e, você vê pelas fotos, assim, pessoas diferentes grupos unidas, foi bem legal P:Vamos falar de presentes. Vamô?! *Joana*: Presentes de casamento. (Risos) Então, presente foi uma:::, foi um negocio que a gente também não sabia muito bem, tá. Porque como a gente ia morar fora. A gente acabou, optando por fazer, por ter uma conta. Porque assim, na verdade, a lua-de-mel uma parte foi presente do pai do André. Tá. E, por motivos dele, que eu

acho bobo hoje em dia, mas ele não queria, ele queria deixar claro que foi o pai dele que tinha dado a lua-de-mel. Então, ele não queria fazer uma copa de lua-de-mel, tá. Então, ir numa agência, que pra mim é besteira, porque eu, o dinheiro que cairia na conta da agência, seria o mesmo que teria no banco, enfim, independente do pai dele pagar ou não a lua-de-mel. Então, mais aí, o que aconteceu, eu sou uma pessoa que acho muito complicado essa história de presente. Porque eu fui criada de uma maneira, que, assim, você não faz festa pra ganhar presente, você faz festa pra receber os seus amigos, tá. E, no meu casamento tinham pessoas que não tinham a menor condição de me dar um presente. Agora pra mim, o que que é um presente de casamento. Presente assim, por exemplo, eu casei, então aquela minha amiga que pode me dar um presente, ela não tá me dando um presente, ela tá me dando uma ajuda de começo de vida. Porque quando ela casar, o que eu vou fazer é simplesmente devolver. Também vou ajudá-la no começo de vida. Então, pra mim, presente de casamento é esse, tá. Só, que o que que aconteceu, é, eu acabei assim, a gente acabou perdendo um pouco, até pelo tempo. A gente acabou abrindo uma conta. E a minha assessora, na hora da confirmação, orientava os convidados, que se eles quisessem dar um presente, que eles poderiam fazer o depósito nessa conta. Mas como essa conta era nossa, e, a gente ficou meio perdido, não pediu por exemplo o doc, que numa agência de viagem, a gente faria. E, porque é obrigado, é o sistema de uma agência de viagem. E minha amiga era assessora, mas há pouco tempo de experiência, enfim. E, o que que acabou acontecendo é que muita gente não deu presente. E, o que a gente foi descobrir depois, é que muita gente que poderia ter dado o presente, não deu o presente, tá. Porque eu acho que isso, assim. Acho que as pessoas pensaram, bom ninguém tá vendo mesmo. Então, não vou dá. Honestamente, assim, foi isso que eu pensei. Quando a gente voltou dos Estados Unidos. Algumas dessas pessoas falaram pra gente: “-ah, nossa eu não te dei presente.” Então, não sei, pra mim, é aquilo que eu falei, se você não tem condição, não dê. Porque o que vale é a sua presença, mas eu acho que assim, especialmente num casamento, é simplesmente uma ajuda, entendeu?! Então, eu fiquei muita chateada com isso, assim. Porque eu acho que assim, se fosse uma lista de presentes com certeza a maioria das pessoas teria dado, entendeu? E::: não foi. Não foi. Então, por esse lado, e aí, a gente começou, assim, depois pelo número limitado de pessoas. Enfim, a gente começou a ver quem não tinha dado. Então, por exemplo, as minhas amigas que não podiam me dar um presente, elas falaram pra mim, que ela não deram presente. E falaram que depois iam dar, e acabaram não dando mesmo, enfim, quando tinham mais condição. Enfim, a questão do presente, assim, foi uma decepção. Porque eu senti muito assim, nossa eu vou na festa, ninguém tá vendo mesmo.

Então não precisa. É diferente de quero dar, quero ajudar, quero fazer parte, entendeu? Isso, eu, eu fiquei muito magoada. É isso.

Entrevista 5

Identificação	
Nome	Caio
Idade atual	30
Idade ao casar	25
Local de nascimento	São Paulo
Cidade onde reside atualmente	Guarulhos
Profissão, nível de escolaridade	Engenheiro – Superior completo
Estado civil atual	Casado
Número de casamentos	1

P: *Caio*. Então começa falando um panorama da época, do porque foi decidido casar, né. E ficaram noivos. Como é que foi o envolvimento das pessoas também. *Caio*: Bom a *Kátia*, quando eu conheci a *Kátia*, eu já, alguma coisa me disse que ela era a mulher da minha vida. Aí eu sempre fui claro pra ela que eu tinha a intenção de casar. E, depois de um tempo, conforme a gente foi namorando. Até que uma vez eu cheguei e perguntei pra ela, se ela tinha intenção. Aí não podia ter a intenção e ela não, né. (Risos). Pra saber se ela tinha concordado. Ai vi que ela tinha intenção e ela falou que sim, que a gente podia avançar a esse ponto, e aí a gente tinha combinado na época. Quando eu terminar minha faculdade e você a sua também, a gente começa a procurar uma casa, porque a gente só vai casar quando tiver uma casa. E, ela concordou, ela gostou disso. Daí conseqüentemente o seu pai chegou pra mim e perguntou se, quais eram as intenções com a filha dele, né. Mas como eu já tinha conversado, foi tranquilo. Ele só ficou preocupado se eu ia ficar de alguma DP, né?! Porque se ficasse de DP ia demorar mais né, mas não demorou. Foi facil , (risos) Daí depois do casamento deu tudo certo, eu fiz questão de pedir a mão da *Kátia* pro seu pai . Porque eu tenho uma coisa meio do passado eu acho que é legal. Eu gostaria que com uma filha minha fosse desse jeito, pra sabe, pra pedir a mão dela saber o que ele acha também porque é importante também né, Ter o apoio dos pais ou não né. Apesar de eu saber que eu já teria daí eu pedi a mão dela em casamento tudo, ele aceito. A *Kátia* estava com muita vergonha no dia eu lembro até hoje. Mas eu falei que eu ia

pedir, daí depois disso, a gente começou a só pensar no casamento mesmo, só depois do ultimo ano da Faculdade mesmo. Daí foi quando a gente começou a pensar em qual lugar a gente ia nos casar, eu quero de tal jeito o casamento. A *Kátia* sempre quis ter o casamento de uma maneira católica. Apesar de ela não ser. Eu não sou católico, de imagens eu não gosto de imagens na igreja nem nada. Mas eu acho assim, o gosto da noiva é muito importante no casamento, o gosto da noiva. E tem que ser do jeito que ela quer, porque é um momento especial pros dois. Mas pra noiva parece que é um pouco mais, mais é especial pros dois. Então, eu procurei saber tudo que *Kátia* queria, mas não pra fazer igual, porque igual não saí, igual é fantasia sair. A gente nunca pode pensar que vai sair igual. Mas a gente tenta fazer próximo, naquilo que dá. Daí eu fiquei sabendo como que ela queria a festa. Se a festa tivesse apetrechos, por exemplo, na festa. Como que ela queria as fotos no telão? Com que carro ela sonhava chegar na igreja? O carro foi legal, porque ela falou uma vez só comigo: ai eu queria uma limousine! Só que a *limousine* é um dos carros mais caros, assim né. E eu tava acabando a faculdade, juntando dinheiro pra pagar o casamento. Mas daí a gente pensa: - ah é uma vez só né?! Acho que vale a pena. Daí eu fiz questão, e, eu falei: - vai lá e busca meu sogro também pra levar junto e busca ela também, né?! O carro foi surpresa, ela nunca soube do carro. Daí ela levou, ela ficou super feliz com o carro, mas daí, voltando a isso daí, eu queria, eu quis saber tudo que ela queria na festa. O máximo que dava pra fazer. E o vestido ela foi ver com a mãe dela né, com a minha sogra. E, eu, só fiquei sabendo lógico, não soube nada do vestido, enquanto ela procurava o vestido, nadinha. Ela só ficava me provocando: - ah, é lindo, é lindo, num sei o que. Daí tá bom! Nesse tempo logo quando a gente casou, a gente começou a procurar um apartamento pra morar. Daí a *Kátia* já trabalhava em Guarulhos, ela trabalhava como recreacionista. E eu sempre trabalhei na firma do meu pai, com programação na parte de informática. E ela tava trabalhando como retracionista, e era próximo de Guarulhos, aqui. Então ela vivia mais aqui, do que em São Paulo. Então, a gente falou: vamos conciliar as coisas, vamos procura um apartamento que seja um meio caminho pra cada um. Daí, eu ate cheguei a optar pra ela, pra ela morar mais próximo a casa dos pais dela. Cheguei ao que seria o meio termo, só que ela mesmo propôs: - não vamos mora em Guarulhos, que vai ser mais fácil pra nós dois. Então a gente começou a procurar em Guarulhos. Achamos em Guarulhos, tá hoje você tá aqui na minha casa. E, isso foi bom, porque ficou próximo pra nós dois, também né?! Daí, fizemos todo o tramite da casa. Começamos a vê móveis, também. Isto antes de casar, né. Porque já tinha a metragem tudo. Então, a gente já conversava: - ah, vai ser mais ou menos assim, vai ser mais ou menos assado. Porque depois que casa. É, o sonho é o

seguinte você casa e já ter onde morar. Casa e já vai direto pra casa. Então, daí, o que que a gente vai pedir na lista de casamento. Ah, vamos pedir. Eu falei: - eu sou da seguinte opinião, não vamos pedir coisas exorbitantes. Porque, às vezes, eu acho que é constrangedor fazer uma lista assim. Eu, eu nunca gostei. Daí, tudo bem, ficou por essas. As coisas mais caras, a gente não ia colocar, ia ficar por nossa conta.

P: Porque é constrangedor? *Caio:* Eu não sei, eu acho que é porque eu não gosto. Porque eu prefiro, é parece que dá um gosto a mais, algumas coisas você conquistar, entendeu. Só que mesmo assim, não deu certo. Né?! Mesmo fazendo isso, eu não coloquei na lista, não coloquei nada, né. Mas tem pessoas, se acham na obrigação de dar isso, entendeu? E você, não vai negar. Apesar de a gente ter tudo preparado pra fazer isso, tem pessoa que vai acabar dando pra você. Que foi o que aconteceu. A cozinha que eu estava vendo, meu pai resolveu dar pra mim. Daí, eu ganhei geladeira, ganhei tudo coisa que eu não. Que eu ia comprar. Eu! E aí eu acabei ganhando. Não coloquei na lista, mas ganhei, entendeu. É. (Risos) E recusar, então, fora. É, então recusar, não. Eu acho que recusar é pior, ainda. Porque é uma desfeita. Porque se a pessoa quer dar é porque ela pode, então quer realmente. Então, você nunca deve desfazer de alguma coisa que derem pra você, eu penso assim, né, pelo menos. Então foi isso daí. A lista do nosso casamento se envolveu basicamente pequenas coisas pra lembrar, pra ser mais ou menos lembranças, entendeu? Lembranças e o que quisessem dar entendeu. O que não quisesse dar também, não precisava, entendeu. A gente não exigiu nada assim sabe, não tem essa, né. As pessoas que a gente convida mesmo. São as pessoas que fazem, é parte da vida, né. Então a gente não quer que elas vão lá pra te dar um presente, quer que ela vá lá pra compartilhar o momento de alegria que você tá vivendo. E isso foi uma das coisas dos convidados. Os convidados a gente escolheu, é, mais assim, eu deixei. Primeiro a gente estipulou quantos serão os convidados. É:::, duzentos. Ok. Você vai ter quantos? Eu vou ter quantos? Hum, hum. Inicialmente se pensou em meio a meio. Só que é, principalmente pro pai da noiva, é, ele tem um envolvimento maior em, em mostrar mais pros amigos, assim, que ele tá casando uma filha. Entendeu? Eu sempre vi isso, e eu acho correto. Eu super correto. Então, eu optei mais dá uma cautelada nos meus convidados. Ou seja, convidados, só próximos. Eu não vou convidar um parente que eu não vejo há dez anos, entendeu?! Porque é assim, eu prefiro convidar um amigo que acabei de sair da faculdade mesmo que eu fale pouco, do que convidar um parente que eu não vejo há dez anos. Aquele amigo fez muito mais parte da minha vida, do que esse parente. Então, eu filtrei assim. E todos os outros convidados foram pessoas próximas. Tiveram convidados, que foram, vamos

dizer assim, do trabalho. Do trabalho, não tem jeito, você tem que tentá pra não ficar mal. Você convida um pouco de cada setor, vamos dizer assim. Ah, do financeiro vou convidar alguém, entendeu. Sempre assim, entendeu? Convidei todas as pessoas mais próximas e do trabalho também, as pessoas mais próximas. A *Kátia*, ela optou por convidar, não convidar as amigas da faculdade dela. Deve ter os motivos dela, não sei, mas as amigas da *Kátia*, ela convidou, realmente, não era nem as mais próximas, eram as “ultra próximas”, sabe. Que ela via mais, assim. Então, ela optou por isso. E o resto foram mesmo familiares, é e amigos do sogro e da sogra, né. Eu achei legal, porque no final das contas, ficou todo um ambiente muito próximo, porque as pessoas todas tinham um laço, mesmo que pequeno, mas um o outro, assim. Quando acabava aquele laço, começava outro, da outra família, entendeu? Então ficou interessante, até a disposição quando sentam. É engraçado isso, porque as pessoas se sentam, elas têm essa tendência de juntar em bando, né.

O bando dela, né?! É. (Risos). Então, o grupinho delas se juntam, e, é uma coisa normal, né. Você tende a ficar, com as pessoas que você sabe que vai fluir alguma conversa, né?! Se não você não fica. Claro que deve ter alguém, que deve ter ficado numa mesa com pessoas que não conhecia, mas com certeza elas depois, levantou na festa e foi com alguma pessoa que ela conhecia. E, o casamento na Igreja. Também foi muito emocionante, uma porque eu sou muito emotivo e outra que eu tava realizando um sonho meu, e outra que eu tava realizando um grande sonho da minha esposa. Que ela queria muito casar na Igreja, de branco, entrar com o pai dela, ela tinha o sonho dela de entrar na Igreja de ver as pessoas que estavam envolvidas naquilo. Ver ela entrando, chorando, feliz, radiante. E eu até achava: - pó meu sogro vai chorar pra caramba, né. E, eu na verdade antes de entrar eu já tava chorando e chorando muito, mas era porque eu tava muito emocionado. Em ver que eu tinha conseguido realizar aquilo, mesmo que claro, porque o meu pai e meu sogro, lógico que eles me deram uma baita de uma mão. Então, diretamente eu participei com varias coisas também. E, depois você vendo aquilo da entrada, assim. Você vendo que está tudo acontecendo. Pó, que está acontecendo mesmo é verdade, mas é por isso que dá a emoção. Por aquilo que você está conseguindo proporcionar, entendeu? Daí foi uma emoção muito grande eu entrando com minha mãe, sabe. É, porque até então minha mãe. Meu irmão era casado. Minha mãe nunca tinha casado nenhum filho na Igreja, porque meu irmão não casou na Igreja. Então era a primeira vez dela também, pra fazer isso. Então ela também tava emocionada e tava feliz por isso. Era, era praticamente o primeiro filho, né. É, a minha irmã casou, casou na Igreja, mas casou depois de mim. E, então foi muito emocionante por causa disso. Daí na Igreja, deu tudo

certo, meu sogro não chorou, só eu chorei. E aconteceu até um negocio engraçado, que lá em cima, eu tava chorando muito, e meu pai ele deu uma chamada. Ele brigou comigo, assim, pra eu parar um pouco, também né, senão. Ele brigou comigo assim, daí depois eu comecei a dar uma acalmada também. Mas é importante também, é aquela base que cê tem, é um apoio, né. É bom isso. Daí depois foi tudo certo, tudo bem que o Padre era meio, meio louco, né. Ele trocou meu nome duas vezes, ele se esqueceu de falar pra beijar a noiva, é:: era meio doido o Padre, mas foi tudo ótimo. Eu achei que foi muito bom.

P: O Coral? *Caio:* O Coral foi espetacular. Aí até, o coral eu fiz questão de escolher. Eu ia atrás, a gente foi ver tantos corais cantarem, tocarem. E eles erravam tantas coisas bobas. Entendeu? Na Igreja, perder o ritmo é terrível. Então, a gente escolheu a dedo realmente. E quando a gente viu aquele coral, eu e a Kátia, a gente se emocionou vendo a apresentação deles pra um monte de noivos. Um monte. Daí a gente falou é esse. Porque foi o que emocionou a gente. Porque esse emocionou a gente. Aí se der errado no dia, não importa. Hoje eles emocionaram a gente. Então, a gente espera que eles façam isso no nosso casamento. E foi o que eles fizeram. Antes de entrar eles fizeram toda uma preparação. Eles colocaram a quantidade de músico ideal pra tocar no casamento. Foi muito legal o Coral, o Coral foi uma das coisas, até hoje, tem gente que fala daquele Coral pra mim. Até hoje! Não só do Coral, né. Daí o pessoal foi pra festa tal. E a gente tirou as fotos lá na Igreja ainda, tiramos numa praça próxima, na limousine. Foi bem gostos. A Kátia já tava super emocionada também, mas ela não chorava porque ela não podia borrar, é ela tremia muito, só que ela não podia chorar porque ia borrar a maquiagem, né?! (Risos). Ficou o tempo toda lá fazendo né, o dia inteiro. Aliás, quando eu fiz o meu cabelo, eu saí. Eu fiz no mesmo lugar que a Kátia fez o dia de noiva. Só, que na hora que eu saí, era a hora que a Kátia tava chegando. Eu nem cheguei a ver a Kátia. Daí depois a gente foi pra festa. A festa é, eu escolhi até a música da gente entrar no salão. Porque eu achava legal ter um momento marcante. Que tinha que chamar a atenção. E com uma música boa. Daí eu escolhi o Elvis, porque é impossível alguém não conhecer o Elvis, né?! Eu peguei, uma música, “*Suspiciousmind*”. Eu acho legal até a letra, também, né, de, que fala muito que caí numa armadilha, ãh, do amor, essas coisas, assim, que todo mundo vai cair um dia. Se você caiu e caiu errado. Isso aí você só vai saber depois, mas você vai cair. Entendeu. E, então daí eu escolhi isso, e, é uma música legal e todo mundo conhecia. E, foi marcante, bem a entrada, e, eu escolhi, escolhemos as bebidas, também, fomos escolher em uma pessoa específica, que sabia de bebidas. As bebidas. Na verdade, a gente pegou, na verdade, inclusive uma consultora de bebidas. E ela chegou lá.

Porque foi tão engraçado. E era uma madame. (Risos) Toda vez a gente lembra, porque é uma coisa que marca muito. Eu lembro que foi eu e meu pai escolher as bebidas. Ela mora, ela morava, ih, agora eu não lembro onde, mas era, era um bairro super luxuoso em São Paulo. Bom, daí chegou à hora, era uma madame, ela servia e explicava toda a trajetória da bebida, como a bebida tinha que ser servida, como a bebida iniciou. Ela sabia tudo de bebida. E era, nossa, era uma madame mesmo. Nossa impressionante. E o marido dela, era tipo, nada contra, mas ele parecia um motorista, de caminhão de interior, sabe assim? Ele falava palavrão. Sabe? Ele dava uns arrotinhos fora, assim, sabe? (Risos) Era engraçado. E, eu e meu pai, era totalmente o oposto. Ela morria de vergonha, e meu pai sempre gostou muito de brincar, meu pai daí começou a brincar com o cara. Daí ela já não sabia mais o que servir pra gente, direito. (Risos) Não sabia como explicar, bom, mas ela explicou tudo lá das bebidas. Daí a gente mostrou o que a gente ia servir pra comer. E basicamente a gente se preocupou em agradar um pouquinho de cada um, porque agradar todos não dá. É, tem que ter sacada, porque tem gente que ou tá de regime, ou não come carne, ou não come não sei o quê. Então tem que ter a salada, né, por via das dúvidas. A salada vai agradar alguém, né. Desagradar outros, mas agrada outros. Aí, a gente pensou vamos ter uma carne. Uma carne é legal ter. Ter uma massa. E se eu não me engano, teve outro tipo de carne, acho que teve um frango, não sei. Agora eu não lembro, mais a idéia era assim, era dar a maior maneira possível. Uma massa que todo mundo come. Que é uma massa sem carne. Uma carne. E salada. Basicamente isso. Teve mais coisa, mais eu não lembro, o que foi. É. Foi servido, ah, teve uma batata também. A batata que, nossa, aquela batata. A *Kátia*, ela falou, olha, você escolher qualquer outra comida, mas cê vai escolher a batata. Eu falei: tá bom. Inclusive a gente foi fazer a degustação, né. A degustação serviram de tudo, daí quando passou, ela ficava falando, eu quero aquela batata, eu quero aquela batata. (Risos) Eu falei calma a gente já comeu a batata. Ah, não, mas tem que servir de novo. Daí ela ficava, a batata, a batata. Daí na degustação eles serviram a cerveja também. Que ia servir lá foi aprovado tudo. Porque a cerveja tava incluso no buffet. E teve essa batata, a massa, a carne, a salada, deve ter alguma outra coisa que eu não tô lembrando agora. Foi um buffet que foi contratado pra fazer. Era fora, porque o local, a gente alugou o salão, o local não tinha o buffet. O Buffet era o Moreno's daí, eles têm um esquema de degustação, que você vai lá eles servem vários pratos, tem uma quantidade de pratos pra escolher, no pacote que você fecha. Inclusive, os aperitivos, antes, né. E os canapés, essas coisas. Eles perguntam ainda se você quer servir uma coxinha, um pão de queijo, a *Kátia*, não quis. Ela falou: - não, não quero, isso eu nunca gostei em casamento. É

croquete, ela não quer. Não faz parte do casamento. Isso daí faz parte de festa de aniversário. Então vamos fazer o gosto. A idéia era sempre fazer o gosto principal da Kátia. E, daí, ah, só serviram canapés, né. Aquelas batidinhas também. Isso tudo foi degustado no próprio buffet. Eles próprios dão a opção da degustação, pouca quantidade, pra você poder comer um pouco de tudo e infelizmente só serviram a batata uma vez, né. Só pode comer uma vez a batata, mas daí você depois escolhia a quantidade, de uma quantidade pré-determinada que você que escolher dos alimentos.

P: O doce era deles também? *Caio:* O doce::::, o doce, acho que sim, acho que sim. Não tenho certeza, porque o que depois eu tive que ver era ajudar a sua mãe na escolha do bem-casado. Que era o que sua mãe queria servir no, no final da festa. Isso aí, foi até uma coisa que sua mãe tinha falado: - ah eu queria o bem-casado.eu falei: - ah, tudo bem. É, influência da sogra. A sogra falou tanto do bem-casado, então tá. Ela fala que o bem-casado é tradição, ela me explicou na época, ela falou: - é tradição, não sei o que, tem que ter no casamento. Então tá bom. Nem sei se ela falou isso pro seu casamento, mas no meu ela falou. (Risos) Bom daí ela foi pegou alguns bem-casados. Eu lembro que eu provei alguns também. Daí ela escolheu o bem-casado. Eu lembro que tinha no final. E os doces, os doces eram do buffet, sim. Era. Os doces tinha, não era brigadeiro. Era mais doce envolvendo chocolate, envolvendo coco, eram doces chiques, não eram doces quaisquer, assim, que você encontra em qualquer festa. Tinha, tinha uma mesa de doces, junto com o café. O café era servido junto com o licor na saída da festa, da, do salão. O bolo teve, o bolo era do Buffet, do Buffet, que eles fizeram só um corte, é, temático, né. Na verdade, quando eu pergunto pra *Kátia*, até hoje, ela fala não é aquele bolo. Então me fala a verdade, ela não quer me falar a verdade, mas pelo que eu vi, só tinha uma parte de cima que era bolo e o resto era madeira. Enfeitada. Porque é só o corte temático. Né?! Daí fez o corte temático na festa. E:::: na entrada, depois, na entrada, a gente fez um brinde com os padrinhos, que era pra ser um brinde especial, que a gente achou que os padrinhos mereciam um brinde especial. Não só por ser padrinhos, todos na verdade mereciam, mas quem foi escolhido padrinho, são as pessoas realmente que eram importantes, mais assim. Inicialmente seriam quatro assim, quatro de cada lado. Só que daí do lado da Kátia teria que ter mais um casal. Daí eu completei do meu lado, com mais um casal, também importante pra mim, só que mais próximos. Isso. Cinco de cada lado com os pais. Daí depois que a gente fez esse brinde, que foi com a bebida que a madame lá, ela escolheu só pro brinde com os padrinhos, ela que até propôs isso pra gente na verdade. Fazer um brinde só com os padrinhos, que seria diferenciados. Nos padrinhos, eu tenho até inclusive na geladeira,

o champagne, totalmente diferente. É diferenciado, bom pra caramba. E, lógico, na festa também teve o espumante, o frisante, só que era de outra marca. Ah bebida que ela aconselhou pra gente, foi como tinha carne, ter um vinho tinto. Ela aconselhou um “*Concha Y Toro*”. Muito bom o vinho, por sinal. E, teve também whisky, o whisky foi o *red label*, que é importante ter. Refrigerante e teve o frisante que eu não lembro agora o nome, e teve mais esse outro frisante e os licores da saída. Os licores ela aconselhou alguns lá. Inclusive, o marido dela quebrou um licor, que era o Frangélico, que ele tinha pego. Como ela não tinha mais o Frangélico, ela teve mostrar outro, depois ela me ligou, pedindo desculpa, que ela, se viu o meu marido, se viu como ele é, ele é meio estabonado, não sei o que. Não tudo bem, morrendo de vergonha.

P: E a decoração do salão? *Caio*: A decoração do salão. O salão era um salão do clube, perto daonde a *Kátia* mora com os pais. Ele foi escolhido, uma pela proximidade da casa, e, outra porque, é, cabia bastante gente e o lugar era agradável e fácil de chegar. A gente pensou no salão que fosse próximo da Igreja que a gente ia casar. Porque te gente que se perde, e, é a gente vê né?! Pior trecho é quando a gente sai da Igreja e se perde pra chegar no salão. É terrível, você tem que ficar: - ah, você sabe chegar? E tem gente que sabe, e, se perde. É, vai seguindo. É horrível, a gente falou, vamos pegar um próximo, aí a gente faz um mapinha básico. Aí a pessoa vai. E, não teve erro mesmo, era super próximo da Igreja da Cruz Torta, né. *P*: E todo mundo chegou bem? *Caio*: Chegou bem. Daí a decoração, quem escolheu foi a *Kátia*, ela e a mãe dela. Porque ela queria de um jeito, e a mãe dela também queria. Então as duas entraram num acordo e escolheram. E quem fez a decoração do salão, foi a mesma pessoa que fez decoração da Igreja. Na Igreja, teria que se dividido, normalmente, como é mais de uma pessoa casando, cê dividi, aí geralmente tem uma reunião com os noivos, pra saber e pra agradecer todo mundo, né. Deve ser um saco também, mas ela deu uma sorte porque eram duas inicialmente, só que a outra mudou a data, então, sorte entre aspas, né?! (Risos) Porque teve que arcar com toda a decoração, mas teve sorte, porque ela escolheu exatamente como ela queria. Fica mais caro, porque na Igreja, o que é feito é o seguinte, as noivas entram num acordo, é uma decoração só pra todas as noivas. Então, é rachado com todas as noivas, na Igreja, né?! Sempre foi feito assim. Daí nesse caso, como não tinha nenhuma noiva, a decoração fica pra Igreja, né, depois. Pra Igreja usar na missa de domingo. Pode ver, todo domingo quando você na missa tem tá bem decorada a Igreja.

P: Que coisa, né?! *Caio*: (Risos) Porque será, né?! Porque você acha que casamento, eles preferem que seja no sábado, por causa disso. Ai que maldade! (Risos) Mas tudo bem.

É:: *P*: E como assim? Como é que se deu a festa, era banda, era DJ? As pessoas dançaram? Não dançaram, se agruparam? Como que tava o clima? *Caio*: A minha preocupação, na festa, era se as pessoas iam dançar ou não. Porque, lá no salão, a gente escolheu um salão, que tinha lugar e tinha uma baita de uma pista. Daí eu preferi pegar um DJ, porque seria mais eclético, pra tocar de tudo e cabou. E, daí a mesma pessoa que fazia o DJ, ela fez o telão pra gente, tirou as fotos e filmagem também, que foi eu que escolhi. E, daí, eu só comprei os apetrechos que ela falou que gostaria que tivesse. *P*: Tipo? *Caio*: Ah, aquelas coisas básicas, né. Chapeuzino de cangacero, aquele óculos anos 60, coisas luminosas, néon, essas coisas assim. *P*: (Risos) Pra animar, né?! *Caio*: Isso pra animar. Tem gente que fala que o pior que tem é aquele frufu, aquele negocio que mancha a roupa, né. É marabu, que mancha a roupa, e que ninguém quer usar, mas a gente comprou e todo mundo pegou. Daí eu tava com a preocupação, se todo mundo ia dançar ou não. Aí eu falei o seguinte, quando chegar mais ou menos o horário de abrir a pista, vamô eu e você, a gente dança, porque isso instiga os convidados a irem dançar. Daí eu falei, eles não vão querer deixar só o noivo e a noiva dançando, entendeu!?! Vão querer se agrupar. Não deu outra. Eu falei ó, começa com forró, eu escolhi a seqüência, não, aí ele falou qual? Aí eu falei ó que você vai escolher você escolhe, mas começa com forró, que dá uma animada. Na época, inclusive o forró tava em alta. Por isso que eu escolhi o forró, hoje eu não sei. Eu, eu não gostaria de começar com funk. É, então é melhor arrumar uma coisa mais animada, né. Bom, daí foi eu e a *Kátia* lá, aí eu coloquei o chapeuzinho de cangacero, né?! A *Ká* colocou uma outra coisa que tinha lá que eu não lembro agora, daí a gente começou a dançar. Daí a minha cunhada depois falou, né, a mulher do meu irmão, falou que nós, na hora que ele me viu, eu e a *Kátia*, lá, ele falou: - vamô lá dançá! E isso eu achei até legal, né. Daí ela falou: - ué, você nunca dançou? Daí ele falou assim: - mas ele tá lá na pista sozinho, vai ficar lá sozinho dançando, não vô dançá junto com meu irmão. É, foi legal da parte dele. Daí ele foi também dançar, de repente começou vir gente, todos os bandos, né. Daí a pista lotou, na hora que lotou eu e a *Kátia* ficou cinco, dez minutos na pista, a gente já vazou pra fazer o resto do tramite que tem que fazer, né. Bom, agora que tá todo mundo dançando. (Risos) Porque primeiro o pessoal tá acomodado, depois o pessoal tá se divertindo, e bebendo lógico. Quando a gente viu que tava tudo isso, a gente falou vamos pro próximo passo, né. Entendeu. Daí a gente começou a dançar, começou a juntar gente, meu irmão vindo, e outro vindo, vem outro grupinho vindo, aí vai vindo, começa a encher devagarzinho, daí o DJ começa a animar, começa a distribuir as coisinhas, de repente tá bombando a pista, daí bom é missão cumprida, da dança, entendeu. (Risos)

P: (Risos) Então vocês tinham, sentiam essa obrigação de. *Caio:* De abrir a pista, de fazer com que os convidados. Se sintam a vontade, pra ir também dança. Porque tem muito casamento que você vai, você pode reparar, que a pessoa, tem pessoa que quer dançar, mas ela tá com vergonha na pista. Porque, porque não tem ninguém na pista. Entendeu? Tem todo o tramite, que tem que esperar a noiva chegar, tem que ser educado também, mas a partir do momento que o noivo tá lá e a música já começou, você pode ver que as vezes fica grupinho só dançando. Eu acho que cabe aos noivos, chegar e mostrar – ó fica a vontade e vamos dançar. Entendeu? Daí foi isso que a gente fez, e aí todo mundo começou a dançar super cedo, até, no nosso casamento. E foi tudo bem. *P:* Vocês conseguiram, é cumprimentar todos os convidados? Tiveram essa preocupação? Ficaram um pouco com eles? Como é que se deu isso? *Caio:* Exatamente. Depois que a gente abriu a pista, a gente ia pro próximo passo, a gente teve uma pessoa que auxiliava a gente também, em tudo que ia acontecer.

P: Que era, quem que era essa pessoa? *Caio:* Era uma pessoa, que a gente contratou que era do Coral. Entendeu. E ela ajudava a gente. Tinham duas, uma era do Coral que foi na Igreja. A que ajudou no salão, foi do buffet.

Caio: Um cerimonialista, exatamente. E, a, é comum ter cerimonialista, né. E ela anima né. Inclusive quando eu fui fazer a foto/filmagem ele propôs, se eu quisesse um cara pra animar a festa. Falei pó, deixa isso daí que a gente faz. Porque existi essa função, o cara que trabalha com isso e que fica lá animando a festa. Eu nunca vi, mas ele falou que tem. Bom, a gente contratou a cerimonialista. Bom, daí a cerimonialista, ela falava tudo que a gente tinha que fazer, sempre lembrando, né. Olha, vocês tem que correr um pouco, que senão não dá tempo de fazer tudo que tem que fazer. Parece que dá, mas não dá. Você tem que cumprimentar todos os convidados. *P:* Ela falou isso? *Caio:* Falou isso. *P:* E vocês sentiam essa obrigação? *Caio:* Aí sentia, porque eu acho que tem que cumprimentar mesmo, né. O cumprimento dos convidados foi antes da abertura da dança. : Foi antes, porque assim não adianta nada, você abrir a pista e vou cumprimentar como eles, né?! Na pista, né. Então primeiro, foi a seqüência, a gente foi brindou, ai depois a gente começou a cumprimentar todos os convidados. Enquanto estava servindo aquele coquetelzinho, canapézinho, aí a gente conseguiu ir cumprimentando todo mundo. A gente infelizmente não podia ficar, muito tempo em cada um. Eles até fizeram uma conta, se você ficar tanto tempo com tal pessoa, no final das contas, se você ficar com todo mundo, vai dar quase uma hora. Não pode, ela falou: - ó você tem que ter um tempo, é corrido, tem pessoa que você vai ficar um pouco mais, tudo bem, mas você tem que correr. Porque senão não consegue cumprimentar todo mundo. Então

a gente cumprimentou todo mundo, não deixando de cumprimentar ninguém. *P*: E qual foi o tempo Récord? (Risos) *Caio*: Olha demorou mais ou menos uma meia hora. Um pouquinho, até mais, assim, porque eram. Deve ter sido mais. A gente cumprimentou todo mundo, daí depois disso na hora que a gente terminou de cumprimentar, vamos abrir a pista. Logo em seguida. Abriu a pista, todo mundo dançando Daí a foi quando ela falou: - agora é a hora de vocês comerem. Que também depois de um tempinho abriu pra comer também. Infelizmente eu não lembro a seqüência, porque não hora a gente fica tão, né. Daí, eu lembro que a gente não quis que ela pegasse pra gente. A gente quis ficar na fila, com os nossos amigos que estavam na fila. Daí a gente ficou na fila, porque a gente não tava com tempo pra ficar com ninguém. Daí a gente falou: - *Ká* vamos ficar lá na fila, que tem amigo da gente lá. Vamos ficar lá, que pelo menos a gente vai conseguir conversar bastante. Porque até a gente conversar, a gente não sabe se vai ter tempo ainda? E acabamos conversando bastante, tal, chegou outros amigos, conversaram com a gente. Então a gente preferiu ficar na fila. Nisso a cerimonialista ficou louca da vida, a gente, falou meu. Porque vocês me contrataram, eu tenho que pegar a comida pra vocês, tudo que vocês quiserem. Aí a gente falou: - não, não tem problema, não se preocupa com isso. Daí a gente ficou na fila. A gente comeu um pouquinho. Todo mundo comeu, todo mundo tava comendo. Daí, daí a dança também estava rolando solta, e, daí depois eles resolveram fazer a gravata, né. A gravata tem aquele negócio, tem gente que não gosta, tem gente que gosta. Eu não peço pra fazer. Parte de quem tá junto de querer fazer. Entendeu? Eu acho que é uma coisa divertida. Eu sinceramente acho divertido, porque eu quando eu vou em casamento eu sempre brinco com o noivo, na hora da gravata. Porque assim, se a pessoa dá dois reais, você vai estar brincando com ela do mesmo jeito, entendeu? Se ela dá um passe, é mais divertido ainda. (Risos) Entendeu? É, então não tem essa do dinheiro. Tem gente que pensa que é o dinheiro, entendeu. Ah, não, o cara tá louco por causa do dinheiro, vou dar dinheiro pra esse cara. Não, não é, na verdade pro noivo, o importante é tipo a brincadeira. O cara, eu quero comprar só cueca, sabe?! Não, não é isso que vale. (Risos)

E 3: Pelo menos pra mim, todos os meus amigos falaram, é o que vale, é a brincadeira. Porque é uma coisa clássica, aqui, né. No Brasil pelo menos fazem, eu não lembro de um casamento que eu não fui, quer dizer, já fui em alguns que não tinham gravata, mas eram casamentos que eu percebi que também teve pouca animação, entendeu?! Eu não sei se tá envolvido com o grau alcoólico, ou alguma coisa. Ou com as pessoas estarem receptivas, mas eu já fui em casamentos, eu sempre reparei isso, quando não passa a gravata normalmente é

um casamento que as pessoas são mais recatadas, querem ser mais chiques, querem se preservar mais, sabe. Ai é gosto, né. Eu gosto de sei lá, tô no casamento de uma pessoa que eu gosto muito, vou me divertir e eu quero que aquela festa também, se eu me diverti muito, eu vou contribuir pra que aquela festa seja legal, também. Que é o que as pessoas fazem. Daí rolou a gravata, foi tudo legal. Depois da gravata, tava quase, não daí rolou a festa, foi quando a gente conseguiu ficar na pista, né. E se diverti pra caramba. Teve uma hora que eu caí. Daí eu escorreguei, e quando eu escorreguei, pensaram que era pra fazer montinho. Daí, o primo da Kátia pulou em cima de mim, né. Daí todo mundo começou a pular em cima de mim, também. (Risos) E eu não tava mais conseguindo respirar. São coisas que acontecem na festa e depois a gente fica lembrando, mas aí no final das contas foi tudo divertido, daí a festa tava rolando bem e a Kátia tava gostando. Você perguntava pra ela, Kátia você tá gostando: - não tô amando, foi a festa dos meus sonhos. Ela não viu um defeito na festa, um defeito. Daí no final da festa, todo mundo tava indo embora e aí se despedia da gente. E eu queria ficar até o último convidado, a Kátia não queria, porque ela queria ir embora, né. Daí, eu lembro que ela me deixou na festa e foi embora com o carro, entendeu?! Daí eu tive que ir embora. Abandonado pela noiva. É, abandonado. Daí eu fui embora, só levando a garrafa de champagne pra noite de núpcias. Daí a hora que eu cheguei, estava o chofer da limousine. Daí, pó você já me abandonou, só eu que tô te pagando, hein. É pra você já acostumar como é o casamento, né. Teve noite de núpcias. Teve noite de núpcias. A noite de núpcias, a gente pegou num hotel próximo ao aeroporto. Pra facilitar a nossa viagem de lua de mel, que era pra Argentina.

P: Pra Argentina? E porque que vocês optaram por uma festa e não por uma viagem de lua de mel, assim extensa? *Caio:* Como assim? *P:* Porque que era mais importante ter uma festa, porque tem muitos casais, hoje em dia, né, preferem, ao invés de fazer uma festa grande, né. Casa só no civil e vai pra lua de mel, bem::::: longa, passa um mês fora, gasta o dinheiro que gastaria com a festa. Porque que pra vocês era mais importante a festa? *Caio:* Porque se não tem festa, não tem casamento. O casamento, eu acho que é exatamente isso. O casamento é, além de vocês tá realizando um sonho, do casal. Você realiza um sonho dos pais. Você realiza o sonho dos amigos. Você dá, você junta as pessoas que você mais gosta, e, comemora com aquelas pessoas. Não tem sentido, o casamento ser só os dois, casou. Claro, eu não condeno quem faz isso, porque cada um faz o que pode, ou o que pensa, mas na minha opinião é que o casamento é exatamente isso, mostrar pra todo mundo, dividir com todo mundo o momento alegre, entendeu?

Agora, é, e depois sim, você vai ter tantas oportunidades pra viajar só vocês dois, porque que você não pode se esforçar um pouco e fazer uma festa. Mesmo que seja uma festa, que não seja nada de regalia, nem nada, mas eu acho que tem que ter a festa. A festa é importantíssima, exatamente porque não tem cara de um casamento, o nome já fala festa de casamento, não tem como, tem que ter o casamento. *P*: Bebida, você e seu pai?

Caio: É, eu e meu pai. O meu pai ajudou na escolha da bebida. Convidados, teve que ter a participação de todos. É o sogro, tava muito envolvido no buffet, ele fazia questão de dar o buffet, né. A festa. Então, ele, na verdade, quem indicou o buffet pra gente foi o seu pai, o sogro, porque ele queria. E ele falou: - ó Moreno's é legal, então vai lá e escolhe no Moreno's. E aí tudo bem, ele fez assim, ele escolheu daonde ser, e aí a gente escolheu o que servir, entendeu?! A sua mãe tava muito envolvida, a sogra e a minha mãe também. A minha mãe também tava preocupada com que o eu ia vestir. Ela foi comigo escolher, o que eu fui vestir. É, ela escolheu também, o que ela ia vestir, é. Eu não fiz questão que padrinho fossem todos iguais, eu deixei meio livre, é, mais daí as madrinhas foram vestidos, porque elas conversaram por causa da cor, eu não sei. Basicamente quem estava mais envolvido, eu fiquei mais envolvido em tudo. Eu soube de tudo que aconteceu no casamento, passou por mim, é. Passou por mim, menos a decoração, e o vestido da noiva, lógico. O resto eu participei de tudo, de tudo mesmo. A *Kátia* também, a *Kátia* participou menos. O que ela queria, mais ou menos, ah, eu quero isso, a *Kátia* sempre foi fácil de agradar. Ah, eu quero isso, ah então se tiver, o que tiver de coisa, não importa pra ela. Se tem muito já tá bom. Entendeu? É, noiva prática. E::: quem tava muito preocupado, que eu vi que mais desesperada era, a mãe da *Kátia*, a sogra, ela tava mais desesperada. A minha mãe. *P*: Ela se envolveu completamente?

Caio: É, ela se envolveu completamente. O sogro eu não sei se ele se envolveu completamente, eu acho que ele se envolveu mais na parte do buffet, que ele escolheu o buffet, vai lá escolhe e acabou. Acho que foi isso, não sei, posso tá julgando, mas eu acho que foi isso. Agora, dá, dá minha família, meus pais sempre me perguntavam se tava tudo certo, como é que tava. Se faltava tudo, mas ele sabe que eu sou um cara que faz tudo com o cheque limpo, né. Então ele tava meio tranquilo, a minha mãe, é que tava meio preocupada, não tá certo. Ela ficou um pouco chateada, quando eu falei que ia cortar algumas pessoas, que ela tava chamando. Que são pessoas que não tinha sentido estar na festa, entendeu?! Não representavam nada pra mim, e eu tenho dúvida se até representavam pra ela mesmo, entendeu?!

P: Eram pessoas mais da família ou amigos? *Caio:* Família e amigos distantes. Porque minha mãe era do interior de Jandira, então ela queria convidar u monte de gente de lá. Que ela mesmo não vê, entendeu?! Daí eu também pensei, pó imagina o tramite de tudo isso, vai querer envolver ela, pra buscar no sei quê, depois eu pensei, não, não quero. Então eu falei eu tantos, eu vou chamar as pessoas mais importantes que são essas. Ela ficou um pouco chateada com isso. *P:* Mas você, deixou ela convidar alguns convidados dela? Seu pai, alguns dele? *Caio:* Convidou. Meu pai convidou também alguns dele, mas na verdade o meu pai fez mais questão assim, que eu convidasse. Ele falou assim: - olha, o casamento é seu, a gente tá participante também, mas você tem que convidar quem mais, os seus amigos. E depois, meu pai, ele ficou muito feliz, assim, que no final ele falou: - eu fiquei muito feliz de ver a quantidade de amigos que gostam de você. Ele ficou até emocionado, no final da festa falando isso pra mim, e eu fiquei muito feliz, porque você vê tanta gente que gosta de você. Ele ficou muito emocionado. E me emocionou de novo, é fato. É. E daí foi isso. A minha mãe ficou um pouco chateada no começo, mas depois ela ficou mais alegre também. Mais os envolvidos foram esses, você nunca consegue agradar todo mundo. Infelizmente, não tem como agradar todo mundo. O importante no final das contas é você vê você conseguiu agradar a maior parte. Quando você agrada a maior parte, e as pessoas mais próximas, a festa foi um sucesso.

Entrevista 6

Identificação	
Nome fictício	Lia
Idade atual	30
Idade ao casar	27
Local de nascimento	São Paulo
Cidade onde reside atualmente	São Paulo

Profissão, nível de escolaridade	Doutoranda
Estado civil atual	Casada
Número de casamentos	1

P: Bom *A Lia* vai contar então um pouquinho dos preparativos do casamento dela. Qual era a situação na época e todos os outros itens relacionados ao exemplo. *Lia:* Bom, na época que a gente decidiu casar, eu já morava com o Fernando há mais ou menos um ano. Mas a gente já namorava há uns seis anos. Acho que mais ou menos isso. Eu não sou muito bom com essas histórias de tempo, data. Ele que comanda tudo, ele que sabe todos os aniversários, todas as datas. Isso é com ele. A gente já namorava há muito tempo, desde do segundo ano de namoro ele já falava de casar, né. E eu sempre enrolando. Porque na minha família, meus pais não casaram. É, e, aí a gente, eu não cresci com isso com casamento.

P: Porque seus pais não casaram? *Lia:* Ai:: é uma história tão longa. É assim, meu pai é primo de segundo grau da minha mãe. E eles namoram escondido. Ai minha ficou grávida, e eles fugiram e nunca casaram. Aí só foram voltar pra cidade deles, quando eu já tinha mais ou menos uns dois anos, que aí foi quando os meus avós aceitaram tudo. Então, aí eles já estavam com a vida totalmente formada, não tinham casado e nunca casaram. Eu nunca cresci com isso. Então eu nunca tive muito a idéia de casar, tal. Só que o Fernando sempre quis casar. Ah, ele sempre quis casar. Bom, aí, a gente foi morar junto. A gente decidiu que ia morar junto. Aí a gente procurou uma casa, aí a gente achou um apartamento, mobiliamos, fomos morar junto. Aí a gente já tava há quase um ano morando junto, e cada dia o Fernando falava mais de casar, e casar. Porque ele queria casar na Igreja, que ele tinha prometido pra avó dele que ele ia casar na Igreja.

P: Ah, é? Foi uma promessa então? *Lia:* É, não sei se foi bem uma promessa, mas ele conversou com ela, que nenhum dos netos dela, dos três irmãos dele, tinham casado na Igreja, e que o sonho dela é que alguns dos netos, casassem na Igreja.

Então, ele falou não, vou casar. Aí, ela falou: - eu queria muito que você casasse naquela Igreja, que é perto da casa dela.

P: Qual foi a Igreja? *Lia:* Foi a São José. Lá do Jardim Europa que é perto da casa da avó dele. E, aí, depois que ela faleceu, ele falava: - não porque eu falei pra minha avó que eu ia cara lá e a gente ia casar lá. Não, tá bom, a gente casa lá. E aí depois que a gente foi morar junto, ele foi falando cada vez mais de casar e casar e casar. É, e eu enrolando. (Risos) Aí, um dia a gente tava assim meio sem fazer nada. Porque a gente veio morar junto, e eu tinha

terminado o mestrado, tava estudando pra fazer um concurso, tava procurando emprego, mas ainda tava meio sem saber se eu ia fazer doutorado, e aí comecei estudar pro doutorado. E a gente tava assim, numa época sem compromisso. Ele tava tranqüilo no trabalho. Aí, a gente sentou e pensou: - se a gente fosse cara, quem que a gente convidaria pro casamento. Aí, a gente começou assim fazendo uma lista de convidados. Quem que a gente convidaria, quem que seriam os amigos, quais seriam os padrinhos. E a gente começou assim, mais ou menos listando quem seria. Aí, deu uns dois três dias, a gente voltou a conversar de novo no assunto. Aí a gente começou a conversar todo dia no assunto, já que a gente já fez a lista, já tá conversando que gostaria de casar. Vamos casar? (Risos) Ah, vamos casar. Já que a gente já começou, então vamos casar. Aí a gente foi até a Igreja.

P: Então vocês fizeram a lista, voltaram depois de alguns dias a conversar sobre o assunto. E o Fernando te convenceu de que vocês deveriam fazer uma festa. *Lia:* É, que a gente deveria casar. Aí a gente foi ver a Igreja, lá. São José. É, aí a gente foi até lá. Não, eu acho que antes a gente conversou de que dia a gente casaria. Ai ficou decidido assim, como a gente começou a namorar dia vinte de novembro, a gente queria casar mais ou menos no dia vinte. Aí, a gente foi ver se tinha, qual o fim de semana próximo e tal. E aí a gente viu que tinha o final de semana do dia 16 de novembro, próximo ao feriado, num final de semana, né. Que dia quinze de novembro é feriado e aí ia dar no final de semana e que ia dar certo. Ai, a gente foi na Igreja ver se tinha vaga, se estava disponível. A princípio já estava lotado. É, porque a São José é bem lotada, bem concorrida. Então tinha.

P: Quanto tempo de antecedência vocês foram? *Lia:* A gente foi, quase um ano. Porque que eu me lembro, eu tinha acabado de passar na prova do doutorado, que eu fiz a prova em outubro, eu acho ou em novembro. Bem concorrido. E aí a gente foi, e ai a gente viu que não tinha pro sábado. Aí a gente conversou já que é um feriado, acho que dá pra gente casar na sexta, porque o feriado é na quinta, então a gente casa na sexta. E só tinha o primeiro horário. Aí, não eu falei eu até prefiro o primeiro horário porque aí eu posso chegar. Não vai ter outra noiva antes, e não tem perigo de atrasar a cerimônia, tal. Que eu também sou bem neurótica com essas coisas de horário. E aí a gente casou na sexta-feira. As seis horas da tarde. Ai, a gente marcou o casamento tudo certinho. Aí a gente foi na casa dos pais dele, pra contar, né. Aí a gente chega lá, e o *Fernando* falou, ah a gente tem uma novidade. Já chega assim, todo mundo já olha e fala tá grávida. Não. (Risos) Não ela não tá grávida. A gente vai casar. Como assim vocês vão casar? A gente decidiu casar, a gente já foi a Igreja e marcou o casamento. E aí foi, a gente foi ligando pra um, ligando pra outro. E foi ligando pra todo

mundo pra avisar. Sempre assim, ah a gente tem uma novidade, e sempre a primeira coisa é vocês vai ser pai, você tá grávida. (Risos), Não, a gente vai casar. Ai a gente foi contando pra todo mundo, aí a gente contou pro meu pai também, pras minhas irmãs. As minhas irmãs foram as mais felizes, assim. Porque eu sou a filha mais velha, né. Elas também não cresceram com essa idéia de casamento tal, e aí elas ficaram muito felizes, muito animadas. Meu irmão então adorou. Porque aí, logo a gente sentou pra conversar quem seriam os noivinhos, né.

P: Seu irmão foi o noivinho? *Lia:* Foi noivinho. Porque tem, o Fernando é irmão mais novo. E aí os irmãos dele já eram casados e já tinham filhos. Aí tinha a Vitória, que ela tem mais ou menos a mesma idade que meu irmãozinho, aí ela fez. É. Fez daminha com ele. E aí o Téo entrou junto também, entrou na frente. E aí a gente não sabia, a gente achou que o João, que era o pequenininho não ia querer entrar. Então a gente acabou não contando com ele. Porque na época ele tinha dois anos. Aí no dia do casamento ele queria muito entrar. (Risos) Como assim, eles vão entrar e eu não vou. Aí na hora eu falei, ai deixa ele entrar. Não tinha problema nenhum, mas a roupinha dele, começou a cair na hora e ele acabou na entrando, saiu desesperado.

P: E a festa? Vocês ficaram noivos ou não? *Não.* Foi direto. É a gente decidiu e foi. Aí a gente começou a planejar o casamento. Primeira coisa é a Igreja, né. Aí eu comecei a procurar o vestido, acho que foi ao mesmo tempo que a gente foi procurar o vestido a gente foi ver a festa do casamento. Qual seria o local. E aí, a mãe do Fernando falou, ah tem uma casa que eu sempre vejo casamento, eu passo na frente e acho lindo e tal. Aí a gente foi ver a casa, foi procurar o contato e aí a gente acabou visitando, nós gostamos da casa e aí a gente viu que estava disponível na data e aí a gente já fechou. Aí ela fica ali perto da Praça Panamericana. O nome da rua eu não lembro.

P: É uma casa? *Lia::* É, uma casa de uma família, acho que são três irmãos, e eles sempre alugam pra casamentos, eventos e tal. Mas é uma casa, uma casa enorme.

P: E eles também que ofereceram a comida o buffet, como é que foi? *Lia:* Com a casa, eles só tem um DJ próprio. Então com a casa, você tem que contratar o DJ deles, e o serviço de manobrista deles também. *P:* Você tem que contratar, não está incluso no preço? *Lia::* Não. É, porque é o DJ deles de confiança, e os manobristas que trabalham com eles, então são os únicos que tem acesso a casa. Porque eles já tem o contrato lá. E aí o buffet, a gente ficou sabendo que a gente podia fazer por conta. E os pais do Fernando também ficaram muito felizes, né, em saber que a gente ia casar. O pai dele fala que o sonho da mãe deles, era como

é que é. Vestir uma roupa como é que é. Uma roupa cor sobre tom, tom sobre tom. “*Ton sur ton*” (Risos): É, isso *Ton sur ton*” (Risos) É, isso ele sempre fala isso: - achei que a sua mãe nunca fosse vestir e agora ela vai ter a chance dela. Mas a mãe do Fernando, foi a que mais curtiu o casamento.

P: E, quem te ajudou, quem se envolveu mais dos parentes? Além de você e o Fernando? *Lia:* Ah, acho que além de nós dois, foi os pais dele. A mãe dele se envolveu muito, é, tanto que ela tem uma amiga de infância que faz casamento. Tanto que na época a gente falou ah a gente vai casar e não sabe do buffet. Aí a mãe dele falou: - ah tem a Sandra. Aí o Fernando e falou: ah é mesmo tem a Sandra, vou lá convidar ela. E aí a gente já chegou lá com a idéia, que a gente vai casar e queria muito que ela fizesse o casamento. Aí ela falou: não faço questão de fazer o casamento de vocês. *P:* O buffet era dela? *Lia:* O buffet era dela e ela fez a decoração também. É, flores, os bem-casados. *P:* Ela é organizadora, cerimonialista, ela é o que? *Lia:* Eu acho que ela é organizadora. Mas ela faz, se eu não me engano ela que cozinha também.

P: E como é que foi feita a escolha da comida, do cardápio? Qual que era o cardápio? Como que foi feita essa escolha? *Lia:* Ah, a gente escolheu assim, meio na confiança, sabe. Porque ela já fazia casamento, a mãe do *Fernando* já conhecia e falava que a comida dela era muito boa. Porque a essa altura eu já tinha começado o meu doutorado. Então eu não tinha muito tempo pra fazer prova de comida, prova. Já bastavam as provas do vestido de noiva, que. (Risos) Eu fiz, acho que três provas. Eu fiz o mínimo das provas, mas as moças falavam que tinham pessoas que faziam oito, dez provas. Que tinham noivas que engordavam horrores. Que tinha que refazer o vestido. Eu falava: meu Deus do céu. (Risos) Bom, engordar eu não vou engordar, porque eu não tenho nem tempo de comer, mas vamos ver. Aí eu fiz as três provas mínimas. E:::, voltando a comida, tal, aí a gente escolheu muito assim, a gente fez uma lista do que a gente queria, do que a gente achava é que a gente fazia questão que tivesse. Aí a gente foi conversando com ela, pra saber o que que ela fazia, o que que era bom, o que que ornava com casamento. A única coisa que a gente chegou a prova foram os docinhos. Que a gente foi lá um dia pra conversar, discutir o Buffet e a decoração. Aí ela falou: - ah a gente marca com antecedência a próxima reunião, aí eu faço os docinhos pra vocês provarem. Aí os docinhos a gente provou, mas a comida, assim, foi na confiança.

P: Mas o que que tinha? Você lembra? *Lia:* Ai::: eu lembro que tinha, muita salada. Porque meu irmão ficou famoso na festa, porque ele adora salada, né. Então todo mundo comenta: - ah, seu irmão é aquele que tinha um prato de salada. Eu falo: é. É ele mesmo.

Tinha salada, aí tinha um risoto. Eu lembro que tinha um risoto a milanês, e tinha nossa eu lembro que tinha filé mignon. É, acho que era medalhão, eu não lembro. Acho que era mini-medalhão, acho. Acho que era, eu não lembro mais. Porque você não tem tempo de comer, né. Você escolhe, não se bem que eu sentei pra comer, pra jantar. Porque os aperitivos, eu nem me lembro que a gente escolheu, porque eu não comi nenhum. Teve canapés. Eu lembro que a gente discutiu várias vezes. Porque o Fernando queria sushi. E eu achava que sushi não combinava com a entrada do casamento. Não teve sushi. Não teve, porque a gente chegou na conclusão, assim: quem gostava muito era a gente e os nossos amigos. E como a gente tinha muito convidado de idade, é mais velhos, esses não gostam. Então a gente achou melhor optar por algum canapé que servisse que saísse mais que um sushi que dá trabalho é caro e que ia acabar sobrando.

P: Por falar nisso, você comentou que os convidados eram mais velhos. E a lista de convidados foi aquela primeira, ou teve interferência dos pais? Quem eram os convidados de vocês? *Lia:* A gente fez uma lista dos nossos convidados. Quem que a gente gostaria de convidar, os nossos amigos. Quem seriam os padrinhos. Os amigos que a gente ia convidar, e que a gente gostaria muito que fosse e::: alguns familiares. Os familiares mais próximos, irmãos os tios. Primos, quem a gente tem mais contato.

P: Então essa foi a primeira lista, que foi vocês que fizeram? *Lia:* É, que a gente fez. Aí depois eu falei pro meu pai, pra minha mãe, pra minha tia, porque minha família não é daqui. A minha família, parte da minha família é do Mato Grosso do Sul e parte mora em Goiânia. E aí eu falei: vou ligar pro meu pai, pra minha tia, porque eu só tenho uma tia que mora aqui em São Paulo. Pra saber quem eles querem convidar, porque tem essa parte da família, tem gente que eu não tenho contato, mas que eles querem convidar, nem que seja só por obrigação. Que foi o que aconteceu no meu caso, porque eu tinha a lista de convites, que eu mandei pra tia avó, tio avô. Primo distante, assim, por formalidade dos meus pais, e da minha tia que é irmã do meu pai, que mora aqui. Que eles falaram: não tem que convidar, não sei quem, tem que convidar não sei quem. *P:* E as pessoas vieram? *Lia:* Não nem vieram. Moram muito longe, assim. *Lia:* Foi só, é por obrigação. Obrigatório mesmo. Tinha gente que eu nem conhecia, que eu mandei o convite, pra todas as minhas tias avós, mas eu só conheço uma. Não, não veio, porque ela tava muito velhinha, eu já sabia que não vinha, noventas anos. (Risos) Noventa e nove na época, mas depois ela já faleceu. Eu sei que não vai vir, ela não vem nunca, nunca. Não dá pra vir de Goiana pra São Paulo, mas tudo bem.

No caso do Fernando, também. A gente fez a lista e depois falou pros pais dele. A gente tem os nossos convidados os mais próximos quem mais precisa convidar. Porque tem os primos dos pais dele, da mãe dele mais, porque o pai dele é filho único. A família é menor. E aí foi, vai primo, vai tia, vai não sei quem. (Risos) Um monte.

P: Quantos convidados foram no total?*Lia:* Acho que convidou, eu acho que eram mais ou menos duzentos e oitenta convidados. No dia tinham duzentos e trinta.*P:* Certo. Tá, tá certo. E me conta uma coisa, já que estamos falando de convidados e presentes? Como foi feita a lista de presentes? Teve lista? Não teve? A volta de lua-de-mel? Como essa parte dos presentes ocorreu? Era importante presente pra vocês? Por quê? Entendeu?*Lia:* A lista a gente decidiu por fazer lista, porque a gente já morava junto. Então a gente já tinha muita coisa, a gente já tinha o básico da casa toda. Aí a gente fez uma lista de presentes, pra não ganhar, assim, coisas é que já a gente já tinha. E também o apartamento é muito pequeno, a gente não tinha onde colocar. Tanto que até hoje, a gente não tem espaço, a gente mandou fazer um monte de armário. Você esta vendo tem armário pra tudo quanto é lado. Que tem um monte de presente fechado, que eu nunca usei. que a gente nunca usou, e a gente nunca usou porque não tem espaço. É, então. (Risos) Tem coisa que eu nem sei que tem. Hoje a gente tava vendo é as travessas o que que colocava na mesa. Aí o Fernando falou – aí a gente tem um tábuá, não tem uma tábuá de frios?! Ai eu falei – ah tem tem, tem uma lá na cozinha, que a gente nem usa. Aí ele falou: - ah não esses dias eu subi ali no armário pra pegar alguma coisa, e, eu vi que tinha mais duas tábuas aqui em cima que eu nem sabia que existia. A gente fez lista, duas listas. É duas lojas. E:: diferente. Mas aí você acaba ganhando presente de tudo quanto é loja. Aí é um problema, porque tem presente que a gente nem conseguiu trocar, porque é de loja de outra cidade e a gente acabou nem indo.

P: Sei. E lua-de-mel, cota de lua-de-mel, fez alguma coisa assim? *Lia:* A principio a gente fez uma cota de lua-de-mel. A gente fez uma cota, a gente já morava junto. Aí todo mundo perguntava, ah vocês não precisam de geladeira? Falava não. Eu já tenho geladeira. Já tenho geladeira. (Risos) Vocês não querem um sofá. Eu já tenho sofá. (Risos): É, eu falava não eu já tenho sofá. Vocês não querem trocar a cama. Não a cama é nova, sabe não tem nem um ano. Não precisa trocar a cama. Aí a gente: - ah vamos fazer uma cota, vamos ver. Ai a gente fez um planejamento de onde iria passar a lua-de-mel, e a gente fez uma cota.

Só que aí os padrinhos decidiram dar a lua-de-mel. É. Aí eles acharam já que eles iam dar a lua-de-mel e que a gente ia a casar, e nós fomos os primeiros amigos a casar, tanto dele, quanto os meus. E aí, ah vamos dar a lua-de-mel. E aí eles entraram lá. Porque a principio a

gente tinha pensado em fazer um cruzeiro pelo nordeste. Só que viajar aqui no Brasil, também tá ficando muito caro. Aí eles decidiram que não. Já que o cruzeiro no nordeste saí mais ou menos esse valor, aí eles foram ver uns outros cruzeiros. Os padrinhos lá, porque eles que decidiram. Aí eles viram um outro cruzeiro, pelo Caribe. Aí eles acabaram falando, vocês não querem ir, tal. É o mesmo valor do Cruzeiro pro nordeste, e a gente acha mais legal e não sei o que. E aí a gente acabou falando: - ah tudo bem né. E aí eles fecharam e deram toda a viagem pra gente, né. *P:* O::: que legal, hein. Legal! Então teve uma lua-de-mel, foi um cruzeiro no Caribe?*Lia:* Foi, foi um cruzeiro no Caribe. Foram, acho que sete dias no cruzeiro. É, muito foi muito bom. Tanto que eu não gosto muito de praia, mas foi muito bom. Adorei, adorei.

P: Que máximo, que máximo. Então, só pra falar algumas coisinhas: decoração, DJ, cerimonialista? Tudo foi essa pessoa?

O DJ já era a casa. E o vallet. Aí a gente marcou um dia com o DJ, porque no começo, você quer fazer tudo nos mínimos detalhes. Aí a gente falou: - não a gente vai com o DJ, conversar que música, que a gente quer que musica que a gente não quer. É, a gente achou que ia fazer isso, escolher música por música. Aí a gente foi se reuniu com o DJ, foi um dia a noite. Tava os dois cansados, a gente não agüentava mais, aí a gente falou: - olha é assim, a gente gosta disso, é::: nenhum dos dois gosta de pagode, então não pode tocar pagode, de jeito nenhum. (Risos) Não toque pagode, não toque. É, eu gosto muito de rock. Mas não gosto desses rock's atuais assim que ficam passando, sabe Detonautas, isso. Então eu falei, não pode tocar, porque se tocar eu vou ficar de mau humor.(Risos) É, então tá bom. Aí ele anotou lá, a gente acabou escolhendo o que não poderia tocar. Não pode tocar isso, não pode tocar aquilo. Porque a gente abriu mão de escolher, música por música, de escolher tema, sabe o que entrava primeiro, o que entrava depois. Porque ninguém agüentava mais.

P: E na Igreja teve coral?*Lia:* Teve, teve um coral. *P:* E, foi vocês que escolheram também?*Lia:* A gente escolheu, porque eles dão um caderninho, né. É, eles dão um caderninho, vendo o que que você pode escolher. Quais são as empresas que podem lá tocar. Quem pode ir lá e fazer o coral. Quais as empresas que podem fazer a decoração, e aí a gente acabou visitando. É, tem as regrinhas. E a gente acabou visitando é::: alguns corais. E aí tinha um que por indicação. Alguém tinha, eu não me lembro quem já tinha indicado esse coral. Mas aí uma das noivas que ia fazer, casar no mesmo dia que a gente, é ela falou que o coral dela ia ser aquele. Aí a gente acabou indo lá conversar com o coral, e aí como eles já iam fazer o casamento no dia, eles já deram um desconto. Aí a gente acabou fechando.

P: Quem arcou com essas despesas? *Lia:* A gente pagou parte. Os pais do Fernando pagaram a casa. E meu pai mandaram um dinheiro depois. Não botou muita fé que a gente fosse casar, não. (Risos):É, ai acabou cobrindo umas cosias. *P:* Então teve ajuda de todos os lados, na festa.

P: Agora pra finalizar, porque você já me falou de presentes, você me falou da organização, você falou dos convidados. *É:::* você acha que os convidados se misturaram na festa? Ou eles se agruparam de acordo com o seu nicho ali? Ou como é que você acha que deu, como é que você sentiu que deu, assim, essa relação dos convidados, o anfitrião que era você, o Fernando? *Lia:* Eu acho que eles se agruparam, mas a gente já esperava. Tanto que quando a gente escolheu a casa, a gente achou que era perfeita, porque tinha ambientes divididos, separados. Não era só um salãozão, então a gente falou, ah é, essa sala dá pra gente fazer uma pista, essa outra sala, dá pra gente fazer um lounge que era pro pessoal mais jovem. E tinha uma outra sala mais afastada que era pro pessoal mais velho. E foi o que aconteceu, porque o pessoal mais velho fica praticamente a noite inteira sentado conversando. Porque o casamento pras pessoas mais velhas é uma oportunidade deles se encontrarem, deles se falarem. Ah, pros mais novos também, mas eles curtem mais, eles vão dançar, eles vão beber.

P: Certo. Ah, e a bebida? *Lia:* A bebida, a gente escolheu assim, não lembro se a gente discutiu muito sobre bebida, mas a gente conversou que cerveja não dava. Não. Aí a gente acabou escolhendo um pró-seco, pra brindar e tal. E whisky, que o Fernando adora whisky. E aí a cada amigo que vinha do exterior, a gente pedia uma caixa. É, e assim mesmo. Porque a gente tem uma amiga que vai casar e a gente foi viajar e trouxe uma caixa pra ela. É, uma troca mesmo. E no dia. É na época a gente comprou whisky, pró-seco e vodka pra caipirinha. Isso, e aí a Sandra, ela que organizou ela falou: - ah eu tenho um rapaz, são gêmeos que eles sempre fazem pra mim, então se vocês não se importarem eu queria por eles, porque eles são muito bons. Eu falei, não. E aí foram eles de barman, é muito engraçado, porque as pessoas me encontram hoje, e falam: - ah, aqueles barman, aí a gente ia no bar vinha o cara e aí a gente ia no outro bar vinha o mesmo cara. As pessoas sempre comentam, até hoje alguém comenta a historia do barman. (Risos)

Mas e daí que você tava falando dos convidados e tal, eles se agrupam mesmo. Se agrupam, né. A gente viu que a família fica mais agrupado, os mais velhos, os amigos, assim. Eu tinha um pessoal, que eu convidei do Laboratório, que é da onde eu faço o doutorado, que eles ficaram mais entre eles. E o Fernando na época convidou o pessoal da empresa que ele tava trabalhando. Que ficaram só eles também. Tanto que assim quando ele comenta de

alguém, de alguma coisa, eu falo: - nossa eu nem lembro, nem me lembro de ver essa pessoa no casamento. (Risos) É, nossa eu falo nossa mas foi mesmo?! Foi é fulano, era do trabalho. Nossa eu nem lembro, porque eles ficaram mais separados, assim. Aí os nossos amigos, amigos de infância, tal. Eles ficam mais juntos, porque já se conhecem então. Mais juntos.

P: Legal. A importância mesmo da festa e do ritual? *Lia:* Ah, tá. Ah, no começo a gente foi assim, ah vamos casar, então vamos. Daí a gente começou a gostar do negócio. Eu não achei que eu fosse gostar tanto disso. (Risos) De me vestir de noiva, e aí começou a ficar muito legal. Eu gostava, assim, cada vez que eu ia experimentar o vestido. Aí eu me empolgava mais. E 6: Quando colocava o véu eu falava: - nossa, como é legal. Aí eu comecei, ai a coisa foi ficando mais importante, assim.

P: Sei, sei. Mas antes, vocês pensaram em casar. Você falou que foi muito a influência do Fernando, né?! *Lia:* Foi, porque ele queria casar. *P:* Pra ele era importante. Era só por causa da avó? Ou tinha mais alguma coisa dentro de vocês? *Lia:* (Risos) Era bem mais da parte dele, durante o processo que eu fui me encantando, fui gostando, tanto que no começo essa história, eu assino o nome dele agora. E eu falava que eu não ia assinar, eu não vou assinar, eu não vou trocar todos os meus documentos. (Risos) Imagina!? Ele ficava sempre: - ah, tá bom você faz o que você quiser né. (Risos) (Risos) Tá bom assim, mas nunca reclamou. E aí eu tinha uma amiga que era casada na época e ela assinava o nome do marido, ela falava. Aí um dia conversando com ela, ela falou assim: - olha, é uma coisa que não custa nada, assim. É só um trabalho e eles não se importam, eles dizem que não que tudo bem, mas no fundo eles se importam. E aí o dia que eu virei pra ele falei: - ah, eu tô pensando em mudar meu nome, em assinar o seu nome. Ele ficou muito feliz, muito. Aí eu acabei, falando: não eu vou assinar mesmo o seu nome.

P: Virou importante pra ele? *Lia:* É, virou o importante pra ele, ter o nome dele também, porque no começo era mais assim, nossa vai me dar tanto trabalho, vou ter que trocar todos os meus documentos, vou ter que trocar tudo. E aí eu tenho uma amiga que é advogada, e ela falava: - olha você vai ter que tirar seu diploma de novo. Eu falava: - Aí meu Deus que coisa trabalhosa. (Risos) Falei não, não vou fazer tudo isso. Era assim por preguiça do trabalho de ter que fazer toda a troca, do que o problema de assinar o nome dele e perder a minha identidade. Porque tem muita gente que fala isso, né. Eu tenho uma amiga que fala não, não é a minha identidade.